Bibliotheca do sportsman e do agricultor

iradas em Portugal

N.º 2

POR

es de Sá

Propaganda da revista A CAÇA

LISBOA
TYP. E LITH. DE RICARDO DE SOUZA & SALLES
Rua Nova do Loureiro, 25 a 39

1903

Bibliotheca do sportsman e do agricultor

N.º 2

TOIRADAS EM PORTUGAL

POR

AYRES DE SÁ

Propaganda da revista

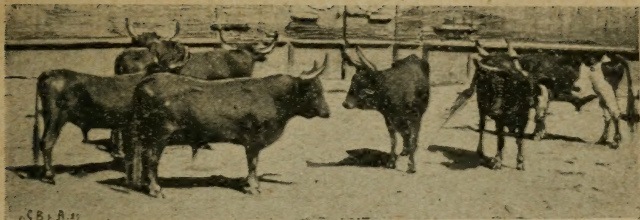
A CAÇA

AO SEU AMIGO

Dr. Henrique Anachoreta

OFFERECE

AYRES DE SÁ

I

ESPECIALMENTE revela-se, a índole dos povos, na maneira como se divertem, e, passando da nação á familia e da familia á pessoa, póde-se julgar do que se chama caracter, observando quaes são as fórmulas de manifestar contentamento.

Gostavam os gregos dos combates de força, corpo a corpo, e de todos os exercicios que tendiam a desenvolver os musculos; celebravam as festas, dos seus deuses, com jogos de gymnasticas, tanto mais famosos, quanto mais formosas eram as linhas que a Natureza traçara na sua estructura physica, e o gladio, a poma e mil outros modos de gymnasticar, tinham burilado. Ao som das flautas e dos cymbales exercitavam-se na lucta e sahiam d'ella com mais vida do que antes. A dignidade dos homens e o pudor das damas não se offendiam consentindo que se mostrassem nús em plena arena,

antes era um pretexto para se formarem concursos artisticos de belleza.

Com esta maneira de divertimento os gregos foram os creadores da poesia, propriamente dita, disseram a primeira palavra em todas as sciencias, e a ultima nas artes; transformaram a religião campestre e maritima na religião artistica e foram buscar aos cultos o theatro. Não está tudo isto de accordo com a maneira como se divertiam?

Logo depois vieram os romanos, conquistadores, disciplinadores e colonisadores como não foi outro povo, alêm dos inglezes, que lhes seguem as tradicções; os romanos divertiam-se nos Colyseus onde buscavam saciar-se; quanto mais se misturava na areia doirada o sangue dos gladeadores, das feras, dos homens e dos escravos, que não eram homens, mais bello era o espectaculo; o vermelho era para os romanos o que, para os gregos, era o branco dos seus corpos alabastrinos.

E, de facto, os romanos pretendiam imitar os gregos, que representavam, na sociedade do Lacium, o mesmo papel que os parisienses desempenham nas sociedades latinas e slavas; não podiam deixar de affeiçoar á sua maneira de ser tudo que vinha de Athenas, eram senhores na moda, emquanto que nós somos escravos d'ella. Em todo o caso não se poderá dizer que os historiadores latinos, os poetas e os esculptores, foram mais notaveis que os gregos, de tudo que veiu da Grecia para Roma o que tomou fórma caracteristica foi, unicamente, o Colyseu.

N'estes dois povos demonstra-se bem o que são os caracteres de raça nos divertimentos.

Acabando a Roma viva e a Grecia, que nunca ha-de morrer, estabeleceu se a confusão iniciada pelos movimentos dos barbaros e pelas doutrinas religiosas que baniam a arte, a sciencia e todas as manifestações que permittem a uma sociedade que se chame culta.

Quem dissér que o municipio estabelecido na Hespanha é de origem romana, quem dissér que a maneira de combater dos visigodos e ostragodos é de origem romana, erra tanto como quem dissér que se prende em igual origem a invenção das toiradas.

Na confusão que se estabeleceu perderam se as noções adquiridas, porque, a despeito do grande pensador Comte, a sociedade tem estas soluções de sequencia, que muito perturbam a evolução, descripta, com mais habilidade que sciencia, na lei dos tres estados. Com os conhecimentos que se esconderam nos manuscriptos archivados nos conventos e nas estatuas sepultadas na terra, desappareceu a vida romana e os povos, que se

iam estabelecendo nos logares conquistados, adquiriram os costumes que resultaram do mixto hectorogenio do que traziam com o que, novamente, precisavam.

A influencia erudita, a maneira de ser romana e grega só se accentuou no seculo xv e teve uma verdadeira ressurreição no seculo xvi, a este movimento chamou-se Renascimento, mais vulgarmente : Renascença.

Tudo quanto se conhecia antes, era barbaro com tintura classica, mas nada se podia dizer imitação da Roma pagã, porque a Egreja fôra a cancellaria d'essa civilisação e guardava-a utilisando-a em seu proveito, do que lhe advinha a força extraordinaria com que dominou até ao seculo xvi.

Do seculo xi ao seculo xiv o obscurantismo era completo e os codigos manifestavam as costumagens populares dos godos e não as fórmas eruditas dos romanos, é, mesmo, n'este ponto, que está a originalidade da dominação germanica, originalidade que, durante tres seculos (xvi a xviii), se pretendeu refutar e que, hoje, está perfeitamente estabelecida e reconhecida por todos os que se occupam da historia medieval. Por isto dizemos que a origem das toiradas não é romana, assim como a origem dos Colyseus não é grega.

Provocar a lucta e buscar, na proximidade da morte, as emoções, é um dos caracteristicos das organisações fortes, tanto assim que, quanto mais os homens se absorvem nos prazeres chamados *mundanos*, tanto mais se enfraquecem e se tornam incapazes de entrarem em lucta com as feras, que a civilisação vae affastando e extinguindo.

Na edade média, em que a guerra constituia a occupação, por excellencia, nada mais prejudicial para um cavalleiro do que passar alguns mezes sem soffrer as alterações do combate, por isso procuravam nos bosques o que não encontravam nas villas e cidades, combatiam os animaes ferozes a que se chama lobos, ursos, javalís e veados, emquanto não guerreavam com os animaes ferocissimos a que se chama homens, e era tão famoso o que se tornava notavel na caça, que, das suas façanhas, caçando, tirava os seus brazões e pelas suas façanhas, caçando, ficava conhecido; assim, o Nobiliario do conde D. Pedro, diz, algumas vezes: «(Fulano) que matou o urso.» Este *o*, tem, no caso sujeito, a significação de *um*. Na caça prendem-se as mais bellas lendas medievaes; das mais notaveis é a do celebre D. Fuas Roupinho, tão lendario como a famosa maneira que teve para se livrar do diabo, que perseguia, suppondo perseguir um veado. Um conto de lareira, reflectindo as pavorosas lendas dos seculos x, xi ou xii, tem, sempre, um rei que se perdeu n'uma caçada; é que a caça era a melhor occupação de um principe, a unica,

talvez, em que um grande senhor devia esperar a occasião de combater com os homens.

Espontanea nasceu, entre os cavalleiros, a idéa de combater em redondél, e, d'ahi, como o espirito é, sempre, enventivo, essa complexidade de exercicios a que se chamou torneio e que foi ensinada aos principes, até aos fins do seculo XVIII. Um torneio e uma caçada eram a imagem da guerra, portanto deviam ter por actores os principes, os condes e os barões que só viviam para batalhar, n'um tempo de guerra, em que só era homem quem era guerreiro. Estas inveteradas tendencias guerreiras é que deram o temperamento altivo e pueril da nobresa latina, que, á força de se afastar das classes commerciaes, n'um tempo em que essas classes preponderam, encontra-se abatida e vê-se obrigada, para não cahir no ridiculo, a occupar-se da sciencia, que, ha dois seculos, era a vergonha de um cavalleiro, guerreiro ou nobre, que tudo significa o mesmo.

Temos visto, até aqui, que os gregos, sendo primorosos em todas as manifestações artisticas e scientificas, manifestavam o seu contentamento na contemplação da belleza plastica; que os romanos, sendo conquistadores e tentando ser imitadores dos gregos, expressavam o seu contentamento vendo correr sangue em espectaculos de volupia feroz; e que os godos, guerreiros, mostravam a sua alegria nos combates pessoaes com as feras ou simulando guerras nos torneios; assim, parece-nos que se demonstra o que dissemos no principio do que vamos expondo.

*

*   *

Na fauna hispanica encontravam-se, ha sete seculos, grande numero de animaes ferozes, aos que já citámos deve-se accrescentar o boi bravo, o toiro.

Nunca encontrámos noticia de que o toiro fosse caçado, como o lobo, o veado, ou o urso, mas, desde o seculo XI, encontrâmos que foi aproveitado para o combate com os cães, altamente apreciado pelos arabes. Sendo d'uma raça que se especialisa pelo optimo sabor da carne e pela utilidade no trabalho, o toiro, talvez que, desde a mais alta antiguidade, fosse sequestrado á Liberdade e vivesse em rebanhos, com as ovelhas, as cabras, e, hoje, os veados, nas tapadas; mas, como os *curros* não se vendiam nem se alugavam, é, tambem, provavel que os donos tratassem, logo, de os amansar, para os occuparem na lavoira; assim haveria muito poucos bois bravos, mas nunca deixariam de existir para se procrearem.

Todas as manifestações da arte trazem o cunho da epocha em que se desenvolveram, succede isto com a esculptura, com a pintura, com a litteratura, dá-se o mesmo com o theatro e com as toiradas; quem fôr vêr uma toirada de curiosos, logo se transporta aos seculos XVII e XVIII; não ha nada nas toiradas que não traga o cunho das modas de Luiz XIV e de Luiz XV, á simples observação conclue-se que foi n'este tempo que estes espectaculos tomaram verdadeiro esplendor; e assim é. Deve-se aos gregos o theatro, que já vinha latente das civilisações bramanicas, devem-se aos hespanhoes as toiradas que já vinham latentes desde que se conheceu que os bois bravos se prestavam ao combate provocado, e assim como não se consideram os indús, como progenitores do theatro, porque não o definiram, assim não se pódem considerar os romanos progenitores das toiradas, pelo facto de metterem no Colyseu os toiros.

Uma toirada, definida com este nome, é o combate do homem com o toiro, e nunca se póde considerar, como tal, o combate do toiro com outro animal feroz, ou o seu encontro com um escravo quasi indefeso e votado á morte.

Já antes do seculo XVII encontramos algumas toiradas; n'este ponto daremos a palavra ao dr. Gaspar Fructuoso, que, no seculo XVI, escreveu o seguinte, a respeito de Frei Gonçalo Velho, descobridor da Terra Alta, em 1416, e dos Açores, em 1431-1432, tão notavel que tem logar em todos os factos principaes que se deram no seculo XV:

«Era Gonçalo Velho, o famoso commendador de Almourol e primeiro capitão, que foi, da ilha de Santa Maria e, d'esta, de S. Miguel, tão valente da sua pessoa, que mandando, el-rei D. João, correr toiros em Evora, mandou elle fazer um cadafalso para levar a vêl-os umas sobrinhas suas, D. Cecilia e D. Catharina e outras parentas. Estando já o curro serrado entrou elle, com as sobrinhas, e, passando, com dois pagens, que iam diante, para o cadafalso, estava para se correr um toiro poderoso e bravo; mandou, el-rei, o lançassem no curro a Gonçalo Velho, que ia passando com as sobrinhas. Tanto que o toiro entrou no curro foi arremettendo a elle; recolheu, com o braço esquerdo, para traz, aos pagens, junto das sobrinhas, e chegando o toiro, já muito perto, abaixando a cabeça e fechando os olhos, como costumam para o accommetter, tirou, elle, d'um terçado, que levava na cinta, e, dando-lhe um golpe no gerjilho, junto dos galhos, no logar onde lhe dão quando os matam, derrubou-lhe a cabeça, de maneira que cahiu o toiro por terra, perneando e acabando a vida.

Alimpou o terçado no mesmo toiro, com muita quietação, dizendo:

Os rapases, que cá vos mandaram, outro tanto lhe fizera eu, se cá os apanhára.

Levou, as sobrinhas ao cadafalso.

João Rodrigues da Camara, quarto capitão d'esta ilha de S. Miguel, contava, pela ouvir na côrte, onde andava, esta historia miudamente.»

D'esta noticia conclue-se que os grandes senhores mandavam fazer os seus cadafalsos ou tribunas, para assistir ás toiradas, costume que se estendeu, como veremos, até ao seculo XVIII. Tambem não queremos que fique no esquecimento, fallando-se de toiradas, esta façanha de Frei Gonçalo Velho, o primeiro descobridor portuguez, referida por um escriptor que documentava quasi todas as suas asserções.

El-rei D. João II gostava muito de toiradas. No cap. LXXVI da chronica que d'elle escreveu Garcia de Resende lê-se:

«Do que el-rei fez indo, com a rainha, a vêr correr toiros em Alcouchete.—

Estando el rei em Alcouchete, indo um dia, de casa, a pé com a rainha e damas e senhores e muitos fidalgos a vêr correr toiros no terreiro, junto da egreja; acertou que, mettendo um toiro na cancella, fugiu do curro e veio para a rua principal, por onde el-rei ia, e, deante do toiro, vinha muita gente fugindo, com grande grita. Foi o receio tamanho nos que iam deante d'el-rei que todos fugiram e se metteram por casas e travessas; e el-rei, só, tomou a rainha pela mão, e poz se deante d'ella com a capa no braço e a espada apunhada, com muito grande segurança. Esperou, assim, o toiro, que quiz Deus que passou sem entender n'elle, de que muitos fidalgos e outros homens ficaram mui envergonhados e elle com muita honra, e foi sorte que, se a el-rei vira fazer a outrem, lhe fizera por isso muita mercê, segundo estimava as coisas bem feitas. E porque D. Jorge de Menezes, seu pagem da lança, que lhe trazia a espada, não vinha pegado com elle e ficava um pouco atraz com as damas, quando pediu a espada e o não viu, posto que lh'a deu muito prestes, o arrepelou primeiro que a tomasse.»

No cap. CV, da mesma chronica, diz o mesmo chronista: «Do que el-rei fez a um homem que esperou um toiro.—

Estando, um dia, el-rei, vendo correr toiros em Evora, no terreiro dos paços, estava uma tranqueira mal concertada e com muita gente n'ella, e um toiro, muito bravo, quiz sahir por ella, e a gente toda fugiu. Ficou, sómente um homem, que estava detraz dos outros, embuçado com uma capa e um sombreiro, o qual levou da capa e da espada e, só, ás cutiladas, muito valentemente, defendeu a passagem ao toiro e o fez tornar atraz. Poz el-rei, os olhos n'elle, pelo tão bem fazer, e o

mandou, logo chamar e perguntou-lhe que homem era e com quem vivia e o que fazia na Côrte, e tanto apertou com elle que o homem lhe disse que tinha morto um homem, em Lamego, e que, por não ser conhecido na Côrte nem em Evora, andava hi escondido.

Mandou, logo, el-rei, chamar o corregedor, e, cuidando o homem, que era para o mandar prender e justiçar, lhe disse: *Corregedor, encommendo-vos muito que me livreis este homem de qualquer maneira que poderdes, que receberei n'isso muito prazer.*

E o corregedor o fez assim e, tanto que foi livre, el-rei o tomou por seu creado e lhe fez mercê, e, d'esta maneira, estimava e favorecia os valentes homens.»

N'um paiz, como foi o nosso, que passou o melhor tempo da sua vida, o tempo em que devia gosar o fructo dos trabalhos da juventude: as conquistas na metropole e os descobrimentos, alêm-mar, a soffrer os terrores do fanatismo, não admira que a Historia seja quasi muda ácerca de divertimentos, porque, de facto, raras vezes os havia, que merecessem menção. Citam-se, antes d'este periodo, os que el rei D. João II mandou celebrar em Evora, quando casou o principe D. Affonso, e mais nada; portanto não admira que os elementos para estudar as toiradas sejam pouquissimos, faltava o objecto do estudo; os reis não celebravam as suas festas só com toiradas, celebravam-n'as com autos de fé, ácerca dos quaes, em compensação, temos infinitos elementos para fazer a Historia.

Em Hespanha, já no seculo XVII, a toirada satisfazia, completamente, o genio hespanhol e caracterisava-o; ao lado da Inquisição prestava-se ao derramamento de sangue, que é o maior prazer que póde gosar um hespanhol. Provando isto, que dizemos, vamos referir, o que diz o tomo III da *Relation du voyage d'Espagne*, feita e descripta por uma dama de grande espirito e que não se assigna, dizendo-se Madame B**** D**. Foi impressa a obra, em Paris, «Chez la Veuve de Claude Barbin, au Palais, sur le second Perron de la Sainte Chapelle.», com privilegio do rei, em 1699.

Conta a dama, em carta datada de Madrid, a 29 de maio de 1679, que assistiu a uma toirada, que descreve assim:

«... Os cavallos, que servem para as toiradas e apropriados para este genero de festas, augmentam muito de preço e são muito procurados.

O rei, querendo divertir-se, deu ordem para se realisar uma toirada no dia 22 d'este mez, fiquei muito alegre com isto porque, tendo ouvido fallar em toiradas, nunca vira nenhuma, até agora, e o juvenil conde de Conismark, sueco, quiz tourear em honra da filha d'uma amiga minha; de maneira que fiquei ainda

mais enthusiasmada para ir á Praça Mayor, onde a minha parenta, na qualidade de titular de Castella, tinha a sua janella marcada, ornada de um docel, e com tapetes e almofadas da casa real.

Para vos informar bem, de tudo que se passa n'este genero de festas, devo dizer-vos que, tendo o rei ordenado que se faça uma toirada, levam para as montanhas e florestas d'Andaluzia, vaccas, chamadas mandarinas. Sabe-se que os toiros mais furiosos estão n'esses sitios, e, como as vaccas são brincalhonas (se é permittido fallar assim) internam-se na montanha; os toiros vêem-n'as e apressam-se a fazer-lhes a côrte, ellas fogem, elles perseguem-n'as até que ellas os chamam a umas palissadas que, para isso, se põem ao longo dos caminhos, os quaes teem, algumas vezes, 30 e 40 leguas. Muitos homens armados de chuços e bem montados, perseguem estes toiros e impedem-n'os de voltar para traz; mas, algumas vezes, são obrigados a combater com elles, dentro d'estas barreiras, e, frequentemente, ahi ficam mortos ou feridos.

Homens postados nos caminhos, veem dar aviso do dia em que os toiros chegam a Madrid; então collocam-se palissadas na cidade, a fim de que os toiros não façam mal a ninguem.

As mandarinas, que são verdadeiras traidoras, caminham, sempre adiante e os pobres toiros seguem-n'as, de bom grado, até á praça destinada para a corrida, onde construem expressamente, um grande toiril com taboas dispostas de maneira a encerral-os. Reunem-se ahi, algumas vezes, 30, 40 e, até 50.

Este toiril tem duas portas, as mandarinas entram por uma e escapam-se pela outra, e, quando os toiros querem continuar a seguil-as, descem um alçapão e deixam-n'os presos. Depois de terem descançado algumas horas, obrigam-n'os a sahir do toiril, cada um por sua vez, para a praça, que se enche de grande numero de rapazes do campo, valentes e robustos; uns agarram o toiro pelos cornos, outros pela cauda, e, porque o marcam no quarto trazeiro e lhe fendem as orelhas, chamam-lhes ferradores. Mas isto não se faz tão cautelosamente que não haja, algumas vezes, muita gente morta; é um preludio que dá sempre muito prazer ao povo, ou porque gosta de vêr derramar sangue, ou, sómente, porque ama as coisas extraordinarias que o intimidam momentaneamente e lhe permittem fazer, em seguida, longas reflexões; mas se o povo se deleita com o que ha de desagradavel n'este divertimento, não parece que tire vantagem d'isso, porque está sempre prompto a expor-se em todas as toiradas que se realisam.

Dão de comer aos toiros, escolhem os melhores para a toirada, de que já teem conhecimento por serem filhos ou irmãos

dos que fizeram carnagem nas festas precedentes. Prendem-lhes aos cornos uma fita comprida, por cuja côr todos os conhecem e contam a historia de seus avós, dizendo que o avô ou o trisavô de tal ou tal toiro foi morto corajosamente, por fulano ou sicrano, e não julgam menos valor nos que vêem.

Quando os toiros teem descançado o tempo sufficiente, cobrem de areia a Praça Mayor e collocam-se, em volta, as trincheiras da altura d'um homem e adornadas com as armas do rei e dos seus reinos. Parece-me que esta praça é maior que a Place Royale; é mais comprida que larga, com porticos sobre os quaes são construidas as casas, semelhantes umas ás outras, feitas á maneira de pavilhões, com cinco andares, tendo, cada um, uma fila de janellas saccadas, para as quaes se passa por grandes portas envidraçadas.

A janella do rei é mais saliente que as outras, mais espaçosa e toda doirada; está ao centro d'um dos lados da praça e tem um docel, por cima. Em frente estão as janellas dos embaixadores que se reunem tendo capella, isto é: monsenhor nuncio, o embaixador do imperador, o embaixador de França e os da Polonia, de Veneza e de Saboya; os de Inglaterra, da Hollanda, da Suecia, da Dinamarca, e dos outros principes protestantes, nunca teem logar ahi. Os conselhos de Castella, d'Aragão, da Inquisição, de Italia, de Flandres, das Indias, das Ordens, da guerra, da cruzada e da fazenda, ficam á direita do rei; conhecem-se pelas armas que estão sobre as suas alcatifas de veludo carmezim, bordadas a oiro. Em seguida, a representação municipal, os juizes, os grandes e os titulares, a quem se dá logar segundo a sua cathegoria e á custa do rei ou da cidade, que aluga as janellas de diversos particulares que ahi moram.

Da parte do rei dão a todos, os que acabo de mencionar, uma merenda, n'um cesto muito elegante, e trazem ás damas, com esta merenda, que consiste em fructas, doces sem calda e aguas geladas: luvas, fitas, leques, pastilhas, meias de seda e ligas. De fórma que estas festas custam, sempre, mais de cem mil escudos, e esta despesa faz-se com o producto das multas que são adjudicadas ao rei ou á cidade É um fundo em que ninguem tocaria nunca, para tirar o reino do maior perigo, se tal se fizesse podia haver uma revolta; tanto gosta o povo d'este genero de prazer.

Entre o chão e a primeira janella fazem-se tablados para dar logar ao povo. Aluga-se uma janella por 15 e 20 pistolas e não ha nem uma só que deixe de ser occupada e ornada com ricos tapetes e magnificos doceis. O povo não tem logar sob a janella do rei, este logar é tomado pelas suas guardas. Ha só tres portas abertas pelas quaes, as pessoas de qualidade, en-

tram nos seus melhores coches, em especial os embaixadores, e descrevem, na praça, muitas voltas, durante algum tempo, antes do rei apparecer. Os cavalleiros saúdam as damas que estão nas janellas, sem mantilhas na cabeça, adornadas com todas as suas joias e com o que possuem de mais sumptuoso. Só se vêem estofos magnificos, pannos de raz, cochins e tapetes bordados a oiro, em alto relevo.

Nunca vi nada mais deslumbrante.

A janella do rei é guarnecida de cortinas, de verde e oiro, que corre quando não quer que o vejam.

O rei veiu perto das 4 horas e, logo, todos os coches sahiram da praça. E' ordinariamente, o embaixador de França que ahi se torna mais notado, porque elle e toda a sua comitiva vestem á francesa; é o unico embaixador, que tem aqui este privilegio, quanto aos outros vestem-se á hespanhola. Mas, o marquez de Villars ainda não chegou. O coche do rei é precedido de outros 5 ou 6, onde veem os officiaes, os gentis-homens e os pagens da camara, e o coche de respeito, sem pessoa alguma dentro, precedendo, immediatamente, o coche de Sua Magestade; cujo cocheiro e batedor andam sempre com a cabeça descoberta; um creado a pé, leva-lhe o chapeu.

Os guardas de pé rodeiam o coche. Os que se appellidam guardas do corpo, teem partasanas e marcham muito proximo do coche, e, ás portinholas, grande numero de pagens do rei, vestidos de negro e sem espadas, que é o unico distinctivo que os dá a conhecer por pagens. Como já foram nomeadas as damas, destinadas a constituir a côrte da juvenil rainha, apparecem todas, sob a direcção da duqueza da Terranova, nos coches do rei, á portinhola dos quaes caminham os fidalgos uns a pé, para ficarem mais proximos e outros montados nos mais bellos cavallos que se teem visto, ensinados para isto, e a que chamam: cavallos de manejo.

Para fazer esta galanteria é necessario ter obtido permissão da sua dama, d'outra fórma dar-se-hia motivo para grandes censuras e, mesmo, a uma questão com os parentes da dama, que tomariam, esta liberdade, em pontos d'honra. Quando a dama o consente permitte-se fazer todas as galanterias a que, este genero de festas, dão occasião; mas, ainda que elles nada tenham a temer da parte das damas que servem, nem das suas familias, ainda assim não ficam resolvidas todas as difficuldades, porque as donas de honor, de que ha uma provisão incommoda, em cada coche, e os guarda-damas que marcham a cavallo, são importunos vigias.

Apenas se começou um pouco de conversa, as velhas correm a cortina e os guarda-damas dizem-vos que o amor mais res-

peitoso é o mais discreto. Assim, é necessario contentar-se, quasi sempre, com o que dizem os olhos e dar suspiros tão grandes que se ouvem a grandissima distancia.

Estando tudo assim disposto, entram na praça os capitães das guardas e os outros officiaes, montados em magnificos cavallos, seguidos das guardas hespanhola, allemã e borgonhesa, e vestidos de veludo ou de setim amarello, com galões aveludados carmezim, oiro e prata; é a libré do rei. Os archeiros da guarda, a que chamo guardas do corpo, teem, unicamente, uma capa curta, da mesma libré, sobre o fato preto; os hespanhoes teem calções arregaçados á antiga; os allemães chamados tudescos, usam-n'os como os suissos; enfileiram-se do lado da janella do rei, e os dois capitães e os dois tenentes, tendo, cada um, um bastão de commando, na mão, seguidos de muitas librés, marcham todos quatro á frente das guardas e passeiam muitas vezes a praça, para dar as ordens necessarias e para cumprimentar as damas do seu conhecimento; os seus cavallos, cobertos de laços de fitas e de xaireis bordados, saltam cem vezes e dão cem pulos; chamam-lhes *picadores*, para os distinguir. Cada um d'estes senhores ostenta, n'este dia, as côres que as suas damas estimam mais.

Depois do povo sahir das trincheiras e ter tomado logar nas bancadas, rega-se a praça com 40 ou 50 toneis d'agua, conduzidos, cada um, n'uma carroça pequena. Os capitães das guardas veem, então, tomar o seu posto debaixo da janella do rei, onde tambem todas as guardas se collocam, formando uma especie de parede, muito juntos, e, ainda que os toiros ameacem matal-os, não lhes é, nunca permittido recuar, nem sahir da praça, só lhe apresentam as pontas das alabardas e defendem-se com muito perigo; quando matam algum toiro, pertence-lhes.

Asseguro-vos que este numero, innumeravel, de povo (porque tudo está cheio, telhados e tudo), estas janellas tão bem adornadas, com tantas damas formosissimas, esta grande côrte, estes guardas, emfim, toda esta praça, produzem um dos mais bellos espectaculos que eu tenho visto.

Logo que os guardas occupam o que pertence ao rei, entram na praça 6 alguasis ou alcaides da cidade, segurando, cada um uma grande vara branca; são excellentes os seus cavallos, arreados á mourisca, carregados de guisos pequenos, o fato dos alguasis é negro e, na cabeça, usam plumas; no extremo temor que os domina, teem a melhor apparencia de valor, que pódem, porque não lhes é permittido sahir da liça; são elles que vão convidar os cavalleiros que devem combater.

Antes de continuar esta pequena descripção, devo dizer-vos, que ha leis estabelecidas para este genero de corridas, que se

chama duelo, porque um cavalleiro ataca o toiro e combate-o em combate singular. Eis aqui algumas das circumstancias que se observam. E' preciso ser gentil-homem de nascimento e conhecido por tal, para combater a cavallo; não é permittido desembainhar a espada contra o toiro que não vos insultou; chama-se insulto, quando o toiro vos tira da mão o garrochão, isto é, a lança, ou vos faz cahir o vosso chapeu ou a vossa capa, ou feriu a vossa pessoa ou o vosso cavallo ou algum dos que vos acompanham, n'este caso o cavalleiro é obrigado a picar o seu cavallo, direito ao toiro, porque é um *empeño;* isto quer dizer; uma affronta que obriga á vingança ou á morte; é preciso darlhe *una cochillada*, isto é, um golpe, com as costas da sua espada, na cabeça ou no pescoço; mas se o cavallo, montado pelo cavalleiro offendido, não quer avançar, immediatamente põe pé em terra e caminha, corajosamente, contra este altivo animal; está armado de uma chuça muito curta e da largura de tres dedos; os outros cavalleiros que estão na praça, para combater, são tambem obrigados a descer dos cavallos e acompanham o que está no *empeño;* mas não o auxiliam de fórma alguma, para não lhe dar vantagem sobre o inimigo. Indo todos, d'esta maneira, para o toiro, se elle foge para o outro lado da praça, em logar de os esperar, ou de vir para elles, depois de o terem perseguido, algum tempo, teem satisfeito ás leis do duelo.

Quando ha, na cidade, cavallos que teem servido para toirear e que são adestrados, pedem-n'os emprestados mesmo que se desconheçam os donos, não querendo estes vendel-os, ou não tendo, quem os quer, com que os comprar, e nunca tal se recusa; se, por desgraça, o cavallo é morto e o querem pagar, não se acceita, e seria faltar á generosidade hespanhola receber-se dinheiro em taes circumstancias. Entretanto é bastante desagradavel ter um cavallo ensinado com muito custo e que o primeiro desconhecido nos mata, sem mais nem mais.

Este genero de combate é julgado tão perigoso que ha indulgencias abertas, em muitas egrejas, para estes dias, por causa do massacre que n'elles se faz; muitos papas quizeram abolir, de todo, espectaculos tão barbaros, mas os hespanhoes fizeram tão grandes instancias na côrte de Roma, para que lh'os permittam que esta accomodou-se á sua vontade e, até hoje, tem-n'os tolerado.

No primeiro dia em que eu fui aos toiros, os alguasis foram á porta, que fica ao fundo da liça, convidar os seis cavalleiros (dos quaes, era um o conde de Conismark) que se apresentaram para combater, em cavallos admiravelmente bellos e magnificamente ajaesados; sem contar os que elles montavam, tinha, cada um, 12, que, os palaferneiros, conduziam á mão e, tambem, cada

um, 6 mulas carregadas de rojões e garrochões, que são, como já vos disse, lanças de madeiras d'abeto muito secco, de 4 ou 5 pés de comprimento, cobertas de pinturas e de doirados, com o ferro muito polido; as mulas tinham coberturas de veludo, das côres dos que deviam combater, com as armas bordadas a oiro. Isto não se pratica em todas as festas, quando é a cidade que as dá ha muito menos magnificencia; mas como era o rei que a tinha ordenado, e se fazia por causa do seu casamento, nada se esqueceu.

Os cavalleiros estavam vestidos de negro bordado a oiro e a prata, de seda ou de azeviche; tinham plumas brancas salpicadas de differentes côres, que se levantavam, todas, sobre a aba do chapeu, com uma rica insignia de diamantes e um cordão do mesmo, traziam bandas, umas brancas e outras carmezim, azues e amarellas, bordadas a oiro velho, alguns tinham n'as á cintura, outros, postas a tiracollo e outros no braço, estas eram estreitas e curtas; sem duvida era presente das suas damas, porque, de ordinario, elles toureiam para lhes agradar e para lhes testemunhar que não ha perigo ao qual não se exponham, para contribuir ao seu divertimento. Tinham, por cima, um manto negro, que os envolvia, cahindo as pontas para traz; os braços não ficam tolhidos; calçam pequenos borzeguins, brancos, com longas esporas doiradas, que só teem um bico, á moda dos moiros; montam, como estes, com a pernas encolhidas, o que se chama cavalgar á gineta.

Os cavalleiros ficavam muito bem a cavallo, com um excellente porte caracteristico; eram fidalgos, cada um d'elles tinha 40 lacaios, uns vestidos de melania d'oiro, guarnecida de rendas, outros de brocado encarnado, raiado d'oiro e prata, e d'outras maneiras de vestir. Todos estavam vestidos à extrangeira: de turcos, de hungaros, de moiros, de indios ou de selvagens. Grande numero de lacaios conduziam molhos dos garrochões de que vos fallei; este conjuncto fazia um effeito magnifico.

Os cavalleiros atravessaram a Plaza Mayor, com todo o seu cortejo, conduzidos pelos 6 alguasis, ao som dos clangores das trombetas; vieram até defronte da janella do rei, a quem fizeram uma profunda cortezia e pediram consentimento para combater os toiros, o que elle lhes concedeu, desejando-lhes a victoria.

Immediatamente as trombetas começaram a tocar, de todos os lados; é como que o desafio que se faz aos toiros. Todo o povo começou a gritar: *Viva! viva los bravos caballeros!* estes separaram-se, indo cortejar as damas do seu conhecimento.

Os lacaios sahiram da liça, ficando só dois por cada cavalleiro, carregados de rojões: estavam ao lado dos amos e não abandonavam as garupas dos cavallos.

Entram na praça muitos rapazes que tinham vindo de muito longe, expressamente, para combater n'estes dias, veem a pé, e, como não são nobres, não ha para elles, nenhumas attenções.

Emquanto um cavalleiro combate, retiram-se os outros sem, comtudo, sahir das trincheiras e nunca atacam um toiro que começou a combater, excepto se o toiro os investe; o primeiro a quem o toiro se dirige, quando estão todos reunidos, é o que o combate; assim que elle fere o cavalleiro, gritam: *Fulano es empeño*, como se dissessem: é motivo que obriga fulano a vingar se do insulto que recebeu do toiro; de facto o cavalleiro offendido está obrigado, em nome da honra, a ir a cavallo ou a pôr pé em terra, para atacar o toiro e dar-lhe uma espadeirada, como acabei de dizer, na cabeça ou no pescoço, sem lhe tocar em outra parte; em seguida, póde combatel-o como quizer, e bater-lhe onde poder; mas, isto, só se faz, arriscando mil vezes a vida; assim que dão o golpe, que fica dito, estando a pé, pódem montar a cavallo.

Quando o rei entende que é tempo de começar a festa, veem dois alguasis, debaixo da sua janella e o rei dá a D. João a chave do toiril, onde os toiros estão fechados, porque é o rei que a guarda e, quando é necessario atiral-a, dá-a ao *privado*, ou primeiro ministro, em guisa de favor.

Immediatamente, tocaram as trombetas, os tymbales e os tambores, os pifanos, as charamellas, as flautas e as gaitas de folles, fizeram-se ouvir, successivamente; os alguasis, que são, por natureza, grandes poltrões, foram, tremendo, abrir a porta da arribana onde os toiros estavam fechados; um homem, que estava escondido atraz d'ella, fechou a, logo, e subiu por uma escada, para cima do toiril; fazem isto porque o toiro, em sahindo, volta-se para traz da porta e começa a sua espedição por matar, se podem, o homem que lá se esconde; em seguida, põe-se a correr, furiosamente, atraz dos alguasis, que picam os cavallos, para se salvar, porque não lhes é permittido guardarem-se em defeza e a sua salvação está na fugida.

Os homens, que estão a pé, atiram ao toiro, flechas e dardos pequenos, mais aguçados que as agulhas e guarnecidos, completamente, de papel recortado; estes dardos pregam-se no toiro, com tanta força, que a dôr, obrigando-o a contorcer-se, o ferro entra ainda mais, e o papel, que faz bulha, quando corre, incendiado irrita-o extraordinariamente; a respiração transforma-se n'uma nuvem espeça que o envolve, sae-lhe fogo pelos olhos e pelas narinas, corre mais depressa que um cavallo, ligeiro, a toda a brida e segue muito mais firme; em verdade, isto causa terror.

O cavalleiro que deve combater o toiro approxima-se, toma o rojão, segura-o como um punhal, o toiro vem para elle, o cavalleiro furta-lhe o corpo e carrega-lhe o ferro do garrochão, rechassa-o, e o pau que é fraco, quebra-se; logo, os lacaios, que teem dez ou doze duzias de rojões, apresentam outro ao cavalleiro, que torna a fazer o mesmo; de maneira que o toiro muge, irrita-se, corre, salta, e desgraçado de quem se encontrar na sua passagem. Quando o toiro chega proximo d'algum dos que o toureiam, deitam-lhe um chapeu ou uma capa, o que o detem na carreira, ou então, deitam-se por terra e o toiro, correndo, passa sobre quem persegue; usam uns bonecos ou figuras de cartão, muito grandes, para os entreter e dar tempo aos que fogem; tambem ha a vantagem, sobre o toiro, d'este fechar sempre os olhos antes de marrar, n'este momento, os que o toureiam, esquivam se com habilidade, mas isto não é tão seguro que não aconteça muitas vezes, morrerem.

Vi um moiro, que segurando um punhal, muito curto, foi direito ao toiro, quando o toiro estava furiosissimo, e enterrou-lhe o punhal entre os dois cornos, na sutura dos ossos, n'um logar muito delicado, proprio para ser atravessado, porém mais pequeno que uma peça de 15 soldos, foi o golpe mais temerario e mais dextro que se póde imaginar; o toiro cahiu redondamente morto, e, logo tocaram as trombetas e muitos hespanhoes correram com a espada desembainhada, para fazer em bocados o animal que já não lhes podia causar damno algum.

Quando matam um toiro, quatro alguasis sahem e vão buscar quatro mulas que são conduzidas pelos palaferneiros vestidos de setim amarello, misturado d'encarnado. As mulas veem cobertas de plumas e de campainhas de prata, trazem tirantes de seda a que prendem o toiro que ellas arrastam. N'este momento as trombetas e o povo fazem grande bulha.

No primeiro dia correram-se vinte toiros, d'entre elles, um bravissimo, feriu gravemente n'uma perna o conde de Conismark, cujo cavallo recebeu a maior parte da pancada, ficando furado; o conde salta logo em terra, e, ainda que não seja hespanhol, não se quiz dispensar de lei alguma; era um espectaculo digno de piedade, vêr um soberbo cavallo n'aquelle estado, correndo com toda a força á roda da liça e ferindo fogo com as patas; matou um homem pisando-o na cabeça e no peito; abriram-lhe a trincheira e sahiu.

Quanto ao conde, logo que foi ferido, uma hespanhola, dama de magnifica belleza, que julgava que elle combatia por amôr d'ella, debruçou se sobre o parapeito da janella e fez-lhe, muitas vezes, signal com o lenço, segundo parecia, para lhe dar coragem; mas o conde não mostrou precisar d'esse auxilio; avança

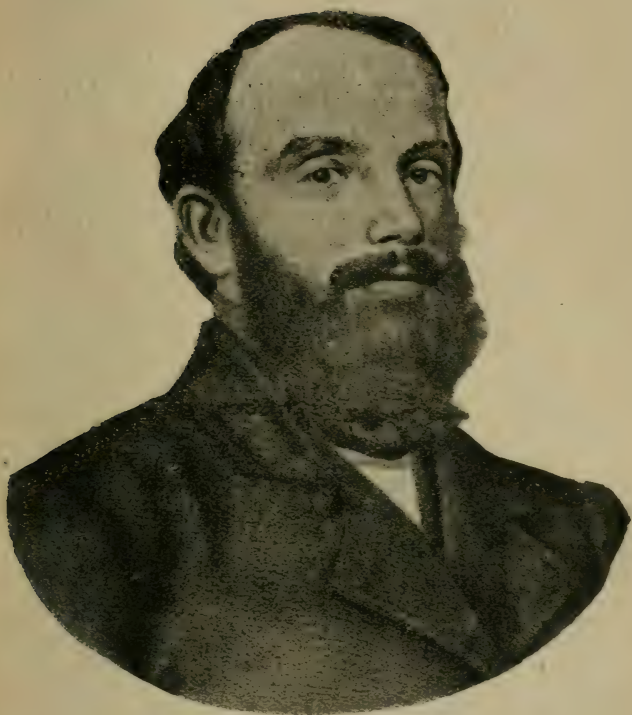
altivamente com a espada na mão, e, ainda que perdendo um fio de sangue, o que o forçava a appoiar-se a um dos seus lacaios, não deixa de ferir profundamente a cabeça do toiro ; voltando-se logo para o logar onde estava a formosa donzella, em honra de quem combatia, beijou a espada e deixou-se conduzir pelos seus creados, que o levaram semi-morto.

Não se julgue, de fórma alguma, que esta especie de accidentes interrompem a festa, já disse que só termina por ordem do rei ; assim, ficando um dos cavalleiros ferido, os outros acompanham n'o até á trincheira e voltam logo a combater.

Appareceu um biscaínho tão atrevido que se poz a cavallo n'um toiro, segurou-o pelos cornos, de tal fórma que, a despeito de todos os exforços que fez o animal para o sacudir, não conseguiu obstar a que o biscaínho ali estivesse por mais de um quarto d'hora e lhe quebrasse um dos cornos.

Quando os toiros se defendem por muito tempo e que o rei quer que saiam outros, (a mudança é agradavel porque cada toiro tem a sua maneira de combater) trazem dogs d'Inglaterra, estes cães não são tão grandes como os que se vêem de ordinario ; é uma raça semelhante á dos que os hespanhoes levaram para as Indias, quando as conquistaram ; são pequenos e de pernas curtas, mas tão fortes que, dando uma dentada não tornam a largar a presa, antes se deixariam cortar em bocados. Alguns são mortos, o toiro levanta-os nos cornos e obriga-os a saltar no ar como se fossem péllas. Algumas vezes cortam as pernas do toiro pelas curvas, com certos ferros do feitio de crescentes, seguros na ponta de uma grande vara ; chama-se a isto *jarretar al toro*.

Um outro cavalleiro ficou em *empeño*, porque, combatendo, cahiu-lhe o chapeu ; não poz pé em terra, tomou a chuça e picando o cavallo, direito ao toiro, que o esperava, deu-lhe um golpe no pescoço que ligeiramente o feriu, de maneira que a dôr só servia para o exasperar mais, escavava a terra com as patas, mugia e saltava como um cervo ; não sei descrever-vos este combate como elle foi e só poderei dizer que de toda a parte se ouviam acclamações, palmas e se viam agitar os lenços em signal de admiração, uns gritando : *Victor! victor!* e outros : *Ah! toro! ah! toro!* para excitar ainda mais, a sua furia. Nunca vos poderei descrever as emmoções particulares que eu senti e como me batia o coração quando via esses terriveis animaes, prestes a matar esses valentes cavalleiros ; tudo isto é-me egualmente impossivel.

Um toletano, joven e bem feito, não poude evitar a marrada d'um toiro, foi levantado muito alto e morreu logo. Entretanto, diziam todos, que a toirada não tinha sido das melhores, porque

D. FRANCISCO DE PAULA DE PORTUGAL E CASTRO

13.º CONDE DE VIMIOSO

† em 9 de Julho de 1865

pouco sangue tinha sido derramado, e que, n'uma festa d'esta ordem deviam ficar, pelo menos, dez homens mortos na praça. Dois homens foram feridos de morte e quatro cavallos mortos ou feridos mortalmente.

Não se pòde descrever, bem, a destreza dos cavalleiros, no combate, e a dos cavallos em evitar a pancada. Os cavallos giram, algumas vezes, uma hora, á roda do toiro sem estarem mais que um pé distante d'elle e sem que o toiro os possa tocar, mas, tocando-os, fere-os cruelmente.

O rei atira quinze pistolas ao moiro, que tinha morto o toiro com o seu punhal, e dá, outro tanto, ao que tinha subjugado um outro e diz que se recordará dos cavalleiros que tinham toireado.

Notei um castelhano que, não sabendo como se podesse defender, saltou para cima do toiro, com tanta ligeiresa como se fôra um passaro.

Estas festas são bellas, grandes e magnificas, é um espectaculo nobilissimo e que custa muito caro; não se pode fazer uma pintura exacta, é necessario vel-as para as conhecer. Mas, confesso-vos, que, tudo isto, não me agrada nada, quando penso que um homem, cuja existencia nos é querida, tem a temeridade de se ir expôr contra um toiro furioso, e que, por amor de vós, (Porque este é o motivo, costumado.) o vêdes tornar coberto de sangue e quasi morto. Pódem-se, ao menos, approvar alguns d'estes costumes? E, suppondo, mesmo, que não ha, n'isso, um interesse particular, póde se desejar assistir a festas que, quasi sempre, custam a vida a muitas pessoas? Quanto a mim, estou admirada de que, n'um reino, onde os reis usam o nome de catholicos, se admitta um devertimento tão barbaro. Sei perfeitamente, que é muito antigo, pois vem dos moiros, mas parece-me devia ser, de todo, abolido, assim como muitos outros costumes que elles teem d'esses infieis.

D. Fernando de Toledo vendo-me muito commovida e inquieta, durante a corrida, e notando que eu me tornava, algumas vezes, de pallidez mortal, temendo vêr matar este ou aquelle, dos que combatiam, disse, sorrindo:

«Que farieis minha senhora, se visseis o que, ha annos, se passou aqui?» Um cavalleiro notavel amava apaixonadamente uma menina que não passava de ser filha d'um lapidario, mas era de uma belleza perfeita e viria a possuir grande riqueza. Tendo sabido, este cavalleiro, que os toiros mais bravos das montanhas tinham sido apanhados, e crendo que teria muita gloria se os vencesse, resolveu toirear, e pediu licença para isso á sua dama, que ficou tão horrorisada com esta simples proposta, feita por elle que desmaiou, e prohibiu-lhe em nome de todo o poder que, sobre o seu espirito, elle lhe tinha dado, que tornasse a pen-

sar em tal; mas, apesar d'esta prohibição, o cavalleiro julgou não poder dar-lhe uma prova maior do seu amor e preparou-se para isso. Apesar do grande cuidado que teve para esconder o seu intento á sua dama, soube-o esta, e quiz, de todas as fórmas, dissuadil-o; emfim, tendo chegado o dia da festa, o cavalleiro pede-lhe, por tudo, que não falte e diz-lhe que basta a sua presença para o tornar vencedor e para o adornar com uma gloria, que mais o fará digno d'ella.

«O vosso amor, disse-lhe ella, é mais ambicioso que terno e o meu é mais terno que ambicioso. Ide onde a gloria vos chama; quereis que eu ahi esteja, quereis combater deante de mim; sim, lá estarei, prometto-vol-o, e, talvez que a minha presença vos embarace mais do que vos dê estímulo.»

Finalmente deixou-a e correu á *Praça Mayor*, onde toda a gente se tinha reunido; mas apenas começou a deffender-se contra um toiro bravissimo, que o tinha attacado, um rapaz do campo atira um dardo ao temivel animal; o ferro enterra-se-lhe e faz-lhe sentir horriveis dôres; de repente, deixando o cavalleiro, corre mugindo, para o que o tinha ferido; o rapaz, perdendo o sangue frio, quiz salvar-se, então, o barrete que lhe cobria a cabeça, cahiu, e, ao mesmo tempo, os mais bellos cabellos, que se teem visto, e mais compridos, desenrolavam-se sobre os seus hombros e deram a conhecer uma rapariga de 15 a 16 annos. O medo tinha-lhe causado tal tremor, que não podia correr, nem evitar o toiro, que lhe atira uma paucada temivel n'um dos lados, no momento em que o seu amante, que era o toireador e que a tinha reconhecido, corria para lh'o evitar. Oh! Deus, que dôr foi a sua quando viu a sua dama n'este funesto estado! Fica fóra de si, não cuida guardar a vida e, mais furioso que o toiro, praticou façanhas quasi inacreditaveis, mortalmente ferido em muitos sitios.

Foi n'esse dia que acharam a festa verdadeiramente bella.

Levaram os dois amantes, desafortunados, para casa do pae da rapariga. Quizeram ficar no mesmo quarto, e pediram, por mercê, que os casassem, em attenção ás poucas horas que lhes restavam de vida, e que, não podendo viver juntos, tivessem ao menos, um só tumulo, depois da morte.

Esta historia juntou muito á aversão que já tinha por este genero de festas; disse-o a D. Fernando, depois de lhe ter agradecido o trabalho que tinha tido em m'a contar».

Por certo que muito devemos a M.me B**** D** contando-nos o que viu em Madrid na Plaza Mayor e é, deveras, para sentir que não lhe possamos agradecer pessoalmente quanto nos vale o seu notavel talento discriptivo, que dirige toda a obra, dedicada a S. A. R. o duque de Chartres.

A descripção da toirada, circunstanciada e minuciosa, que vem no fim e que traduz o caracter hespanhol, confirma e documenta o que escrevemos antes de tomar a palavra M.me B**** D**.

Transportadas, as toiradas hespanholas, para a America degeneraram e vieram a transformar-se em espectaculos repugnantes, varias vezes censurados por todos que a visitaram no periodo da decadencia do dominio metropolitano; restam-nos essas impressões em muitos logares e, especialmente, na *Revue des Deux Mondes*.

Dito isto, fallemos das toiradas que, em Portugal, deram principio e fim a um genero de litteratura arrastado, segundo a fórma da epocha, mas interessante para todos que se importam com a historia litteraria e com os toiros.

* * *

Celebrando o casamento d'el-rei D. Pedro II com Maria Sophia Isabel da Baviera, realisaram-se muitos festejos em Lisboa no anno de 1687, desde 11 d'agosto, dia do casamento, até 25 d'outubro; na descripção que d'elles faz Manuel de Leão, no seu *Triumpho Lusitano* (Bruxellas, 1688), apartâmos o que se refere a um triduo de toiradas. A pag. 147 lê-se: «Relação da celebre real festa de toiros. Correram-se tres dias na grande praça do Terreiro do Paço. Foi heroe toureador no primeiro dia o conde d'Atalaya, no segundo D. Lourenço d'Almada e no terceiro o conde de Villa Flôr.»

O verso é mau e os titulos quasi resumem o que elles dizem; vamos transcrever os titulos accrescentando o que fôr absolutamente necessario.

«No circo ou no angulo d'onde se haviam de correr os toiros se erigiu no meio um altissimo mastro, coberto todo de largas listas de carmezim e oiro, e no tópe tremulava uma formosa bandeira de damasco branco em cujo campo se viam os brazões de Portugal, servindo de remate uma doirada, imperial corôa.»

«N'esta grande praça se armaram, defronte de palacio, em quadrada distancia de novecentos passos, os grandiosos palanques, cuja altura continha tres sobrados, e toda a frontaria d'esta machina se pintou de encarnado e oiro, adornando-se com ricas armações de preciosas sedas.»

«Para assistirem as pessoas reaes se erigiu uma sumptuosa tribuna que occupava o logar de tres janellas de palacio e se sustentava sobre quatro coroados leões.»

«Guarnecia-se a tribuna com umas grades de miuda excel-

lente talha, e nos lados, sobre quadrados pedestaes, se levantavam quatro retrocidas columnas, adornadas de apraziveis ramos d'onde pendiam differentes fructos, tudo doirado.»

«Sobre as quatro referidas columnas estribava o tecto, em fórma mais triangular que ovada, e, no remate, estavam as armas reaes acompanhadas de dois avultados anjos.»

«Primeiro dia de toiros. Começam-se os palanques a povoar de gente.»

«Era meio dia quando o mordomo-mór, D. João Mascarenhas, conde de Santa Cruz, correu, na tribuna, as cortinas de brocado carmezim e oiro, e logo, em ricos assentos, se manifestaram as pessoas reaes, ficando no lado esquerdo, em duas conjuntas janellas, as damas de palacio.»

«Começam-se a ouvir na praça, por differentes partes, bellicos clarins, festivaes charamellas; cobrindo-se o corro de muitas agradaveis danças, todos vestidos de telilhas de oiro, com guarnições de prata.»

«Entraram duas danças de pescadeiras.»

Ricas devem de ser as presumidas
se matam peixes como pescam vidas,
mas, para tudo são sufficientes,
pois captivam com modos matadores
em um fechar de mãos aos nadadores,
em um mover de pés aos pretendentes.

«Antiga dança dos foliões d'Arruda; compõe-se de tres velhos.»

a edade de oiro, no vestido,
a edade de prata, no cabello,
a edade de ferro, nos bigodes.

«Danças differentes de graciosas ciganas.»

«Dança dos trabalhadores do Terreiro do Trigo; bailam com espadas nuas, trazendo, sempre, o que os guia, a ponta d'uma, na boca.»

«Dança das cantadeiras, acompanhadas de dois rabequistas, ambos cegos.»

«Dança d'onde bailava um homem com uma cantarinha de agua, na cabeça, tocando um pandeiro, com ligeiras voltas.»

«Dança de encaretados; tangiam varios instrumentos, cantavam differentes letrilhas e traziam nas cabeças uns turbantes de altas copas.»

Chamavam-lhes, tambem : curucheos.

«Dança de moiros; bailavam com canas verdes nas mãos e o guia os governava com o traçado que trazia desembainhado.»

«Dança dos páus; eram, os que a faziam, soldados emmascarados, cada um trazia nas mãos duas curtas, torneadas, varas, e no braço um pequeno broquel.»

«Entrada do meirinho do paço que serve de receber as ordens para sahirem os toiros e entrarem os cavalleiros.»

Trazia seis creados,
gentilmente luzidos,
custosamente ornados,
pois todos vem vestidos
de velludo escarlata
cujo campo lavrado para flôres
foi desde seu principio, mas, agora,
se semeou de prata,
porque, emfim, por industria dos primores,
toda a gala, este dia, se melhora.

«Foi o meirinho a chamar o capitão da guarda, Alvaro de Sousa, entrou este illustre cavalleiro acompanhado de doze creados e cem archeiros, para despejar a praça, vindo deante o seu tenente, Melchior Rodrigues de Mattos »

«Entrada do tenente da guarda, Melchior Rodrigues de Mattos.»

«Faz, o tenente, as cortezias a Suas Magestades.»

«Entrada do capitão do guarda, Alvaro de Sousa.»

Trajava uma casaca acabellada
de tal sorte bordada!

. . . .
. . . . bellas
plumas que o chapeu veste,

. . . .

Montava um ruço...

. . . .

... nas largas clinas roçagantes
cuidou alguem que se ateiavam ledas
essas chamas que saltam radiantes,
que, como as soltas tranças vinham ornadas
de fitas encarnadas,
pareciam flamantes lavaredas;

. . . .

Xairel de bordaduras bem compostas,

. . . .

Traz, deante de si, doze creados
gentilmente adornados
com ricas asseadas
casacas encarnadas

cujo corte ignorava o menos rudo
se é panno ou se damasco ou se velludo
....
que distinguia a guarnição de prata;

«Cortezias do capitão, ás pessoas reaes.»
«Faz, o capitão, reverencia ás damas do paço.»
«Despejam, os archeiros, o corro.»
«Entraram treze triumphantes marinhos carros, cada um tirado por quatro formosas mulas, cobertas com largos caparazões, verde-mar e prata, e, d'estes carros, se dividiram doze em duas iguaes fileiras, vendo-se n'elles extraordinarios peixes d'onde montavam aquaticos monstros que, por diversas partes, expeliam muitos esguichos que agoavam a praça.»
«Descripção da carroça que, entre as treze, avultava mais opulenta; via-se na dianteira um delphim, por cujas ventas sahiam duas abundantes fontes, e, em cima d'este, montava um tritão tocando um grande retrocido buzio de d'onde se precipitava um cano d'agua.»
«No convez da carroça vinham, com grinaldas de flôres, quatro formosas nimphas, tocando varios instrumentos e expellindo, por differentes partes, aprasiveis espadanas d'agua.»

as cordas d'essas *liras* são d'arame,
as cordas d'essas *aguas* são de prata;
....
O corpo quasi todo
despido mostram as deusas semimarinas.

«Em um throno de curiosas conchas se ostentava, por remate, um soberbo Neptuno ameaçando a terra com um doirado tridente, de cujos tres arpões sahiam tres tornos d'agua.»
«Começam-se a correr os toiros; sahiu o primeiro; descreve-se-lhe a braveza.»
«Fazem, os toireiros de pé, sortes de capa.»
Atirou varios toireiros ao ar e levou nas armas uma capa o que motiva, o auctor, dizer:

no toiro occasião foi de desgraça,
no toireiro motivo foi de sorte.

«Fazem-se sortes de garrocha, matam, os toireiros, ao toiro.»

.. o toiro, que coleras espelle,
como tudo desdenha,
não acaba de crêr que um peão venha
com um páu para elle,

porem, antes que a duvida mais cresça
lh'o metteu o toireiro na cabeça;

«Entrou, para levar o toiro, um tiro de seis mulas, vistosasamente enjaezadas.»

um tiro de seis mulas, todas ellas
encobertadas de floridas tellas,
em cujo alegre campo se conhece
que a seda, a prata, o oiro
finamente se engrossa;

«Sae o segundo toiro; continuam as sortes de capa, fazem-se outras de garrocha.»

Outro bruto sahiu, tão corpulento
que era, de duas trombas, elephante,

Era pesado e não envestia os toireiros que o desafiavam «com as capas de côres.»

«Enveste, o toiro, com o odre, em cujo soprado coiro estava fingido um velho, armado com escudo e lança, e chumbado o fundo para que o toiro facilmente o não derribe.»

O toiro picado das garrochas enveste, muitas vezes, o odre, que finge um guerreiro, até que o desfaz.

«Lançaram, ao toiro, quatro cães de fila; morre ás mãos dos curraleiros; entram as mulas para o levar.»

Os cães deitaram-se ás orelhas do boi que os sacudiu recebendo-os nas armas; depois mataram-n'o.

«Saíu o terceiro toiro; entrou o toireiro de cavallo que foi, n'este dia, D. Luiz Manuel, conde d'Atalaia; fez a primeira entrada com cincoenta creados, trazia, cada um, ao hombro, dois rojões doirados; vestiam todos á franceza: casacas de velludo carmezim, bordadas de prata, e n'elles se representava uma parte do Mundo: Europa.»

«Pinta-se o cavallo em que entrou o conde.»

Montava á gineta, n'um ruço.

«Vestia, o conde, uma gala de tella branca, coberta, por cima, de vellilho negro.»

Na copa do chapéu se arrima a aba
esquerda, e, alli, voltando,
com modo airoso, acaba
em fórma circular, adonde quando
vi, que reluziam tantos radiantes
reflexos de uma joia de diamantes,
. . . .

Escusada era a capa que pendia
dos hombro, igualmente um pouco curta,
pois quanto, avara, esconde, tanto furta
de corpo á bizarria;
. . . .
Lisamente a roupeta corresponde
com o corpo, e suspeito
que ajustada se liga
para que se não diga
que, nos riscos, o conde
mais armas ha mister que as de seu peito.
Do calção que, luzido,
nas curvas se limita,
um e outro franzido
que estreito se assignala
prende com tufos de nublada fita,
por não ser embaraço em vez de gala,
De candida camurça pareciam
bainhas os cothurnos dos luzidos
acicates ou, digo, dos buidos
estoques, que pendiam
nos talins das correias tauxiadas;

«Chega o conde a fazer as tres cortezias ás pessoas reaes, e, como grande se cobria quando, para repetir as reverencias, retirava atraz o cavallo »

«Faz, o cavalleiro, cortezia ás damas e ellas, em correspondencia, se levantam »

«Busca, o cavalleiro, ao toiro, enveste, este, tão furiosamente que, topando com o cavallo, lhe descompoz uma estribeira ; é empenho de espada, o conde o matou ás cutiladas.»

«Saíu o quarto toiro ; foi, o cavalleiro, mudar de cavallo, tornou a entrar com cincoenta homens vestidos ao uso persiano : roupas largas de tella acamurçada, com alamares de prata; e, n'esta entrada, se simbolisava a America.»

«Segundo cavallo em que entrou o conde.»

Era castanho claro.

«Rodeia, o cavalleiro, ao toiro, aponta-lhe o garrochão, duvída, o bruto, de envestil o, resolve-se de incitado; logra, o conde, o golpe ; caíu morto o boi.»

«Foi, o conde, mudar de cavallo, fez terceira entrada com cincoenta creados vestidos á turquesca; significavam, estes, a parte do Mundo : Africa.»

vestiam de custosa
tella de Nacar, longos capilhares;
deixavam vêr, por baixo, em vez de cotas,
largas, de seda, candidas marlotas,

d'onde as nevadas mangas pareciam,
nos lados d'estes fórtes, espargidas
bandeiras que pendiam
pelas hastes dos braços estendidas;
e os turbantes altivos
torreões mostram ser dos fortes vivos.

«Terceiro cavallo em que montou o cavalleiro.»

Carvão na côr, é polvora no brio;

«Espera, o cavalleiro, ao toiro, á saída do toiril, saíu este, mas tão covarde que fugiu do encontro; porfia, o conde, em buscal-o, e logrou uma sorte com tanto acerto que, a poucos passos, caíu morto o boi.»

«Mudou de cavallo, o cavalleiro, fez quarta entrada com cincoenta negros vestidos ao seu uso; eram as galas differentes cintas de varias apraziveis pennas que se adornavam com fingidas perolas; traziam aljavas ao hombro, arcos e flexas nas mãos, e n'elles se figurava a parte do Mundo: Asia.»

Trazendo settas são cupidos, diz o auctor:

e nenhum, na contenda,
deixou de vir vendado
que, como escravos são, todos tem venda;

«Quarto cavallo em que entrou o conde.»

Entrou, o cavalleiro, em um melado,
bellissimo ginete,

«Aguarda, o conde, ao toiro, á saída do toiril, faz reparo, o bruto, antes de accommetter, e, logo, envestiu com tanta bravesa que, passando furiosamente por junto do cavallo, levou entre as pontas o garrochão enteiro, não dando tempo para que o cavalleiro podesse quebrar a haste; é empenho de espada, morre ás cutiladas.»

«Fim do primeiro dia de toiros.»

Na relação do que se passou no segundo dia de toiros diz-se, de novo para nós, que os trombetas tocavam «subidos no pequeno theatro que se erigiu no pé do grande mastro; e os charamellas em cima do tecto dos palanques.»

Era tenente da guarda Francisco Rodrigues d'Almeida e capitão o conde de Pombeiro; como se sabe, havia mais que uma guarda; acompanhavam, o conde, 20 creados vestidos «de panno verde, com galões gemados» muito largos; atraz d'estes 46 pa-

gens, vestidos de tella côr de oiro e «calções largos com fitas encarnadas», chapéus rodeados de plumas «cabelleiras gentis, voltas bordadas.»

> Capas de razo verde guarnecidas
> com tres ordens de rendas d'oiro e prata;

O conde montava um cavallo murzello; fez as cortezias ás pessoas reaes e a reverencia ás damas do paço; os archeiros despejaram a praça ou corro e entraram as carroças para regar.

«Sae o primeiro toiro, busca os toureiros de pé.»

Estes mataram-n'o, depois de o passarem á capa.

Saíu o segundo toiro; investiu com o odre.»

Arrebentou-o.

«Lançáram, ao toiro, quatro cães de fila; dejarretaram-n'o os curraleiros.»

«Saíu o terceiro toiro; entrou o cavalleiro que foi, n'este dia, D. Lourenço d'Almada; trazia cincoenta creados vestidos de brocado azul celeste arrendado de prata, e vinte e quatro graciosos muleques trajados á imperial: doze de tella encarnada e doze de gualde, com guarnições d'oiro e prata.»

> com vinte e quatro negros, por grandeza?
> com cincoenta homens, por soccorro?

«Entrou em um cavallo ruço queimado.»

«Vestia, o cavalleiro, de tella branca, coberta de vellilho negro, e, no chapéu, trazia uma nevada pluma preza com uma joia de diamantes»

«Chega, o cavalleiro, a fazer as cortezias a Suas Magestades.»

> retira o corpo, sem que vire as costas,
> porque, tornando atraz, ganha caminho
> para principiar como de novo;

«Faz reverencia ás damas do paço.»

> se humilhou, reverente, ás bellas damas;

«Faz, o cavalleiro, varias sórtes; morre, o toiro, das garrochadas.»

O toiro tinha tantas farpas no cachaço, que:

> uma matta formavam,

«Foi, o cavalleiro, mudar de cavallo; fez segunda entrada com cincoenta turcos ricamente vestidos de tella carmezim.»
«Entrou, o cavalleiro, em um castanho escuro; quatralvo; estrella na testa; crinas longas.»
Trazia:

Tanta rosa de fita!

«Aguarda, o cavalleiro, ao toiro, fez, com acerto, a primeira sorte, e, da segunda, caiu morto o boi.»
«Acaba-se o segundo dia de toiros.»
Depois de dizer o seu «Finis laus Deo» escreve: «O terceiro dia de toiros fica para saír brevemente, em separado volume, d'onde direi o preceito que me obrigou a dividir este livro em dois.»
Estas toiradas, que se podem estudar no *Mercurio Portuguez* e na *Historia Genealogica,* teem a feição caracteristica portugueza, mais acentuada no seculo XVIII, como vamos vêr.

*

* *

Fr. Mathias da Conceição, prégador, ex-definidor, chronista da provincia e primeiro bibliothecario do «Real convento de N. Senhora e S. Antonio junto á v.ª de Mafra», foi um frade muito prestimoso, o que não succedia aos seus irmãos em Christo, porque se dedicou a colleccionar em vez de fazer critica partidaria, facciosa e compromettedora; se todos os frades se tivessem dedicado a colleccionar e copiar, mereceriam, hoje, o respeito que não merecem os que se entregaram ás sciencias e ás litteraturas, imprimindo-lhes um cunho absurdo que, de todo, os exclue da consideração.
Fr. Mathias da Conceição, foi, pouco e pouco, reunindo os folhetos que encontrava e que, pela sua raridade, teem, hoje, o valor dos manuscriptos; depois, mandava-os encadernar, não se esquecendo de pôr, em todos elles, que era primeiro bibliothecario, e não se lembrando, n'alguns volumes, que tinha sido prégador; é que fr. Mathias estimava pouco os seus discursos e julgava mais uteis as suas funcções de bibliothecario; não seremos nós que negaremos competencia ao bom do frade, para fazer tal julgamento, antes o confirmaremos, quanto em nós cabe, por bom e estavel. Tambem, fr. Mathias, tomava, em grande apreço, ter sido definidor, porque raras vezes se esquecia de escrever, no frontespicio dos volumes da sua collecção, que o tinha sido; já não succedia o mesmo com o cargo de chronista da sua provincia.

Parece que alguns sensuraram ao primeiro bibliothecario, o trabalho a que se dava para adquirir os folhetos «por industria e diligencia», como elle diz, quasi sempre ; ou, então, logo, de principio, lhe pareceu que a obra podia ser sensurada, foi essa a causa que o levou a escrever, na collecção que mandou encadernar em 1736, o seguinte, para castigar os «Zoilos e Aristarcos» e para nos elogiar, a nós todos, que tanto apreciamos a «Bibliotheca Volante», que, em francez, se resume na palavra : «Bilboquet».

«A QUEM LÊR

Damos a este genero de escritos a denominação de Biblioteca Volante, pela celeridade com que depois de impressos, desapparecem ; pois antes de hum anno de existencia, não he facil achallos, senão em as mãos de alguns poucos curiosos, que, por preço algũ, os querem largar. Para se alcançarem, os que neste, e em outros tomos offereço aos leitores, se multiplicarão as diligencias, e se fizeram as indagaçoens mais esquisitas. Deste trabalho não espero nem vituperio, nem louvor ; louvor, não, porque não o mereço, nem o procuro ; vituperio, tãobem, não, porque o estillo, e assumptos d'esta obra, nada he meu. Porem, se a implacavel austeridade dos leitores começar a roer, perguntando, para que he esta papellada na Livraria ? Responderei, que a minha tenção não he obrigar aos Zoilos, e Aristarcos, a que gastem o seu tempo em os ler. Se não gostarem da lição, fechem o livro, restituão-no ao seu lugar, que não faltarão outros de animo mais sincero, que gostem, do que elles se enfadão, e colhão fruto, do que se julga, por inutil, escusado — Valle.»

Mal sabia o franciscano que o seu trabalho de 20 e tantos annos, (Por todo este espaço de tempo, se foram encadernando os livros) merecia, hoje, consideração, emquanto que os escriptos do, então considerado principe dos escriptores, fr. Bernardo de Brito, seu irmão bernardo, nos mereceriam, hoje, o maior de todos os desprezos, admittindo que no desprezo ha cathegorias ; é que fr. Mathias era consciencioso e humilde e fr. Bernardo, mentiroso e altivo ; o tempo é um grande justiceiro e a Historia um grande tribunal. Feita esta justiça a fr. Mathias da Conceição, aproveitemos o seu trabalho porque não falta, como elle disse, quem, de animo mais sincero, o saiba apreciar.

* * *

Dividindo-se, as noticias que temos na Bibliotheca Volante, em duas cathegorias : descripção de toiradas e poesias e prosas

que se lhes referem, trataremos, primeiro, das toiradas, e, depois, analysaremos a litteratura que, a seu respeito, se formou; adoptamos esta regra para aproveitar as recordações que nos ficaram da toirada que se realisou na Plaza Mayor, em 22 de maio de 1679, e estabelecer o parallelo.

Setenta e tres annos depois de 1679 realisava-se, no Terreiro do Paço, uma serie de toiradas, em honra da acclamação d'el-rei D. José I; por conseguinte, em quasi identicas circunstancias á que nos referiu M.[me] B**** D**.

Antes de transcrever o programma da que se realisou a 28 de agosto de 1752, tornamos a accentuar a alta importancia da comparação entre as duas maneiras de realisar as toiradas, em Portugal e em Hespanha.

O programma intitula-se e diz: «Noticia individual de tudo o que se ha-de executar em segunda feira, 28 de agosto de 1752, primeiro dia da Festividade dos Toiros, com que o Illustre Senado da Camara, com o seu Presidente, o Illustrissimo e Excellentissimo Fernando Telles da Silva, Marquez de Alegrete, applaudem a felicissima acclamação de El-rei D. José I, Nosso Senhor.» (Lisboa, 1752) —.

Tendo dado fim, no ultimo do mez de julho, d'este presente anno, a justa demonstração, que Suas Magestades, que Deus guarde, fizeram, pelo fallecimento do Senhor Rei D. João V, de saudosa memoria, com o lucto de dois annos nas Suas Reaes Pessoas e de toda a côrte, pareceu ao illustre Senado da Camara d'esta Cidade, com o seu Presidente o Illustrissimo e Excellentissimo Marquez de Alegrete, que deviam fazer uma publica e de devida demonstração do seu gosto e de todo o povo d'esta Cidade, pela feliz Acclamação d'El-Rei D. José o Primeiro, Nosso Senhor; e como não era justo se fizesse esta demonstração dentro dos dois annos, em que Suas Magestades mostraram o seu grande e justissimo sentimento; nos primeiros dias do referido mez foi o Illustrissimo e Excellentissimo Marquez Presidente ao Real Paço de Belem, em nome do Illustre Senado da Camara, pedir licença a Sua Magestade para festejar a sua felicissima Exaltação ao Throno, e como o divertimento de correr toiros, no Terreiro do Paço d'esta Cidade, foi sempre o mais plausivel para a Nobreza e Povo d'ella, e, presentemente, do maior agrado para Sua Magestade, foi o mesmo Senhor servido permetter que se fizesse esta publica demonstração em 6 dias. Com esta permissão de Sua Magestade mandou o Illustrissimo e Excellentissimo Marquez Presidente, pôr editaes para se arrematar o chão do Terreiro do Paço para se fazerem os palanques, com as condições costumadas; e, dentro de poucos dias, se fez a arrematação, se levantou o mastro e

principiaram a armar os palanques, porque o alvoroço e gasto com que os portuguezes desejam sempre este genero de festejo não permittiu dilação alguma

Como esta informação se dirige sómente a dar noticia do futuro, parece desnecessario informar o publico do que elle está vendo, de presente; e, assim, n'ella se não falla na forma, ordem e architectura dos palanques e camarotes, que, de proposito, fica reservada esta noticia, para a relação geral d'esta sumptuosa e magnifica festevidade. Porem, como poderá haver alguem que ignore a significação dos escudos e tropheos, que adornam a porta principal da praça, não parece fóra de proposito dizer que os escudos pintados nas bandeiras, que se vêem sobre o arco levantado entre as eminentes columnas, de que se fórma aquelle grande pórtico, são das armas de todos os reinos e estados com que tem alliança a Serenissima Casa de Bragança.

E' o primeiro dia d'esta celebre e apparatosa função, segunda feira, que se contam 28 do presente mez de agosto, porque, assim foi servido determinal-o Sua Magestade, e, os outros cinco dias, se irão continuando, interpolada e commodamente, e, em todos, hão-de tourear os cavalleiros Manuel dos Santos, Luiz Antonio, Manuel de Matos e José Roquete.

N'este primeiro dia toureará Manuel dos Santos e Luiz Antonio, e principiará a função logo depois do meio dia, e a primeira acção de alegria e gosto, para todas as pessoas que assistirem a ella, será a de se abrirem as cortinas da varanda e apparecerem as Reaes Pessoas de Suas Magestades, aos olhos de seus fieis vassallos.

Logo, entrará na praça o meirinho da Cidade, em um cavallo formosissimo, ricamente ajaesado, com seus creados muito bem vestidos, e, depois das tres cortezias do estylo, que fará a Suas Magestades, e ás Illustrissimas e Excellentissimas Senhoras Camareira-mór e Damas, irá fazer uma ao Illustre Senado da Camara, e voltará a pôr-se no logar costumado, que é debaixo da varanda real, de d'onde o Illustrissimo e Excellentissimo Marquez de Marialva, Estribeiro mór, lhe ha-de dar as ordens, que receber de Sua Magestade.

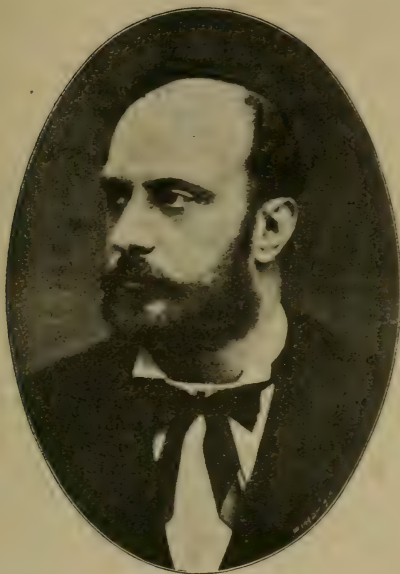
Tanto que o Capitão da Guarda Real, D. Manuel de Sousa, vir que Sua Magestade está na varanda, mandará entrar a Guarda que virá em duas alas, principiando pelo tambor e pifano, e, logo, o tenente d'ella, montado em um bom cavallo, com seus creados vestidos de bôas librés; e, na ultima parte d'ella, o Capitão. Marcharão as duas alas, compostas de mais de cento e cincoenta archeiros, todos vestidos de novo, até á tranqueira, debaixo da varanda de Sua Magestade; o tenente fará as cor-

tezias, e ficará no lado esquerdo, esperando que o Capitão faça as mesmas. Este virá montado em um soberbo cavallo, ricamente ajaesado, acompanhado de seis creados, conforme as ordens antigas, excellentemente vestidos de novo. Depois de feitas as cortezias, virarão, as duas alas, caras aos lados, e, marchando, o Capitão, pela direita, e o tenente pela esquerda, fará, cada uma, um quarto de conversão sobre um e outro lado, até ficarem em uma ala junto ao mastro, e, logo, outro quarto sobre um e outro lado, ficando as duas alas defronte da porta, assim como entraram, e, deixando a praça limpa, se irão, os archeiros, para os seus logares das trincheiras, que tem nos angulos da mesma praça.

Seguir se-hão as entradas dos homens dos forcados, que serão sete, vestidos com suas couras, véstias e calções de panno encarnado; e as dos toireiros de pé, chamados capinhas, que serão dez, e, fazendo, todos, as cortezias, buscarão os seus logares, e os toireiros se proverão de garrochas.

A estes se seguirão as danças, sendo a primeira a das mulheres que vendem peixe, todas primorosamente vestidas, que, com suas insignias, representarão a Estação do Inverno. Logo, a das mulheres que vendem fructa, tambem ricamente vestidas, formando a Estação da Primavera. Depois, as medideiras do trigo, representando a Estação do Verão; e, a estas, se seguirá a das mulheres que vendem hortaliça e outras coisas comestiveis, que, com o seu luzido apparato, representem a Estação do Outomno. A estas danças se seguirá a das ciganas, vestidas no trajo egypciaco, e, depois d'ellas, a dos pretos, vestidos ao modo africano, com arcos e flechas, tudo muito bem prateado.

Logo se seguirá uma vistosa entrada de homens, que hão-de aguar a praça, que serão até o numero de oitenta, notavel e vestosamente vestidos, e com varias figuras, os quaes hão-de ser mandados por doze gigantes excellentemente proporcionados, com suas grandes maças ao hombro, ricamente pintadas e doiradas. Todos os oitenta aguadeiros trarão os seus regadores, e, ao hombro, uma maça, que, depois servirá de canal aos regadores, tudo bem pintado e doirado.

Logo, depois, entrará um magnifico e vistoso carro de triumpho, pintado e doirado, nobremente, com muitas e diversas figuras excellentemente vestidas, umas, que representam todas as virtudes, e, outras, as Conquistas de Portugal, e, no meio, as Armas Reaes, adornadas de uma grande tarja doirada, e, na parte anterior, a figura da Fama, ricamente adornada, que publíca este magnifico festejo. Será conduzido, este carro, por oito leões, e governado por uns selvagens. Representará a felicissima Acclamação de El-Rei Nosso Senhor, que o Illustre

D. JOÃO DE VASCONCELLOS E SOUZA CAMARA
CAMINHA FARO E VEIGA
5.º MARQUEZ E 14.º SENHOR DE CASTELLO MELHOR
† em 11 de Janeiro de 1878

Senado da Camara d'esta Cidade não pôde, até o presente, festejar, como fica referido.

Seguir-se-ha outro carro, que representa o Parnaso, com a figura de Apollo, muito naturalmente feito, e, dentro, algumas figuras que lançarão, ao Povo, muitas e excellentes obras feitas por alguns poetas que quiseram applaudir esta festa, todas allusivas a ella. Pelos lados do mesmo carro virão muitos musicos, com diversos instrumentos, todos nobremente vestidos, e alguns genios, distribuidos pelas escarpas do mesmo monte, offerecendo diversas flores e aromas. O carro será conduzido por oito camellos.

Depois de algum tempo se divertirem, Suas Magestades e o Povo, com este vistoso espectaculo, sahirão, para fóra, os carros e danças; e, pondo-se, defronte do toiril, varias figuras, vestidas e alguns vasos com diversidade de aves e animaes, havendo, tambem, entre elles, um com alguns monos, se soltará o primeiro toiro, ao qual esperarão os toireiros capinhas, para lhe fazerem as suas sortes, até o tempo que Sua Magestade ordenar que entrem os cavalleiros, que hão-de toirear.

Serão estes, como fica dito, Manuel dos Santos e Luiz Antonio, os quaes entrarão juntos, vestidos á castelhana, e montados á gineta, acompanhado, cada um, de dois creados e oito capinhas; e, feitas as cortezias, irá um d'elles esperar á tranqueira, o boi, e, assim, se continuará a função com grande divertimento de todos os que assistirem a ella.

Depois de algum tempo se ter toireado, para dar descanso aos cavalleiros, entrará na praça um carro de nobre e magnifica architectura, no qual virá uma bandeira, e, n'ella pintada, a cabeça de um toiro, com muitas e diversas flores, e, debaixo d'ella, um cão de proporcionada grandeza, todo doirado, o qual logo que chegar ao meio da praça, começará a despedir de si uma grande immensidade de fogo, que se ateará em uma manta, com que ha-de vir coberto um toiro, dentro do mesmo carro; o qual, logo que o fogo se lhe communicar e sentir os seus effeitos, saltará do carro e correrá toda a praça.

Tambem haverá cães de fila para os toiros, que não investirem, e para se vêr a ferocidade dos mesmos cães.

Morrerão, n'este primeiro dia, os bois que couberem no tempo, que restar dos referidos festejos; ainda que os determinados para cada um dos primeiros tres dias é o numero de trinta dos melhores e mais ferozes que se poderão descobrir.

Para se conduzirem, para fóra da praça, os bois que n'ella morrerem, se fez um carro de nova invenção, tambem pintado, o qual será tirado por quatro mulas muito bem ajaezadas.

Este é o divertimento com que, n'este primeiro dia, se hade-

fazer publica, n'esta Cidade, a summa alegria, que recebemos, de vêrmos exaltado á corôa de Portugal um rei, que, no nome, traz todo o augmento para o Reino e para os vassallos, que com tantos votos lhe desejam permanente o seu governo e eterna a duração da vida. — *Advertencia :* «Supposto que, em outra Relação, que corre já impressa, d'este sumptuoso Aparato, se apontam as leis do duelo a que estarão sujeitos os cavalleiros combatentes; n'esta se faz preciso dizer que inteiramente se enganou o seu auctor, e não só padeceu equivocação n'esta materia do duelo, mas em affirmar que os toiros não terão as pontas cortadas, e na maior parte de tudo o mais que ali refere.»

Assim como hoje sabemos do que não vimos nem ouvimos, pelos jornaes, assim vamos lêr o que disseram as chronicas da epocha ; e comecemos pela que só se refere á primeira toirada.

«Nova relação verdadeira de toda a festividade do primeiro dia de toiros, em que se descrevem, com toda a certeza e individuação, as magnificas entradas e sumptuoso aparato de carros triumphantes, cortezias, sortes e tudo o mais, para divertimento dos curiosos e satisfação aos que a não viram (Catalumna : En la Inpr. de Thomaz Lopes de Haro)».

Note-se que esta citação da imprensa é burlesca.

«Relação verdadeira de toda a festividade do primeiro dia de toiros, em que se descrevem, com toda a certeza e individuação, as magnificas entradas e sumptuoso aparato de carros triumphantes e cortezias, sortes e tudo o mais para divertimento dos curiosos e satisfação aos que a não viram.

Com toda a brevidade, que o tempo me permitte, e certeza que pude alcançar, darei conta da magnificencia com que, no dia 28 de agosto, manifestou o Senado, d'esta cidade, o jubilo que tinha na elevação ao throno do augustissimo senhor Dom José o I, para o que, tendo primeiramente mandado erigir, no meio da praça do Terreiro do Paço, um grande mastro pintado de encarnado e branco, e, n'elle, um estandarte com as Armas Reaes, de uma parte, e da outra o insigne portuguez Santo Antonio, se deu ordem á fabrica dos palanques, o que se obrou com tanta perfeição e segurança, que não havia coisa que parecesse encontrar as regras de uma perfeita architectura, e para que sigamos, tambem, a boa ordem de sua descripção, daremos principio da varanda aonde nem parece que havia mais que vêr, nem que desejar ; occupava esta o vão de uma janella e se formava sobre varias escapulas de ferro, sobre as quaes assentava toda a machina, que fingia sustentar-se sobre umas cimalhas de talha d'oiro, com varias folhagens assentadas sobre o chão branco, por cima corria uma ordem de balaustres da mesma ta-

lha; cobria esta machina um pavilhão azul, e d'elle pendentes cortinas de damasco, com sanefas de velludo encarnado; toda esta frente occupavam varios camarotes fabricados nas janellas dos quartos inferiores, aos quaes se seguiam outros, e, d'ali até á trincheira, varios degráus; do Forte até ao angulo da Vèdoria, occupavam a frente vinte e quatro palanques, no meio dos quaes ficava o do Senado, que se distinguia pela tarja das Armas Reaes, que estava no remate do angulo, da Vèdoria; até ao Arco dos Prégos se edificaram outros tantos vãos, ficando, n'um e n'outro angulo, alguns camarotes, e no meio tres ordens de trincheiras; do angulo do arco, até ao Corpo da Guarda se fabricaram assentos descobertos, e junto ao Palacio alguns camarotes; aqui ficava o toiril, e sobre as escadas do Corpo da Guarda varios camarotes, que todos serviam a pessoas militares no dia 28; amanheceram (sic) sobre a porta da praça, que se formava de duas columnas fingidas de (sic) pedra azul, com bazes e capiteis de pedra amarella, o que tudo formavam (sic) um magestoso arco, e, sobre elle, as armas de Portugal e Castella, a quem (sic) corôava uma imperial corôa, acompanhada de duas figuras, seis bandeiras brancas e, n'ellas, pintadas as armas de varios reinos.

Eram nove horas do dia quando principiou a concorrer á praça uma grande multidão de povo, varios cavalheiros em carruagens, entre elles se distinguiam os Excellentissimos Marquezes de Gouvêa e Marialva, e este em uma carruagem de admiravel grandeza e perfeição; em outra passeiava a praça o Meirinho da Cidade, com o mesmo vestido com que appareceu na entrada. Eram duas horas, quando, correndo-se as cortinas da tribuna, appareceram n'ella Suas Magestades e Altezas, mais familia real, ficando por baixo da tribuna os moços da camara.

Deu se principio á festividade entrando na praça o Meirinho da Cidade, Victorino Mendes, vestido á castelhana, com gibão e capa de melania preta, cocarde de plumas, montado á gineta, acompanhado de quatro pretos vestidos de azul claro, e dois volantes; passando o mastro, fez a Suas Magestades as continencias, com tanta gala e desembaraço, que, n'este dia, não só não foi excedido, mas nem, ainda, imitado; feitas ellas, passou a cortejar as Excellentissimas Senhoras Damas do Paço, e, d'aqui, voltando sobre a mão direita, cortejou, com uma só continencia, o corpo do Senado, recebendo, de todo o Povo, os vivas de que era credor o seu merecimento, retirando se ao lado direito da tribuna, entrou a Guarda Real, commandada pelos Excellentissimos capitães D. Manuel de Sousa, senhor de Calhariz, e o Almirante-mór; este na vanguarda, aquelle na rectaguarda; vinham os soldados em duas fileiras e, passado o mastro, deram

principio ás continencias que executaram com toda a perfeição, d'aqui, fazendo toda a guarda um quarto de conversão, foram levando comsigo todo o povo que ainda se demorava na praça, e se retiraram em chusma aos angulos, o que executado, entraram logo, dez toireiros de pé, a que o vulgo dá o nome de capinhas, vestiam, os nove, gibões e calças encarnadas, agaloadas de branco; na cabeça coifas de rede, da mesma côr; e feitas as cortezias se retiraram; entrando, logo, oito homens vestidos de encarnado, casacas de anta, na cabeça coifas verdes, cada um com sua forquilha, e feitas as cortezias se retiraram ao lado da mão direita; deu-se principio ás danças, sendo a primeira a das ciganas, que bailaram ao som de uma vióla a sua costumada xàcara, vestiam de encarnado, roupinhas de chita e toucas brancas; segue-se, a esta, a das regateiras, vestidas de preto, com arcos de flôres, com os quaes faziam intricadas voltas, sem que n'ellas perdessem, nunca, a ordem com que vinham; era a terceira dança das collarejas, que pela mesma ordem e com os mesmos arcos, ao som de clarins, executaram, com toda a perfeição, dando, com tudo, o melhor logar ás do Terreiro que, n'este dia, excederam a todas; vestiam de gala, conforme a estação do anno que representavam. Segue-se, a estas, outra dança de pretos, vestidos ao modo da America e representando a nudez com que andam nas suas terras, armados de arco e flecha, que, ao compasso do baile, despediam, uns contra os outros; a esta se segue a outra de gallegos, bailando ao som da gaita, vestidos de branco, calções encarnados; emquanto estas danças se demoravam no Terreiro, vinham entrando oitenta regadores, formando duas alas, vestidos ao modo da China, cada um com seu regador de folha de Flandres, pintada de verde, conduzidos por dois capitães, com suas insignias e disformes mascaras; no meio das alas duas bandeiras; entre elles, outros com outras insignias e alabardas, de estranha fórma.

Chegados, que foram, deante da tribuna, feitas as continencias a seu modo, fazendo um quarto de conversão sobre a rectaguarda, entraram a regar, e, assim, foram até á porta por onde se retiraram. Entraram os carros, sendo, o primeiro, admiravel, não só pela grandeza, como, tambem, pela perfeição: era a fórma de um navio, assentado sobre rodas doiradas; na pôpa, sobre globos de nuvens, vinha a Fama, com uma trombeta, no meio uma arvore representando a Serenissima Casa de Bragança, em cima uma tarja com as armas de Portugal e Castella, varias bandeiras, e todo elle significava as glorias de Portugal.

Seguia-se a este embrito (sic) Parnaso, e, no mais alto, a figura de Apollo, em uma cadeira de varias flôres; nas escarpas do monte as nove musas, que a compasso de seu perito (sic) ter-

restre, entoavam varias coplas, cantando umas e tocando outras; chegados os carros deante da tribuna, fizeram volta a ambos os lados, e, tornando-se a encontrar, deram alguns giros, os quaes finalisados se retiraram.

Entra o primeiro cavalleiro, Manuel de Mattos, vestido á castelhana e montado á gineta, em um cavallo malhado de branco e preto, acompanhado de seus toireiros de pé, e, feitas as cortezias a S. S. M. M. e ás damas, buscou o toiro, com toda a bizarria, e, não fazendo sorte, se retirou dando logar ao segundo, Luiz Antonio, que, da mesma fórma e com igual gentileza, feitas as cortezias, buscou o toiro, que o investiu, e, feita a primeira sorte, se retiraram ambos, a mudar de cavallo. Não buscava, o toiro, os cavalleiros e só investia os de pé, pelo que se ordenou morrêsse á espada; houvera de conduzir-se na tumba que era á maneira de uma embarcação, sobre rodas, e tirada por quatro cavallos, mas a infelicidade de se quebrar desvaneceu estas esperanças e desmentiu as mal seguras idéas.

Sahiu o segundo toiro, em que se lhe (sic) metteram algumas farpas, e, vendo que não investia, o mataram os toireiros de pé; foi este já levado com differente estylo, não lhe bastando sem crime o ser morto, mas tambem arrastado.

Sahiu o terceiro, da mesma natureza e brandura, excepto quando investiu o Meirinho da Cidade, que, até n'este passo, mostrou, na segurança, a sua primazia.

Levado este, veiu o quarto e morreu da mesma fórma que os outros; seguiu-se a este outro que acabou ás mãos dos capinhas; pozeram-se, na praça, algumas figuras de gesso, com differentes fórmas, e se mandou soltar outro, que investindo-as, lançavam de si alguns bugios, porque estes toiros eram dignos de os mandarem bugiar; emfim, não quiz morrer com differença dos companheiros. Para o outro se armou uma meza, para onde vieram quatro capinhas, dois vestidos em trajos de mulher e, brindando á saude da festa, fizeram, com muita felicidade, as suas sortes; morto este, á espada, se continuou o brinco da meza para o outro, que de todo a desmanchou, fazendo, na igualdade da morte, aos outros companhia; seguiu-se outro, que, levando algumas farpas, morreu de saudades da sua Patria; quasi igual fortuna correu o decimo a que os capinhas mataram (se é que não mor eu de medo d'elles); a este se seguiu outro, que, com summa felicidade o matou Luiz Antonio, do primeiro rojão; não foi assim o outro, que, não obstante a violencia do fogo, que o espertava, entregou a vida na ponta da espada, e o mesmo fez o seguinte, dando logar ao decimo tercio que, bravamente, investiu a Luiz Antonio e, tendo-lhe levado o rojão e ferido o cavallo, o mataram á catana; sahiu o decimo quarto, investindo as figu-

ras de que estava seguro não receber damno; n'este tempo entrou no Terreiro uma saloia, ou toireiro de pé, em um arenque com um seirão de fructa e logrou a sorte de o matar ao primeiro rojão; morreu, tambem, á espada, o outro, e, por evitar prolixidade, entre vinte, que, na dita tarde sahiram, só um morreu de rojão, ás mãos do cavalleiro, os mais, á espada e á choupa; armou-se uma de grandeza desmarcada, defronte do toiril, junto a ella os capinhas, e, saindo um, que talvez fosse melhor que os outros, ficou morto da primeira investida.

Correu-se o penultimo, com toirinhas, que para estes toiros bastavam, mas, não investindo, morreu á choupa; o mesmo fim teve o ultimo, e eu aqui o dou á minha Relação, perdoe, o leitor, o estylo, que não póde ser melhor, de uma coisa vista de tarde e escripta de noite, escrevo o que vi; e, como sigo as leis de historiador succinto e não de poeta fabuloso, digo o que vi, escrevo o que notei; se algum dia subir com esta mesmo ao Parnaso, terá, o leitor, mais que vêr, e eu mais em que me occupar. — Valle. — Fim.»

Larguêmos este jornal e leiâmos outro, um pouco melhor, impresso e revisto, ainda que menos espirituoso, e guardemos os commentarios para depois de termos lido todos.

Intitula-se e diz:

«Triduo festival, que, á exaltação d'el-rei fidelissimo, D. José, nosso senhor, ao throno, celebrou o preclarissimo Senado de Lisbôa, nas tardes de combate de toiros, no Terreiro do Paço, a 28 d'agosto, 4 e 11 de setembro de 1752. (Lisboa-Na officina de Manuel da Silva (1752). Com todas as licenças necessarias. Achar-se-ha, esta Relação, no livreiro do adro de S. Domingos e na loja de Isidoro do Valle, á Sé, e na de Pedro do Valle, ao Chiado, e nos papelistas.

Primeira tarde de toiros. Em 28 d'agosto de 1752

Não obstante serem infinitos os papeis que, em verso e prosa, tem sahído, respectivamente á celebridade com que o muito illustre Senado de Lisboa tem applaudido e continúa em applaudir a felicissima exaltação de el-rei fidelissimo D. José, nosso senhor, ao throno portuguez; não deixam de persuadir-me algumas razões a escrever esta Relação, sobre o mesmo argumento, porque se ainda as mesmas cem boccas da Fama foram diminutas para o celebrar, parece que não só é digno de desculpa mas de louvor quem trabalha por accrescentar mais echos aos vivas do nosso real soberano.

Terminado já, finalmente (sic) no ultimo de julho d'este pre-

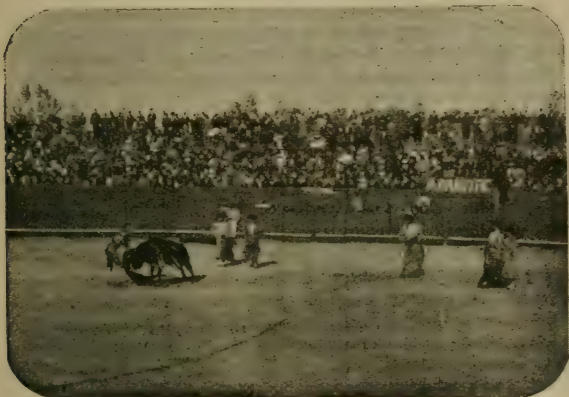
sente anno de 1752, o segundo anniversario da morte do senhor rei D. João V, e consequentemente, o lucto dos dois annos, que tomáram, em justa demonstração da intempestiva morte do mesmo senhor, Suas Magestades reinantes e toda a nossa grande e nobilissima Côrte, quiz o preclarissimo Senado de Lisboa, supposto que durante o mesmo lucto não tinha logar, fazer agora patente ao mundo, com algum publico festejo, o seu justo alvoroço e veneração na acclamação, tão gloriosa, d'el-rei fidelissimo D. José, nosso senhor, que o seja por évos immemoriaes (sic), como assim o merecem as suas incomparaveis e reaes virtudes, e o aspiram os incessantes e ardentes votos de seus fieis e amantes vassallos.

A este fim, nos principios do referido mez de julho, representou o Illustrissimo e Excellentissimo Marquez de Alegrete, meritissimo presidente do mesmo Senado, em nome de todo elle, a Sua Magestade, a sua respeitosa intenção. Foi ouvido do nosso grande soberano mui grata e attenciosamente, e obteve a sua regia permissão para uma festa real de tres dias de combate de toiros, no Terreiro do Paço, que tiveram principio a 28 d'agosto proximo passado, continuaram em 4 e terminaram em 11 do seguinte mez de setembro, d'este anno de 1752. Mandou logo, Sua Excellencia, fixar editos para se arrematar o chão e se proceder á obra dos palanques, e, concluida brevissimamente esta diligencia, se levantou, no mesmo sitio, um mastro, em cuja bandeira se viam pintadas de excellente mão, de uma parte as sempre victoriosas e sagradas quinas portuguezas, e do reverso a imagem do nosso grande santo Antonio de Lisboa, não menos grande do que o santo anachoreta de quem tomou o nome, e, muito mais, as virtudes, o magno Antonio. Fez-se, ultimamente, ao mesmo mastro, um pedestal de pedra, tão bem fingida quanto se podia esperar do maior primor e acerto da arte.

Foi incrivel a promptidão com que, em pouco mais de um mez, se concluiu o magnifico amphitheatro, não já, tanto, pela propensão que tem os portuguezes a semelhante genero de divertimentos, quando pelo inexplicavel affecto com que, sempre, amaram e obsequiaram a seus monarchas e senhores, e ser o nosso, a cujo obsequio se encaminhava a presente festividade, o que, com maior justiça, tem conquistado o senhorio dos corações portuguezes

Começaram-se a levantar os palanques, formando um angulo recto defronte da Védoria, cujos lados de sesenta palmos de altura, cada um, se distendem da mesma Védoria, para o Arco dos Prégos e para a Casa da India, e com os outros dois lados que discorrem da mesma Casa até o Corpo da Guarda, e, d'aqui até o

Arco dos Prégos, fecham uma praça quadrangular de lados iguaes, de 440 palmos de estensão, cada um.

Bem no meio da galeria do Paço, que olha para o Terreiro, se levantou, para Suas Magestades e Altezas, uma elegante e magnifica tribuna, assim como, tambem, os seus balaustres, tudo de uma primorosissima talha doirada condecorada com um riquissimo cortinado de damasco carmezim e sanefas de velludo encarnado, tudo pendente de um pavilhão azul, côr que verdadeiramente vinha muito propria ao que havia de representar um céo na terra. Ao comprimento da frente da mesma galeria, se

fizeram duas ordens de varandas, excepto na sua extremidade, junto á sala dos tudescos, em que, sobre a segunda ordem, se levantou mais um pedaço de varanda. Por baixo discorria uma trincheira, da casa da India até á porta immediata ao Corpo da Guarda, aonde, tambem, se formou outra para os officiaes de guerra.

Nos palanques, que formavam o lado do angulo que se produzia defronte da Védoria para a Casa da India, havia, exceptuando aquelle que se destinava para o Senado que era mais espaçoso e se corôava com o estêma das quinas de Portugal, quatro ordens, ou andares, de camarotes, e, ultimamente, uma trincheira. Para a parte que lhe ficava defronte e discorria do Corpo da Guarda até o Arco dos Prégos, não se via mais que outra trin-

cheira, por baixo das janellas do quarto da senhora Rainha D. Marianna d'Austria.

A frente, que olha para o Palacio, era a da entrada. Constituia-se, este pórtico, de um arco sustentado em duas columnas, tudo fingido de pedra azul, (sic) excepto bazes e capiteis, que representavam ser de pedra amarella. Corôava-se com a pintura dos reaes escudos das armas de Portugal e Castella, pela tão gloriosa alliança d'estas duas corôas, nos dois thronos d'ellas, servindo lhes uma só de remate, sustentado por dois genios, que estavam aos lados. Assim se consideravam e uniam, alli, os mesmos dois reaes estêmas em signal da augusta paz, que reina entre as duas nações, castelhana e portugueza, e que, impermutavel e perpetuamente, nos podemos comprometter e augurar, mediante a felicissima alliança dos reaes e, ao presente, reinantes senhores de todas as Hespanhas e de tanto mais resto do mundo,contrahida, tão gloriosamente, no Cáia. Serviam-lhe, finalmente, de trophéo seis bandeiras, em que tremulavam as armas do Imperio e de muitos outros poderosos Estados com quem tem entroncamento e consanguinidade, a casa real portugueza.

Do arco da entrada, para a parte do Arco dos Prégos, havia em parte, tres ordens de trincheiras ; as duas superiores ornadas, assim como todos os camarotes e varandas, de balaustres e, em parte, chegando mais para o Arco dos Prégos, duas ordens de camarotes, e, por baixo, outras duas de trincheiras, continuando-se, ambas, ao mesmo nivel, como fica dito, desde o arco da entrada até o dos Prégos. Para a outra parte, que discorria do portico para a Védoria, tudo eram trincheiras, em tres ordens, assim as duas superiores, como a inferior ; em correspondencia ás já descriptas.

Chegado o dia 28 d'agosto, desenrolaram-se as bandeiras, que, como já se disse, serviam de torphéo ao arco do portico e armou-se o camarote do Senado, de damasco carmezim. Armou se tambem, com suas portas de cortinas, a maior parte dos outros camarotes e varandas particulares, especialmente ao correr da galeria, Paço e na frente que cahia para a parte do mar.

Foi infinito o concurso que alli occorreu a lograr-se da vistosa e agradavel perspectiva d'aquella praça, não só de gente plebeia, mas, ainda, de muitos senhores fidalgos e outras muitas pessoas de distincção, que a andaram vendo, nas suas carruagens, emquanto se não correu a cortina da tribuna real, trajando todos de gala e cooperando em accrescentar mais lustres a este tão grande dia de triumpho, em divido obsequio a Sua Magestade, real e sagrado assumpto de todas estas festivas demonstrações.

Occupado, já, finalmente, aquelle soberbo e insigne amphitheatro, havendo os moços da Camara, tomado o posto, que ficava por baixo da varanda real; entrada, já, nos camarotes, que lhe ficavam á direita, a fidalguia; estando já nos da outra parte, a Illustrissima e Excellentissima Camareira Mór e as mais damas, e, presente o preclarissimo Senado, recebeu finalmente, aquelle sitio, as ultimas luzes, com a presença de Suas Magestades e Altezas, que, ás duas da tarde, em que se correu a cortina, da tribuna, déram a seus vassallos o gosto de se deixar vêr publicamente. Só não tiveram a consolação de lograr, assim n'esta como nas mais tardes, a presença da Serenissima Senhora Rainha D. Marianna d'Austria, que, como amava a seu defunto e real esposo, que está no ceo, o senhor rei D. João V, tão fina e extremosamente, e tem determinado com raro exemplo dar uma demonstração d'este seu singular amôr ao mundo, não tirando ou alliviando jámais, o luto, não se quiz agora lograr d'este divertimento, por ser incompativel com a sua real e tão generosa resolução.

Entrou, logo, na praça Victorino Mendes, Meirinho da Cidade, vestido muito flamante e explendidissimamente, á castelhana, de melania preta, forro de setim encarnado, cocarde de plumas brancas e pretas, e montado em um generoso e briosissimo cavallo, mas, ainda assim, tão docil e obediente aos preceitos da arte, que parecia melhorar de especie, com tantos visos e apparencias de racionalidade. Seguiam-n'o quatro pretos, de partasanas, com librés de azul claro, forradas de branco, com suas fitas e dragonas no hombro, e levava por volantes outros dois pretos, á estribeira. Fez tres cortezias a Suas Magestades e Altezas; passou, logo, a fazer outras continencias ás Illustrissimas Senhoras camareiras e damas, e, ultimamente, ao clarissimo Senado. Concluida esta cerimonia, com o mais bem executado desembaraço, foi occupar o seu logar, junto á varanda real, e esperar as ordens de Sua Magestade, que lhe communicasse o Illustrissimo e Excellentissimo Marquez de Marialva.

Logo antrou a Guarda Real, marchando em duas alas, flamantemente vestida, precedendo pifano e tambor. Commandavam-n'a, seu Excellentissimo Capitão, D. Manuel de Sousa, e seu Tenente, ambos montados em soberbissimos cavallos e seguidos de muitos creados, todos vestidos com mui distincto luzimento. Desempenhadas as continencias, com a mais grave e mais airosa bizarria, virou toda a guarda caras aos lados, fazendo um quarto de conversão, e, ficando reduzida a uma só fileira, foi levando, para fóra, a muita gente que estava na praça. Semelhantemente, tornou logo a fazer outro quarto de coversão, sobre os lados, de modo que tornou a ficar na mesma situação em que havia en-

trado, bem defronte do pórtico, deixando de fóra d'elle toda gente que achára dentro. Então se retiraram os soldados, d'ell aos logares que tinham nas trincheiras, nos quatro angulo d'aquelle vistosissimo anphitheatro.

Seguiram-se 11 toireiros, que o vulgo chama capinhas, cor vestidos encarnados; fizeram suas cortezias, tomaram garrocha e retiraram-se, dando logar á entrada de 9 monteiros da choca ou homens de forcado, com suas couras de anta e vestidos, tam bem, de encarnado, que, feitas tambem as suas cortezias, se re tiraram a seus logares dando-o ás danças que vinham en trando.

Foi a primeira a das ciganas, que vinham, assim como toda as das outras danças, mui asseadas e ricamente adereçadas, com competindo-se umas a outras. As quatro que se seguiam, da peixeiras, couveiras, collarejas e medideiras do Terreiro, repre sentavam as quadras do anno: Inverno, Primavera, Estio e Ou tomno, vestindo e trazendo as insignias que symbolisavam a mesmas quatro Estações.

Entrou, logo, a dança dos pausinhos, dos gallegos, e, ultima mente, a dos pretos, vestidos ao uso d'Africa e America, de hol landilha preta, de módo que pareciam andar despidos, ao modo d'aquellas partes e com varias plumagens na cabeça.

Foi a ultima dança, a das curraleiras, merecedora, pelo seu luzimento e aceio, de coròar o plausivel divertimento d'esta danças.

Succedeu, immediatamente, na praça, um corpo de 80 ho mens para regal-a; trajavam como chinas e traziam seus rega dores e, tambem, suas maças, traçadas sobre o braço; eram capitaneados por commandantes, que vinham emascarados mui extravagantemente; muito mais os que vinham no meio d'estes regadores, e todos traziam, tambem, suas achas de armas; fi zeram suas cortezias e entraram á regar a praça, com toda a boa ordem. Concluida esta diligencia retiraram-se.

Entrou o primeiro carro, não sei se mais admiravel pela sua grandeza, se pela sua architectura, ou se pela sua opulencia; occupavam-n'o muitas figuras allegoricas e triumphavam bem no centro d'elle em uma grande e bem obrada tarja, as armas reaes de Castella e Portugal. Junto a estes reaes brazões ia a Fama, entoando um clarim, como annunciando ao mundo as glorias de Portugal, na soberana acclamação d'el-rei, nosso senhor, a cujo obsequio se dirigia, muito especialmente, este insigne e fastosissimo aparato. Arvoraram-se, n'este carro, dois estandartes, e tiravam d'elle, conduzidos por alguns selvagens, ao parecer, oito rompantes leões.

O segundo carro, que depois entrou, era, tambem, pomposis-

imo; figurava Apollo, no monte Parnaso, vestido tanto ao natural que parecia não trazer cobertura, e acompanhavam-n'o as musas, que, ao compasso de dulcissimos instrumentos, alternavam em discretos e canoros numeros, as inumeraveis virtudes e os inexpremiveis applausos do nosso inclito monarcha reinante. Era tirado de formosos urcos, ou frizões; e depois que chegou, com o primeiro, á tribuna real, e, ambos, fizeram pela praça alguns girós, se retiraram.

Procedeu se, finalmente, ao combate dos toiros e foram os cavalleiros, d'esta primeira tarde, Manuel dos Santos e Luiz Antonio.

Occupou, o primeiro d'estes dois insignes combatentes, a praça, escoltado de um bom numero de capinhas, e, feitas as cortezias do estylo, entrou a buscar o toiro, e, não logrando poder fazer-lhe alguma sórte, pelo toiro não corresponder á bizarria com que elle o buscou, se retirou, cedendo o logar a Luiz Antonio, que, desempenhadas as cortezias e feita a sórte, se retirou com seu companheiro, para mudarem, ambos, segundo a pratica que se estyla, de cavallo. Como o toiro fugia dos cavalleiros e só procurava os toireiros de pé foi sentenceado a morrer, como logo morreu, á espada. Foi tirado para fóra, em um carro de que, depois, por um incidente, se não pôde usar e foi preciso servirem quatro cavalgaduras n'estas conducções.

Fôra nimia prolixidade especificar o successo de 21 toiros, que morreram n'esta tarde, bastará dizer que Luiz Antonio fez a bôa sórte de matar um, do primeiro rojão que lhe metteu. Os mais, foram corridos pelos capinhas, com rojões, farpas e garrochões de fogo, e mortos á espada, á choupa e á faca.

Interpolou-se este combate com varios generos de divertimentos. Não foi pequeno o que resultou de differentes figuras e vasos que se puzeram no curro, de que sahiram, depois do toiro arremetter com ellas e as quebrar, alguns bugios pequenos.

Tambem foi de mui bella diversão uma mesa que se poz junto ao mastro, com apparelho de chocolate, a que se assentaram, como para o tomar, os capinhas, alguns d'elles em trajo de mulher, e, os que representavam maior auctoridade, vestidos mais extravagantemente, e que um toiro deitou pelos ares, pondo por terra todo o aparato d'aquelle phantastico beberete, desattenção que pagou morrendo irmãmente com seus socios.

Não foi menos plausivel a bôa graça d'outro capinha, vestido como saloia, a cavallo com um ceirão de fructa, porque, fazendo uma sorte ao toiro que andava na praça, o matou destramente, do primeiro rojão.

Acabou-se, finalmente (sic) este primeiro dia, deixando sum-

mamente satisfeitos aos espectadores e grandemente alvoraçados para se lograrem de todo o resto d'este real festejo.

Segunda tarde de toiros. Em 4 de setembro de 1752

A tarde de 4 de setembro, d'este mesmo anno de 1752, foi a segunda destinada á tão justa plausibilidade da acclamação d'el-rei. Patenteou-se este senhor, a rainha nossa senhora e Suas Altezas, na tribuna real, seria uma da tarde.

Concluidas as entradas, com differença pouco notavel, como na primeira tarde, consistindo em mui pouco mais do que na diversidade da gala em que, em todos os dias d'estes festejos, variou o Meirinho da Cidade e em ser commandada, n'este dia, a Guarda Real, pelo Illustrissimo e Excellentissimo Conde Almirante e seu Tenente, assistidos ambos de um bom numero de creados, ricamente vestidos, havendo, já, sahido da praça os dois carros que haviam agora entrado, com a differença de serem precedidos de dois genios, montados a cavallo, tocando seus clarins, cada um d'elles entre dois selvagens, e o segundo carro, d'Apollo, tirado, ao parecer, por oito camellos; occuparam a praça Manuel de Mattos e José Roquete, cavalleiros d'este dia.

Fôra elle, sem duvida, um dos mais divertidos, se correspondesse o successo á idéa, mas um sinistro incidente o quiz defraudar de uma boa parte de seu lustre. As nações mais previstas e mais polidas não carecem de exemplos de semelhantes acontecimentos, e, se isto é ou póde ser consolação, não nos faltará com quem nos consolêmos. Foi o caso : que estava prevenido um carro de fogo, para fazer mais luzida esta funçção, e, estando já mortos 9 toiros, se quiz offerecer este espectaculo aos olhos das pessoas reaes e a todo o nobilissimo concurso assistente. Para fazer esta vista mais agradavel se deu fogo, ao entrar pelo pórtico, para entrar, o mesmo carro, fazendo mais estrondo pela praça dentro. Entrando o fogo a arder ganharam mêdo os bois, que tiravam d'esta machina, e não havia meio de desencalhar o carro, do pórtico para deante. A' gritaria e confusão originada d'este incidente, accresceu atear-se fogo na porta do curro, da parte direita, e o alarido que se ouvia e os globos de fumo que começaram a apparecer, tudo influiu um tal pavor em muitas pessoas que estavam accommodadas nos palanques d'aquella parte, que já se davam por perdidas e devoradas do fogo e levadas, sem mais consideração, do seu pânico terror, se começaram a precipitar dos mesmos palanques abaixo, como se vissem já, sobre si, a foice da morte. Algumas d'ellas pagaram bem cara esta sua temeridade achando, no recurso que buscavam á sua

vida, mais certa morte do que aquella de que pretendiam escapar.

El-rei, nosso senhor, com a sua innata benignidade, lhes fez insinuar pelo Meirinho da Cidade, que se não incommodassem, que não haviam de ter perigo; assim foi, porque o que houve só prejudicou a quem, tão temerariamente, o quiz tomar por suas mãos, porque, como se a voracidade do fogo obedecesse ás vozes de el-rei, o carro se reduziu a cinzas, n'aquelle mesmo logar, d'onde não o poderam mover, sem fazer mais effeito do que queimar ou meio queimar parte da mesma porta em que dissemos que pegou sem fazer outro algum damno, de modo que se pôde continuar, como ainda continuou, o festejo matando-se mais 17 toiros e executando-se, felizmente, todos os outros espectaculos que para esta tarde se haviam prevenido.

Por todos, morreram n'este dia 26 toiros; acabaram 11 ao rojão e 4 á espada, ás mãos dos cavalleiros, que se desempenharam, com summa destreza, bizarria, bom successo e inteira satisfação de todo o concurso.

Não nos detemos em descrever meudamente estes combates, porque semelhante individuação teria mais de importuna que de precisa. Os capinhas mataram 11 toiros, 1 ao rojão, 8 á espada e dois á faca. Houve, tambem, muitos divertimentos de figuras e vasos, que se puzeram e oppuzeram aos toiros, de que, depois de quebrados, sahiu quantidade de pombos e coelhos.

Tambem foi de bom gosto uma nova machina que appareceu na praça; era uma pyramide quadrangular, cujas faces, depois de arder n'ella algum pouco de fogo artificial, se abriram, apparecendo no meio um toireiro de pé que, sem se mover d'ali, esperava que o toiro, que elle provocava, o investisse; vendo, porém, que era diligencia escusada, sahiu d'ali a buscal-o, deixando-o morto ás suas mãos.

Sahiu, tambem, outra vez, a saloia, que duas vezes foi deitada abaixo da cavalgadura, pelo toiro, que, com a vida, pagou a desattenção.

O fim do dia o poz, tambem, a este divertimento, ficando-se esperando anciosamente, o complemento d'elle, na ultima tarde d'este real festim.»

Se a prosa d'estes escribas, fosse correcta e a orthogaphia admissivel e se soubessem resumir nos logares de menos importancia e descrever bem o que a teve, copial-os-hiamos, palavra por palavra; mas tal não succede, como se vê teem todos o estylo empolado, com palavras raras, que é o caracteristico da nullidade; felizmente as palavras vulgares da nossa lingua harmonisam-se tão bem nas leis de syntaxe que, além do trabalho, chega a ser prejudicial á hermeneutica empregar as palavras exqui-

sitas que constituem o fundo da sapiencia de afamados escriptores. No meiado do seculo XVIII quasi toda a a litteratura é isto; já se perdera o bello estylo do seculo XV e já se soffrera a desnacionalisação por sessenta annos; assim, não admira que até o proprio Marquez de Pombal, o unico Homem que houve em Portugal desde el-rei D. Manuel até á Revolução, fallasse com taes palavras; era para que o entendessem.

Já ouvido, demais, o *plausivel*, declinado de todas as fórmas, e muitas outras trocas de sentido, só transcreveremos os paragraphos essenciaes, mesmo porque tudo isto se repetia em todas as toiradas, onde, como se vê, eram representados, ao vivo, os modernos centenarios.

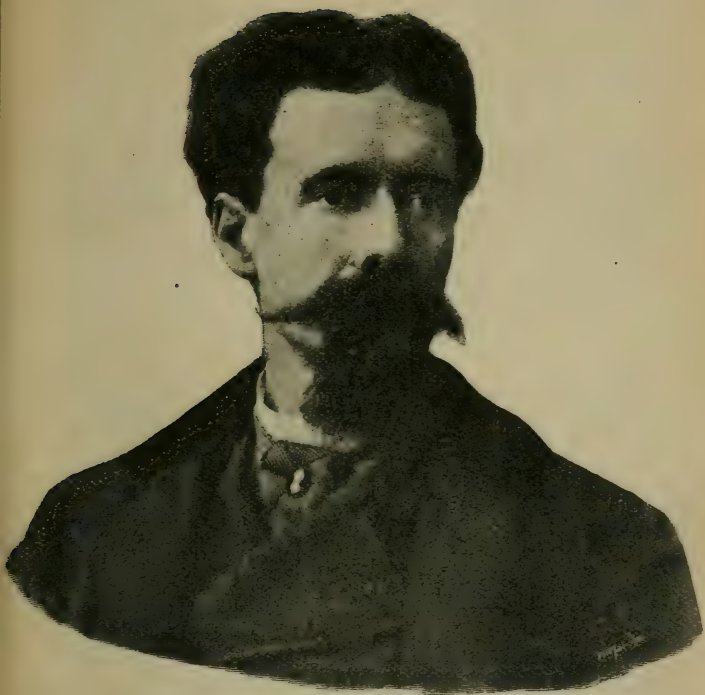
D'esta corrida ha outro chronista, na Bibliotheca Volante, é o que compoz a «Nova relação verdadeira» que já transcrevemos. O titulo da noticia da segunda toirada do primeiro triduo é:

«Relação verdadeira, em que se dá conta de todo o succedido na segunda tarde de toiros; com varios disticos, distribuidos pelas danças, que foram á praça, dando conta de tudo o mais, succedido n'ella, e com uma carta de pezames, que mandou Neptuno do Rocio a seu amigo Apollo do Terreiro do Paço, sentindo muito o susto que tomou com o fogo e fumo que exalaram as bombas de Marte, do Carro Triumphante, que ardeu na sua presença.»

Já sabemos que estamos com um ignorante d'espirito, que nos deu uma engraçada noticia da primeira toirada, especialmente quando fallou dos bugios; devemos notar a idéa de pôr em correspondencia o Neptuno do Rocio com o Apollo do Terreiro do Paço; esta ficção durou muitos annos, como, depois, veremos.

Tiremos da «Relação verdadeira» o melhor que ella tiver.

Acompanhavam el-rei, os infantes D. Pedro, D. Antonio e D. Manuel; isto quanto aos espectadores; na praça os seis pretos que acompanhavam o meirinho vinham vestidos de azul «e dois á volantina, cujos lhe seguiam as pizadas em todas as occasiões que se lhe fazia preciso». As danças eram 11 «como em o primeiro dia, mas só a differença que n'ellas se poderia achar eram os trajos, porque as ciganas, que era a primeira, vinham todas vestidas de encarnado, com pannos de escumilha pela cabeça; dançavam estas ao toque de duas violas, levando cada uma, no hombro, o distico que dizia:

> Deu-nos, Deus, esta ventura,
> Com tantas felicidades,
> Que, á vista das Magestades,
> Toda a mais luz fica obscura

CARLOS AUGUSTO MASCARENHAS RELVAS DE CAMPOS

† em 22 de Janeiro de 1894

Seguia-se a esta as regateiras, e não ha duvida que se despicaram, porque, se no primeiro dia o fizeram com aceio, n'este se portaram com toda a limpeza, e, a uma voz, diziam por seus idiomas, o seguinte :

Se amor é quem nos sustenta,
Em nos dár o seu producto,
A' vista temos o fructo
Que melhor nos alimenta.

Seguiam-se as colarejas e a sua dança primorosamente ornada de floridos arcos, e, n'elles, davam a entender a primavera de seus annos, porque cada uma, parecia, estava nos seus 25, traziam seu idioma, e dizia :

A primavera fragrante
Nos convida com seus fructos
A vir pagar os tributos
Devidos á Patria amante.

Succintas a estas vinham as do Terreiro, e cada vez mais apaixonadas no desempenho, porque, cada uma de per si, não tinha mãos a medir e não seria um, dois, tres ou quatro, que o diriam, senão muitos que, a uma voz, o disseram, e ellas, melhor que ninguem, o esplicavam no seu distico :

Todas eram ao Terreiro,
Mas, nós vamos ao do Paço,
Porque o desembaraço
D'esta dança, foi primeiro.

Segue, a esta dança, a das couveiras, e, como o desempenho ficava da sua parte, não era justo tivessem menos vivas, não sei se seria a causa d'elle, n'este segundo dia, o bem composto de seus trajos, adornando suas cabeças com primorosos cocardes de plumas, e, na frente d'este, a inscripção seguinte :

Com grande contentamento
Obramos o que se ordena,
Ainda que vimos com pena,
E' de gosto e não tormento.

Não faltou a das padeiras e era justo viesse, que, a faltar, seria a primeira que se achasse menos, e, assim que esta entrou na praça, logo todos a conheceram, mas, nem por isso, vi-

nha cheirando azedo, sem embargo que podia servir de formento ás mais que se esperavam; vinham, estas, compostas airosamente e, pela voz de seu emblema, vinham dizendo:

> Sem ervilhaca, nem joio,
> Vereis o pão que amassamos;
> Se gostaes do que gostamos
> Não ha pão como o saloio.

Seguia as pisadas d'esta, a das sardinheiras, e, por serem estas tão conhecidas do povo, este tanto d'ellas gostou que, a maior parte d'elle, publicava a vozes: viva, viva; e o que lhe faltava esta expressão, tomava por sua conta o louvar-lhe o desgarre; todas eram raparigas e, algumas, da tempera velha, rijas como um aço, porque, estando com a mão na ilharga, não são faceis de trocer, e bem o mostravam no grande animo e vontade com que vinham ao campo, e, assim, diziam o seguinte:

> Mui alegres e contentes
> Vimos á festividade
> Que se faz n'esta cidade,
> De toiros, mui excellentes.

São chegadas as da Pampulha, e como estas andam a baraço pregão, por fóra de villa e termo, tambem pertenderam, n'esta occasião, mostrar que eram filhas da Côrte, e não falta quem diga que estas vem mais por força que por vontade, porem não o mostram ellas pelo que esplicam em seu idioma:

> Morrendo estavamos, todas,
> Por vir a este festejo;
> Cumpriu-se o nosso desejo
> Que nos fazia andar doudas.

Resta-nos (sic) as corraleiras, e sempre cuidei que estas faltassem, porque, como este dia, para ellas, era de trabalho, infere-se, teriam, em vir, prejuiso, mas todo este poderiam quartar, porque, na praça não lhe faltava que fazer (sic); porem, como vinham com todo o seu accio, não estavam para mexer com as mãos, n'aquillo em que eu não tomára pôr os pés; traziam a inscripção seguinte:

> Já, com eternos fulgores,
> Vimos dançar n'esta festa,
> Pois toda esta floresta
> Nasceu no campo das flôres.

Faltam os homens, vinha a primeira, que era de gallegos, dançavam, estes, lindamente, ao som do seu costumado instrumento, vestidos de encarnado e branco, fazendo difficultosas passagens e outras curiosidades, com acerto, o que mui facilmente, n'elles, se não poderia achar; traziam seu enigma, que dizia:

Se não somos naturaes
Por sermos lá de Galliza,
São Thiago vos avisa
Quanto ao rei somos leaes.

Vem a ultima, e é de pretos, negra dança poderia ser esta, mas tanto do gosto de todos que até as magestades todas (sic) não desgostavam de vêr as muitas macaquices que faziam; vinham vestidos por tal fórma, todos de preto, que, pelo justo do mesmo vestido, parecia que vinham nús; dizia o seu emblema:

Os plitinho faze festa
Para alegrar todo o gente,
Se vozo não está contente
Dize sempre que não presta.»

E foi um d'estes pretos que serviu de typographo ao auctor d'esta noticia, porque são tantos os erros proprios da lingua criola que não deixaremos de notar alguns: *fragante* por *fragrante*, *enferece* por *infere-se, escripção* por *inscripção*, *tomará* por *tomára*, *flugores* por *fulgores, inima* por *enigma*, etc.

Verdadeiros enigmas são estes erros que nos vimos obrigados a emendar e de que não fazemos menção em nota porque tal consideração não merece o original.

Tornemos á toirada. Segundo este chronista, vieram depois dos regadores, os mesmos carros, já descriptos; rodeavam a Fama, no primeiro carro, as figuras symbolicas da Prudencia, Sabedoria, Justiça e Fortalesa, cobriam n'o muitos instrumentos belicos e tiravam-n'o oito leões artificiaes. Em redor do carro de Apollo, tirado por oito camellos, vinham satyros com achas d'armas nas mãos e pegasos montados por varias figuras.

Os cavalleiros, Manuel de Mattos e José Roquete, vestiam á castelhana e montavam, á gineta, cavallos magnificos «fizeram as cortezias a Suas Magestades e Altezas e ás Excellentissimas damas e ao Senado, estando a praça acompanhada de um boi, cujo morreu ao primeiro encontro que teve com o cavalleiro José Roquete; retirou-se, este, recebendo, geralmente, de todos (sic) os vivas; mudaram, ambos, de cavallo, entraram ao combate, morreram, succinto, seis bois, sem que nenhum dos

cavalleiros recebesse descortezia, retiraram-se a descansar.»

A má pontuação não nos deixa claro se o toiro já estava na praça quando se fizeram as cortezias, se foi o primeiro toireado; da fórma da redacção parece deprehender se que o soltaram durante as cortezias.

Depois de se recolherem os dois cavalleiros ardeu o carro, como já sabemos; dentro do carro vinha um boi que morreu queimado; aqui faz o chronista, o espirito do costume, dizendo: «o que, tambem, ia succedendo a algumas pessoas, mas não deixou de haver desgraças, pois se sabe que morreram, precipitadamente (sic) dos palanques a baixo, seis pessoas; não fallemos no tumulto da gente que procurou pôr-se em porto seguro, e alguns dizem: foram para a feira da ladra, e, para segurarem a suprividencia (sic) (sobrevivencia) lhe foi preciso deixar a capa, n'ella, e, com tão pouca fortuna que nunca mais lhe viera a mão.»

Parece que muitos perderam o logar e foram substituidos, no tumulto, pelos que estavam fóra da praça «por não terem com que pagar o logar.»

«Continuou-se o combate e morreram, no decurso da tarde, 27 bois; não posso dizer o guisado que fizeram d'elles, mas só de um darei noticia, o qual foi assado, e, os mais, sempre seriam cozidos ás estocadas; em toda a tarde, puxaram, os cavalleiros, a espada, quatro vezes, e as descortezias, que os obrigaram, foram: a descompostura de um capinha; a segunda, o perder, José Roquete, uma estribeira; a terceira, o ferir-se-lhe o cavallo; a quarta, o escapar lhe um rojão depois de empregado; e na em que (sic) lhe succedeu ferir-se o cavallo, por este tomar medo, usou de fugir, que, por mais que o cavalleiro, que era José Roquette, o quizesse obstar, não foi possivel, obrigando-o, esta occasião, a pôr-se a pé, e mostrou tanto o seu valor e a força de seu braço, que, com elle, opprimiu as forças ao acelerado bruto e, muito a seu salvo, vingou o aggravo, que este lhe tinha feito.»

Os bois sahiram bravissimos, um, muito ferido, saltou a trincheira, não fazendo mal a ninguem. Diz o chronista que «houve boi que chegou a crusar os hombros do cavalleiro», acabando, muitos, ás mãos dos capinhas.

Vieram, depois, as figuras que, despedaçadas nas armas dos toiros, deixavam sahir pombos, coelhos e varias aves que encerravam.

«Sahiu, mais, uma torre de fogo, cuja veio ás mãos de dois homens, era esquipatica na factura, servia-lhe de remate uma horrenda cabeça de gigante, e, sobre ella, rodas de fogo, e, acabada, que foi, de arder, se separou, aquella machina, para

todos os quatro lados, e, no meio, um capinha, a cujo se deitou um boi, e, esperando valorosamente, lhe depositou, a um tempo, duas farpas no pescoço.»

N'este e n'outros pontos, discorda esta relação com a que já transcrevemos.

A saloia vinha acompanhada d'«outra figura rediculamente vestida, com um desmarcado chapéo, correram um boi a rojão.»

Voltaram os cavalleiros, que trabalharam depressa porque a tarde ia adeantada, mataram cada um um toiro, depois, foram mudar de cavallos e, pela terceira vez, entraram na praça a despedir-se das magestades, fazendo as cortezias do estylo. E acabou-se a toirada de 4 de setembro de 1752.

Na toirada de 11 do mesmo mez e anno, correu tudo segundo a mesma pragmatica. A familia real chegou á uma hora, commandou a guarda o conde de Villar Maior, tiraram cada carro seis frisões e as cortezias foram feitas pelos quatro cavalleiros já conhecidos.

«Morreram 20 toiros, 17 ao rojão e 3 á espada, ás mãos dos mesmos 4 combatentes, que parece que, n'este dia, se excederam a si mesmo, obrando acções dignas de immortalisar os seus nomes.» «Os capinhas mataram 12 toiros, uns ao rojão, outros á espada e outros á faca.»

«Foi, tambem, alternada esta funcção, com algumas extravagancias, divertidas, e que se desempenharam com igual acerto, que fortuna (sic). Foi uma d'ellas apparecer, na praça, uma figura em trajo de saloia, mas de tão desmedida corpulencia que bem podia hombrear com uma grande torre; trazia uma figura de creança, que exalava fogo pela bocca, debaixo do braço direito e a modo do cavallo de Troia, estava repleta de capinhas que moviam esta machina e faziam acintes ao toiro, mas, elle, jamais quiz chegar, antes fugia espantado da figura. Por isso lh'a botaram por cima algumas vezes, e tantas foram, até que ella se partiu e despedaçou. As mesmo tempo saltaram, os capinhas, na praça, a perseguir o toiro.» E, aqui, acabou.

Só o auctor do «Triduo festival» nos falla d'esta toirada, e escreve o que fica transcripto.

Vejamos o que se sabe do segundo triduo.

*
* *

O segundo triduo de toiradas que se fizeram em honra da acclamação do rei D. José, realisou-se a 18 e 26 de setembro, e 2 de outubro do anno supracitado.

O programma especial, que encontramos, intitula-se: «Nova relação do sumptuoso aparato com que o Supremo Senado pertende celebrar o primeiro dia da segunda celebridade de toiros»; acompanha este titulo uma gravura representando dois navios no primeiro plano e a pôpa d'outro, ao longe; mostra-se com isto a pobreza da typographia; ao menos a «Nova relação verdadeira» traz um homem de casaca, chapéo de tres bicos, rojão e espada, montando um cavallo ajaesado para passeio. Está em acção a enterrar o rojão n'um toiro que se approxima. Dentro, no verso do frontispicio, vê-se a figura alada da Fama, como devia ir no carro triumphal.

Estas gravuras não pódem ser mais mal feitas; porque não teem importancia para o caso, não descreveremos outras de que os impressores se serviam em varios folhetos ácerca de varios assumptos.

Para se vender por uma moeda de vintem cada uma d'estas relações, não se podia exigir melhor, nem a arte portugueza o daria.

Mas, tornemos ao programma que nos diz que alêm do já sabido, apparecerá um carro de triumpho «em o qual virão os heroes que, nos antigos seculos, enobreceram a monarchia lusitana; trazendo, cada um, a insignia das suas armas, nas bandeiras esculpidas, e, no respaldo do mesmo carro, o celebrado athleta do imperio luso, como principio da gloria dos portuguezes. No convez virá deliniada a cidade de Lisbôa, imperio do Mundo e dominadora do Oriente; por um e outro bordo virão, como em despojo, varios estandartes das nações que os portuguezes fizeram gloriosas victimas do seu valor; passado este primeiro, a quem hão de acompanhar, a pé, em logar dos selvagens (Para que não seja aselvejado, este festejo), por uma e outra banda, varias nações, que o valor portuguez attrahiu para a sujeição e obediencia; entrarão, logo, no Terreiro, dois carros, ou, para melhor dizer, duas cidades, todas formadas com seus castellos e torres, com varias invenções de fogo, e, passando, varias vezes, um pelo outro, armarão uma fórma de batalha, despedindo, ao mesmo tempo, varias bombas, até que, por fórma de vencido, se retirará o primeiro, indo em seu alcance o segundo, e, n'esta ordem, ficará a praça desempedida para outro que entrará logo, formando a carroça de Neptuno, trazendo, na pôpa, a mesma deidade marina, por um e outro bordo todos os deuses d'aquelle humido elemento, entre os quaes appareceräo varias nimphas, e, junto ao Neptuno, a deusa Thetis; virá, este carro, por tal arte movido que pareça natural o movimento, e, chegando junto á tribuna real, despedirá de si copiosas e miudas aguas que, as mesmas deidades, hão-de lançar por

subtil invenção, para o que trarão, escondidamente, a mesma agua, e, dando algumas voltas á praça, a deixarão regada.»

Correr se-hão 24 toiros, em cada dia, e por-se-hão na praça «varias estatuas, não de tão desmarcada grandeza que movam o espanto aos animaes, mas á imitação de qualquer homem, de tal fórma postas que, investindo o toiro, se tornem a levantar e o façam cada vez mais furioso; entre estas haverá, tambem, algumas de barro, com varias aves e outras cheias de agua, para que, feitas em pedaços, com a furia do encontro, movam a divertimento; passada esta galanteria, entrando, outra vez, na praça, os cavalleiros tourearão alguns, e, ao depois, sahirá um dos mais curiosos divertimentos: um bravissimo toiro levando a Europa, e, para lhe augmentar a braveza, terá a figura, na mão direita, um estimulo, ou, fallando mais claro, um aguilhão, e levando, o braço, de tal fórma desengonçado que, com o correr do toiro, vá, sempre, a mão, dando sobre o lombo; picado elle discorrerá com aquella furia que lhe ha-de causar o mesmo estimulo, e logo pegará o fogo de que a mesma figura vem composta, discorrendo assim, por toda a praça, até se acabar e o dito toiro ser morto ás mãos dos capinhas.»

Tambem haverá um toiro, com as armas cortadas, para os rapazes toirearem «e não para os homens dos forcados» metterendo-lhe garrochas e, logo que cáia ferido ou cansado, «será levado com os outros, a fórma de o conduzirem será em tumba, ou carro, e não com a impropriedade de os levarem de rastos, para o que se deu a prevenção necessaria, para se fazer, o dito carro, com tal fortaleza que não possa quebrar em alguma occasião, sendo pela mesma ordem a invenção que o outro (sic) que, a não quebrar por ser fragilmente armado, não se podia achar melhor idéa para a conducção.»

Allude-se n'este programma ao máu exito das primeiras tres toiradas dizendo no principio: «Meus leitores; bem sei que o vosso animo está mais que offendido, escandalisado do logro a que alguns, com differente *nomen-clatura*, chamam calo, que este o tendes na paciencia que mostrastes, de vêr uma funcção que a fama publicava por assombro e a execução mostrou ludibrio; mas a nimia confiança que os portuguezes fazem das idéas das nações extrangeiras é a causa de que vejamos tantos desacertos; sem embargo de despendermos tantos cabedaes, não foram poucos os que se gastaram com a magnificencia dos carros triumphantes, danças e carro de fogo, que, sendo ideado para objecto de um gostoso divertimento, veio a ser a causa da mais deploravel ruina; não fallo dos toiros, que todos viram; por esta causa, despresadas as machinas francezas, elegidas de

Portugal as idéas, se determinou desempenhar n'estes tres dias, segundos, o que faltou em os primeiros.»

Quasi ao fim diz : «D'esta fórma se ha-de executar a funcção que se espera seja o desempenho da primeira, sendo delineada por um portuguez que não permitte se lhe expresse o nome, pois o não pertende adquirir, só, sim, satisfazer ao povo que vê disaboriado pela pouca magnificencia e mal acertada disposição dos primeiros.»

D'isto conclue-se que o primeiro triduo de toiradas foi dirigido por um francez, ou, segundo o gosto do francez, em tudo que não dizia especial respeito aos toiros. Este programma é verdadeiramente nacional, foge ás hellenisações vulgares e busca um motivo patriotico. Seria cumprido? Vamos vêr o que diz o «Segundo triduo festival de combate de toiros, no Terreiro do Paço, que com a occasião do primeiro com que o Preclarissimo Senado de Lisbôa celebrou a exaltação de El-Rei Fidelissimo D. José, Nosso Senhor, ao Throno; se repetiu nas tardes de 18 e 26 de setembro e 2 de outubro d'este anno de 1752 (Lisboa. Anno de 1752.— Com todas as licenças necessa-

rias.) E' escripto pelo auctor da relação do primeiro triduo, de que já nos aproveitámos.

Quasi tudo como no primeiro triduo; as magestades e altezas chegaram pouco depois da uma hora; acompanhavam o meirinho da cidade os «seus pretos e dois volantes» e commandavam a guarda real D. Manuel de Sousa e o seu tenente.

O primeiro carro era o já conhecido, trazia, a mais, umas figuras representando virtudes, e, outros, dominios, de Portugal.

No segundo carro vinham as musas cantando «ao som de acordes e dulcissimos instrumentos os applausos do nosso incomparavel reinante» e deitavam ao povo composições poeticas que o auctor julga cultas, mas rimavam, á força, louvores a el-rei.

«Houve, n'esta tarde, que, a todas as luzes, merecia ser a primeira, a novidade de um terceiro carro; era da deusa Diana, acompanhada das suas napêas; representava se, aquella deidade, no seu costumado exercicio venatorio, mas o que figurava montes e valles, tudo, verdadeiramente, era um ameno e deliciosissimo jardim. Via-se, no alto do monte, o maior dos deuses dos ethnicos, vibrando os seus raios, e era, o mesmo monte, um segundo Jupiter que, desde o alto, fulminava, os seus floridissimos contornos, com aquaticos e christalinos raios.»

Seguiram-se os «cavalleiros mantenedores» José Roquete e João de Moura, bem montados e com os cavallos ajaesados com magnificencia; fizeram as cortezias. Os toiros eram bons; «José Roquete fez cahir 11 ao rojão, seu companheiro, 5 e ambos leváram 4 á espada. A's mãos dos capinhas acabaram 9 e, ultimamente, um ás da rapazia.»

Depois, veio uma surpreza: o carro de fogo artificial. «Era, este, a modo de um jardim ornado de muitos arcos de flôres, e occupavam-n'o muitas e bem obradas figuras, em cima vinha preso o toiro, que logo se havia de toirear, coberto de uma manta de fogo de artificio. Conduziam-n'o 4 bois, todos enramados com festões de flôres, e vinha rodeado de mascaras galantissimas, com suas lanças de fogo. Depois de haver discorrido, pela graça, parou defronte da real tribuna, e, tirados para fóra os bois, que haviam conduzido aquella machina, se lhe deu fogo e se deu, ao mesmo tempo, ao artificio, que, como já dissémos, cobria o toiro que vinha preso e, agora, se soltou. Os arcos e figuras do carro e as lanças de fogo, tudo começou a arder, formando uma bellissima perspectiva, mas que era impossivel poder lograr-se inteiramente, pelo impedimento que lhes punham os nublados de fumo que ella exhalava. Abrazado, finalmente, todo aquelle aparato, e retiradas as reliquias do carro, entrou-se a combater o toiro. Era elle um dos mais fero-

zes, e, escandecido do fogo e dos tiros, cobrava novas furias, e assaz ficáram molestadas das quédas, algumas pessoas, que elle deitou pelos ares. Morreu, finalmente, ás mãos dos capinhas.» Acabou a toirada de 18 de setembro.

Da toirada de 26 pouco diz o mesmo chronista, sendo mais notavel «uma bella e divertida caçada de pombos e coelhos representada no carro de Diana, sendo ella e as suas ninfas as caçadoras.»

Foram cavalleiros Manuel Fialho e Miguel Pereira, feitas as cortezias «Matou, cada um d'elles, n'este dia, 2 toiros ao rojão, os capinhas 21 e os rapazes o ultimo, com que por todos se completaram 26 » Extraordinaria arithmetica a do auctor.

«Foi o divertimento, d'esta tarde, uma carruagem que, já mortos alguns toiros, entrou pelo curro, vinham n'ella, ao parecer, duas damas, uma d'ellas tocando, com grande desenfado, em uma viola; era o seu moço, de acompanhar, um saloio montado em um jumento. Accommetteu, o toiro, com a carruagem, e foi recebido com dois rojões que levou; tornou a dár segunda investida e foi semelhantemente convidado; então, converteu toda a sua furia contra o escudeiro sileno, que deitou, assim como o seu quadrupede, por terra. Sahiram, as senhoras, a vingar o seu fâmulo, e, cada uma d'ellas, o boleeiro e o creado offendido, todos se tornaram contra o delinquente, em quem, uma das damas, fez, com uma pancada, que lhe deu, a sua viola em astilhas. Mataram o toiro, e contentes d'esta bôa sórte foram pôr-se á espéra do segundo; elle, porem, não quiz investir, querendo, antes, morrer, como morreu, quasi a pé quedo.» E assim acabou a penultima toirada do segundo triduo; da sexta e ultima possuimos um programma, especial que nos obriga a deixar para o fim a continuação do que diz o auctor do «Segundo triduo festival.»

O programma intitula-se: «Novo extracto da pomposa festividade com que o Supremo Senado da Camara pertende, n'este ultimo dia de toiros, finalisar os obsequiosos cultos que tributam á feliz acclamação da sempre Augusta e Fidelissima Magestade do Soberano Monarcha o Senhor D. José I. Offerecido a todos os curiosos de bom gosto, por um apaixonado de tão soberano consistorio. (Lisbôa — Anno do Senhor de 1752).»

Comquanto o auctor d'este «Novo extracto» seja um dos mais faltos de boas lettras, atira grandes golpes aos auctores das noticias das toiradas, chamando lhes, até, «patifas relações» e diz que, a pedido de varios amigos, escreve esta, para preencher uma lacuna. Em resumo, diz o seguinte:

Logo que cheguem as magestades, pelo pórtico que está adornado com seis estandartes onde se vêem as armas dos reinos

alliados de Portugal, sahirá, a fazer as cortezias, o meirinho da cidade, Victorino Mendes, e, depois, collocado no sitio onde receberá as ordens, entrará a guarda real dos archeiros, commandada pelo conde de Villar Maior, Manuel Telles da Silva, e pelo seu tenente, chegando á «meta signalada» retrocederá em dois grupos, limpando a praça de povo. Entrarão, logo, as dansas, primeiro a das ciganas, dançando ao som da violeta; depois a das peixeiras, com os «seus limosos arcos»; a seguir a das sardinheiras, com seus arcos; logo a das corraleiras, tambem com arcos; após esta, a das fructeiras, trazendo, tambem, arcos; virá, immediatamente, a das mulheres do Terreiro, traz d'esta a das couveiras, com arcos, tambem; finalmente, a dos pretos «em nova dança industriados e ricamente guarnecidos.»

Sahindo as oito danças entrarão os regadores, como de costume, vestidos de chinas e «por nova fórma exercitados», dirigidos por varias figuras, que, tambem fazem continencias a el-rei.

Segue-se o carro com as partes do Mundo, que rendem vassallagem a Portugal, no alto: as armas d'este paiz e as de Hespanha, e, em baixo: Neptuno, significando que é vassallo dos portuguezes. Diz o auctor, que este carro virá puxado por leões «por mostrar que a maior soberba do Mundo, significada nos ditos, devia mostrar-se subjugada a Portugal.»

Seguir-se-ha o carro de Apollo, com as musas, como já sabemos, e puxal-o-hão camellos, «por fazer constante que só a força d'estes é que póde abalar montes.»

O terceiro carro deve ser descripto pelo chronista: «He o terceiro, a selva de Diana, figurada no espesso monte que se divisa, de cujo, na eminencia, vem Jupiter sentado com a trifulca chama, em que figura o seu poder. Em logar mais baixo, sentada a casta deusa, com o venabulo, por indicio do exercicio que ostenta e, em logar mais inferior, Mercurio, mensageiro dos mais deuses, empunhando, na sinistra mão, por sceptro, um caducêo, e, na circumferencia do monte, varias nimphas, que, á caça das feras que habitam o dito monte, cumprem o inviolavel preceito da casta deusa. Cupido pretende, nos disfarces de caçador, empregar as suas settas em quem o tem tantas vezes desprezado, para isso se occulta na parte mais interior do jardim; este virá, novamente, adornado de mais fontes, cujos dilatados chuveiros subirão mais altos que o mesmo monte, 20 braças; do monte sahirá infinita caça, acompanhada de varias féras, tudo de bravissima condição e assim ordenado, porque inteiramente se completem os gostos dos circumstantes na vista do que a maior parte d'elles ignoram.»

Sahindo os carros, entrarão na praça José Roquete e outro, ainda desconhecido.

Quanto aos divertimentos de surpresa «serão dois os principaes, o primeiro será um carro, primorosamente guarnecido, figurando um espesso bosque, cujo artefacto será novo assombro de architectura, reconcentrará em seu centro (sic) a um vivo simulacro d'aquella fabulosa Europa, que, das margens de um rio, a roubou Jupiter, na figura de um toiro; a esta investirá um, tambem, não fingido, mas sim verdadeiro; porem ella, tão varonilmente, por fingida, saberá triumphar do objecto verdadeiro, que se lhe representa, como a outra, por verdadeira, se não soube livrar do fingimento que lhe appareceu.

Será o outro um novo monstro, de formidavel perspectiva, aborto de diversas naturesas, pois tendo o corpo de uma féra, a cabeça de outra, e scintillando fogo por toda a parte do corpo, travará duro combate com um toiro, até ficar por uma das partes o vencimento.

Dos mais divertimentos não faço narração expressa só porque a apetencia (sic) de vel-os origine maior gosto à occasião de admiral-os. — Fim.»

Eis o que dizem os jornaes: O primeiro intitula-se: «Sexta e ultima relação da festividade de toiros com que o Supremo Senado de Lisbôa celebrou a sempre feliz Acclamação do Augustissimo e Fidelissimo Senhor D. José I. Nosso Senhor. (Lisbôa — En la Impremt. de los Libros viejos. Anno de 1752). A indicação da imprensa é burlesca.

Diz-nos este, depois de depreciar os collegas na ignorancia de redacção, que a guarda real vinha ao som de caixa e pifano. As dansas foram dez, distinguindo-se a das couveiras, a que o do programma já se referira com louvor. A dansa que mais fez rir foi a dos pretos «que vestidos ao uso americano, na fórma de peleja que representavam, faziam o baile, com que divertiam, ficando uns mortos ao impulso das settas, e, logo erguidos, continuavam o seu desconcertado, mas alegre, applauso.» Este «uso americano» allude aos indigenas da America do Sul, é uma comparação propria da epocha.

O carro de Jupiter, com o jardim, repuxos, coelhos a sahirem das tocas e pombos a voarem, os cães a correr, as nimphas a caçar com espingardas, o que era fórte anachronismo, se as nimphas não existissem sempre, ou nunca tivessem existido, deu muito gosto a todos os caçadores, e, aos amorosos, vêr Cupido «mais proprio para ferir corações que para matar coelhos e bem mostrou não acertando tiro, que não eram esses os alvos em que elle costuma mais ostentar a sua pericia. Mataram, as nim-

phas, alguns, á espingarda, outros foram presa dos cães; finalmente, foi este o unico divertimento d'esta sexta, e, como alguns dizem, ultima tarde.»

Passado isto, veio José Roquete, a quem largaram um toiro «que mais parecia proprio para acabar lavrando que para morrer envestindo.» Para que se veja o estado do gado bravo, no seculo XVII, leia-se: «por mais que o cavalleiro o procurou animoso, lhe fugiu desconfiado e tímido, o que o obrigou a sahir-se, a mudar de cavallo, mas, não obstante esta mudança, nenhuma, o boi queria fazer da sua natural brandura, pelo que morreu á espada dos capinhas, unico fim de quasi todos; excepto um, que só este foi mais honrado, por cahir a impulso do rojão, outro tinha já derribado, de tal fórma, que obrigou ao povo, a dár-lhe os costumados applausos; porem a inercia, ou, talvez malevolo descuido dos capinhas, foi a causa de não alcançar o complemento d'este principiado louvor, porque, ficando por muito, cahido, o toiro, o deixaram levantar, o que elle fez tão esperto e fórte que ainda recebeu alguns rojões mais, até que, enfraquecido, veio a ter a mesma honra da morte de seus companheiros.

Já todo o povo estava assaz desgostoso e já eram mortos dez toiros, quando entrou na praça uma carruagem magnifica, composta de varias murtas e tirada por um sendeiro, n'ella duas velhas com um pretinho anão; atraz, em um jumento, um creado, investiu o toiro e foi ferido de alguns rojões, porem, com tanta confusão e desordem que só esta poderia servir de divertimento, pois era tal o toiro que até fugia dos homens de pé; veio finalmente a perecer á espada; varias vezes se retirou o cavalleiro sentido e cançado, sendo mais laborioso o andar, tempo dilatado, em um continuo giro, sem fazer sórte, do que se fôra accomettido, pois assim mostraria o seu desempenho, o que não podia fazer, fugindo-lhe os toiros.

Poseram-se, na praça, algumas figuras, e até estas se fizeram temidas, nem obstavam as garrochas de fogo, porque nem este era sufficiente para o accrescentar a quem o não tinha; o que obrigou a trazer, á praça, um jumento, com uma manta de fogo, revestido, na fórma, de toiro, e, com effeito, não foi menos bravo que elles; ultimamente sahiu o toiro dos rapazes a completar o numero de vinte e um, e, nem a estes investia.»

N'umas linhas a que o auctor chamaria versos, lamentando a mansidão dos toiros, lê-se o seguinte: «seis vintens me custou vêr os toiros». E' uma informação, tambem, interessante.

Voltando ao auctor do «Segundo triduo festival», que deixámos no fim da toirada de 26 de setembro, diz: «Morreram 21 toiros; um só foi morto pela cavalleiro, de um rojão; os capi-

nhas mataram 19 e os rapazes o ultimo.» O mais são louvores á *plausibilidade* do acontecimento.

De todo este trabalho deduz-se :

Primeiro: que as toiradas eram o melhor divertimento que se podia offerecer ao povo de Lisbôa. O que explica, em grande parte, o aniquilamento da nobresa e da propria monarchia absoluta, ligadas ás corridas de toiros de que faziam profissão.

Segundo : que uma *toirada á antiga portuguesa* não é uma toirada em que entram só cavalleiros e peões, é, tambem, uma toirada em que entram cavalleiros, peões, guarda real, danças, regadores mascarados, carros mais ou menos hellenisados, e ha intermedios comicos. Portanto, a denominação: *á antiga portuguesa*, não pode ser absoluta ; porque existe grande differença entre *toiradas reaes* e *toiradas municipaes*.

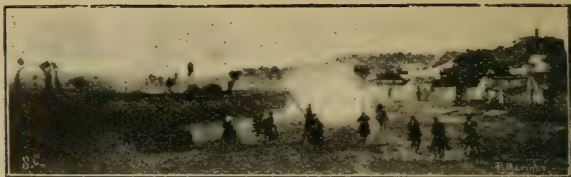
Terceiro: que a alta nobresa não entrava em todas as toiradas que se realisavam em circumstancias analogas ás que se deram para se realisarem estes dois triduos (Municipaes). Fazemos esta restricção porque logo provaremos que a alta nobresa entrava só n'algumas toiradas d'este genero (Reaes).

Quarto : que estes divertimentos eram celebrados com grandes interrupções e só em honra de acontecimentos faustosos.

Quinto: que as toiradas municipaes, vulgares em Portugal, tinham uma feição indefinida, que mais se assemelha a uma miscellania de divertimentos faltos de rasão de ser; eram um mixto de procissão do corpo de Deus, revelada nas danças mesteiraes, e de auto de fé revelado na queima dos bois ; traduzia esta fórma de ser de um povo a quem a egreja rodeou de trevas tão densas que, ainda hoje, não se dissiparam.

Só o que imitava os costumes hespanhoes, manda a critica imparcial que se diga, é que estava independente do jugo a que alludimos : o meirinho, a guarda real e certas leis do torneio, que já vimos e melhor veremos, vindas de Hespanha.

A tendencia para estas festas de decadencia ainda se assentua entre nós e tem, como já apontámos, uma completa manifestação nas que se chamam cortejos civicos, quer promovidos pelas classes elevadas, centenarios, quer promovidos pelas classes inferiores, manifestações operarias; em tudo um povo no primeiro estado se approxima da lithurgia.

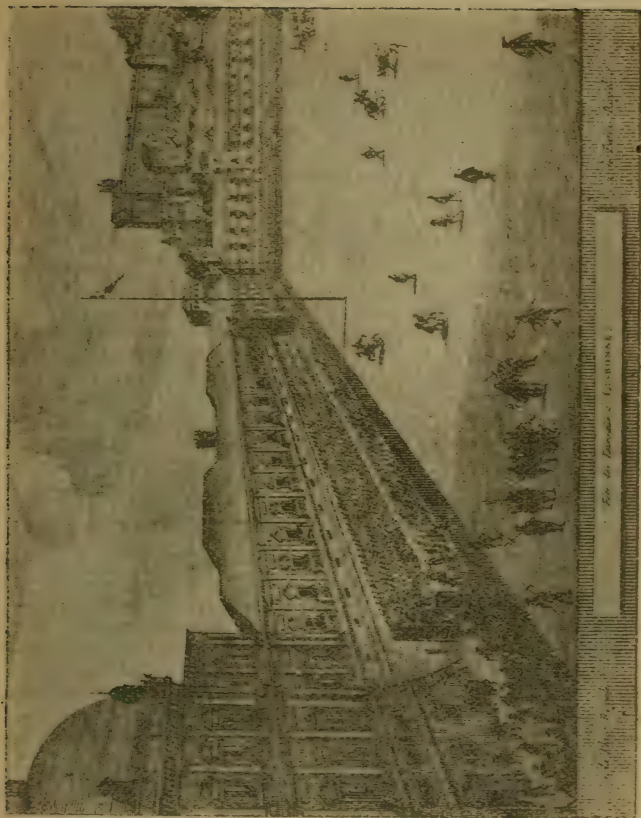
Em particular concluimos, do que transcrevemos e commentámos, que os toiros eram mansos e que os cavalleiros, especialmente José Roquete, eram optimos; e, para fechar esta primeira parte, lembramos outra vez, que se compare a toirada de 22 de maio de 1679, na Praça Maior, com as toiradas de 28 d'agosto, 4, 11, 18, 26 de setembro e 2 d'outubro de 1752, no Terreiro do Paço.

II

NNOS depois ria-se o Neptuno do Rocio do Apollo do Terreiro do Paço, assistia a dois triduos de toiradas.

O meirinho é o mesmo Victorino Mendes, agora Pereira, mas os cavalleiros já não apparecem, não importa para que deixemos de registar aqui, outra vez, os nomes d'elles, todos reunidos afim de que os que se interessam por toiradas não os esqueçam :

João de Moura
José Roquete
Luiz Antonio
Manuel Fialho
Manuel de Mattos
Manuel dos Santos
Miguel Pereira

Vão por ordem alphabetica para que não haja differenças, ainda que José Roquete devia occupar o primeiro logar.

O programma que se intitula: «Relação verdadeira da festividade dos primeiros tres dias de combate de toiros, que se hão-de executar na praça do Rocio d'esta cidade de Lisbôa,

no principio do mez de julho d'este presente anno de 1755. Escripta pelo mesmo festeiro.—(J. M. R Q. Lisboa. Com todas as licenças necessarias)», diz assim na segunda pagina e seseguintes: «Tres dias antes do dia determinado para o primeiro combate, por editaes, se publicarão as festas; acompanharão, o bando, grande numero de instrumentos, que, em suave harmonia, se são nuncios da festividade, tambem serão annuncios do bom exito; cobrirão o bando (que se lançará de noite), como tenentes, muitos homens de cavallo; tudo, n'este preludio, irá com tanta pompa e aceio, que, pela grandeza das ante vesperas, se conhecerá a sumptuosidade do dia.

No dia assignalado e pelas duas horas da tarde estará prompta a guarda de aguadores para borrifarem a área da praça; cuja architectura no risco, que será de figura polygona, se deixará vêr melhor quando se admirar animada com a assistencia curiosa. Borrifada a praça, entrarão varias danças mascaradas, uma á turquesca, composta de vinte turcos vestidos ao proprio, e em um bosque se admirará uma serpente equivocando a galanteria com a ferocidade, mas, ainda que medonha, pagará tributo á morte que lhe hão-de dar varios tiros despedidos por animos tão valorosos como os de Alcon, setteiro cretense, como os de Apollo, matando, cada um, sua serpente, como, d'este ultimo, cantou o Poeta desterrado, no seu liv. 1 das Metamorphoses.

> Hanc Deus arcitenens, & nunquam talibus armis
> Ante, nisi in damis capreisque fugacibus, usus,
> Mille gravem telis, exhaustâ pene pharetrâ,
> Perdidit effuso per vulnera nigra veneno.

Seguir se-ha outra dança de corcundas que ainda que corcovados não haverá curioso que se não incline ao gosto que n'ella achará bom; depois d'esta, virá outra de mulheres fingidas (sic) e homens todos mascarados e bem vestidos ao galante; seguir-se-ha outra de mascaras vestidas ao modo gallisiano. Todas estas danças e contradanças irão acompanhadas de instrumentos, que é justo (se póde ser) se encantem os ouvidos quando os olhos se recreiam.

A isto se seguirá uma bem ordenada multidão de indios e negros, combatendo-se (ainda que sem sangue) uns aos outros; e como depois da peleja se seguem os signaes de triumpho, depois de tudo rodear, pelo interior da praça, entrarão, logo, dois magestosos carros, um de triumpho, outro de monteria; no primeiro vêr-se-hão as quatro partes do Mundo, com as figuras: Europa, Asia, Africa e America, cada uma d'ellas com as suas insignias e animaes, que nos seus climas se produzem; serão

comcomitantes, aos carros, varias figuras, armadas em guerra, tocando instrumentos bellicos; no alto do mesmo carro, irá um soberbo e nobilissimo cavallo em que, montada uma figura, tocará um clarim e fará menear o bruto, com singular industria, em torno do mesmo monte; todas estas figuras irão nobremente vestidas; pelo carro tirarão seis valentes animaes. A este carro seguir-se-ha outro, de monteria, o qual, parando no meio da praça, offerecerá aos olhos varias e diversas vistas de diversos e vistosos objectos; por todas as partes lançará agua, com tal artificio e disposição, que, a cada gota, se admirará um prodigio de engenho; de um bosque levantado n'elle, pela arte, pularão varios dançarinos, a executar muitas contradanças, tambem varias; no movimento que este carro, a que chamámos de monteria, fizer para despedir-se da praça se abrirá em duas partes, por uma sahirão dois bichos ferozes: um veado e um porco montez e algumas lebres e coelhos, a esta caça perseguirão, com tão bôa arte e melhor fortuna que Alceon, dois monteiros de cavallo com lanças; acompanhal-os-hão alguns caçadores e cães, todos em acto de monteria, em seguimento da caça até a matar, a qual, morta, será levada da praça em fóra, por uma carroça de campo, que, para isso, estará prompta

Executados estes brincos entrarão duas azemelas, conduzindo, em caixas, os rojões, as quaes irão acobertadas com riquissimos pannos a que chamam reposteiros; adeante das azemelas irão alguns sujeitos, tocando sonoros instrumentos, os quaes tocadores, posta a conducta no logar destinado, ficarão entrincheirados em uma balaustrada, e ahi estarão tocando, emquanto durar o espectaculo.

Feita esta accomodação entrará o meirinho da cidade, Victorino Mendes Pereira, trajado nobremente, e acompanhado dos seus creados e pretos; feitas as cortezias aos senadores, rectissimos, que estarão em a sua tribuna primorosamente adornada, irá receber as ordens do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de Alegrete, presidente do mesmo Senado; logo, Sua Excellencia, mandará entrar o cavalleiro que estará prompto e já montado a cavallo, em um brioso, soberbo e dextro bruto, muito bem jaesado, entrará pela praça, acompanhado de oito capinhas, dois volantes e dez fâmulos, todos vestidos ás mil maravilhas. Este cavalleiro será o notavel Francisco de Mattos Ferreira e Souto, ao qual, acabadas as cortezias, n'essa tarde, se lhe offerecerão, para os combater, 20 toiros dos mais bravos que temos n'este reino e tambem alguns de Castella, que, por grande fama, mandarão buscar-se, para que, misturados uns com outros, possam fazer vistosa a tarde.

Para que esta funcção seja, em tudo, peregrina nos mesmos

despojos do combate, para se retirarem da praça para fóra d'esta, serão, ao modo de Hespanha, conduzidos os toiros mortos.

Entre a primeira e a segunda parte da tarde se verão varios brincos de toireiros de pé e cães de fila, e tudo mais, que, dando o tempo logar para semelhantes festejos, é muito proprio.

No segundo dia hão-de repetir-se as mesmas entradas que, se repetidas, não deixarão de causar o mesmo divertimento, porque, quando os objectos são admiraveis, se repetidas vezes se offerecem aos sentidos, tem graça... *& habent repetita lapórem,* bem o experimentâmos no écho, o qual, sendo uma voz repetida, causa mais galanteria aos ouvidos.

A novidade d'este segundo dia estará no cavalleiro; este é o assaz desejado Antonio Carvalho da Costa, picador que foi da Picaria de Sua Alteza; os merecimentos que, para os vivas, adquirirá este cavalleiro serão á medida do seu valor e conforme o que todos esperam.

No terceiro dia tornará a repetir se o mesmo, será a tarde d'este dia um compendio ou um epilogo das duas primeiras, assim como as partes que compõem um todo, considerada cada uma em si admirão, e formadas em um todo ou composto fazem melhor perspectiva, assim, tambem, sendo, em tudo, agradaveis as primeiras duas tardes, a terceira, que é uma recopilação de si mesma com as antecedentes, será de maior divertimento que nenhuma das outras.» Depois de dizer que n'esta tarde toirearão os mesmos cavalleiros, faz uma exposição em que torna a fallar em Alcon e cita Hercules, Lisimaco e vae buscar a origem das toiradas aos deuses, como fazem os modernos escriptores.

E' bom notar a maior hespanholisação das toiradas, symbolisada na phrase: «ao modo de Hespanha», e que alguns toiros eram de Castella. As dansas variam de objecto e tomam uma fórma ridicula, tendendo a desapparecer, e os carros nada teem de original. Continúa a ser o Senado quem promove as toiradas; quanto á familia real, que não faltou a nenhuma das seis toiradas dadas em sua honra em 1752, não apparece n'estas, segundo o programma.

A Naturesa encarrega-se de fazer a justiça que os homens tentam desfazer, por isso transforma o que não póde ser como é; entre nós transformou a sociedade reformada pelos Filippes, na sociedade portuguesa, e serviu-se, para realisar este prodigio, dos terremotos de 1755 e do Marquez de Pombal. Assim como as guerras são o grande cautério dos povos, assim os terremotos são o unico recurso dos que não sabem manter os seus direitos de liberdade suicidando-se lentamente.

Foram, talvez, os ultimos divertimentos que se realisaram, em Lisbôa, antes dos terremotos de 1755, estas seis toiradas; quem diria tal aos que as viram? Adivinhava-o quem escreveu a seguinte, interessantissima:

«Noticia geral a todos os curiosos amantes da função e di-divertimento de toiros (Lisbôa, na officina de Domingos Rodrigues. Com todas as licenças necessarias)».

NOTICIA

«Depois que passaram a ser divertimento dos hespanhoes aquellas féras que no tempo dos romanos eram vistas da barbaridade, vieram a ter mais valor os toiros nas praças do que nas tragedias, ainda mudando defortuna, porque, n'aquelles tempos, eram, os homens criminosos, despojo das iras dos toiros, n'este, são os toiros sacrificio do valor dos homens, quanto mais innocentes mais depressa mortos: mudado, em fim, em regosijo commum, a idéa mais barbara, é, hoje, função appetecida uma tarde de toiros. E para que saibam todos os que gostam d'esta festividade, que, presentemente, os ha n'esta Côrte, sahe á luz este manifesto, avisando a todos os apaixonados para que não percam uma funcção com a qual lucra muita gente, e é, para elle mesmo, como se visse (o que vulgarmente se diz) a Deus por um pé.

Primeiramente lucra o Senado nos treze e quinhentos, porque arrendou o terrado, e, sem metter prego nem estopa, só com dizer, ao porteiro, que arrematasse, mandou para o poder do thesoureiro com que pagar muita ordinaria, que talvez não pagasse por lhe faltar com quê.

Lucra o arrematante, por ora, a esperança de que poderá ganhar muito cabedal, e, emquanto a mim, não se engana, porque a esperiencia de tres annos mostra que o lucro é certo, na intelligencia de que, para semelhantes funcções, ainda que se mendigue um anno, pagam-se seis dias aos palanqueiros, que, como letra á vista, cobram, apenas dão a ordem do que se lhes deve.

Lucram os carpinteiros, porque, emquanto duram os palanques, correm-lhes os tres tostões por dia, sem molestia e com duas horas de descanso, conforme o seu costume.

Lucram os contratadores das madeiras, porque as arrendam por muito bom dinheiro e consomem toda aquella que não serve inteira, além da regalia de vêr de graça a festividade que é condição *sine qua*.

Lucram os que vendem pregos, porque os vendem aos quin-

taes, sem a pensão nem trabalho de os haverem de contar aos centos, para os venderem.

Lucram os cavalleiros, porque lhes pagam muito boas moedas por cada tarde, e, matando os toiros por divertimento, lucram mais em duas horas do que dez magarefes em oito dias, por officio.

Lucram os toireiros de pé, porque, além da sua esportula pactoada, sempre tem seu toirinho quo vendem á porta do curro, e os seus cinco tostões nas sórtes que offerecem, sendo cada garrocha que mettem um fôro que impoem.

Lucram os timbaleiros, sendo cada sórte que applaudem um despertador do que se lhes deve, de sórte que, emquanto lhes não pagam, não se calam.

Lucra D. Catharina, na venda de neve; mettendo, em cada sorveteira, uma maligna fria, nas tripas de muitos, e aquecendo a bolsa com a paga de todos.

Lucram, da mesma sórte, os que vendem limonada, encarecendo-a fresca, quando, pelo calor que trazem, podem fazer-lhe a calda.

Lucra, finalmente, o Rocio que passa a ser praça de toiros, sendo, algum tempo, entulho de pedra e caliça; porem, sendo tantos os que lucraram, não são menos os que perdem, porque bem examinados:

Perdem os cavalleiros moços, porque, por fazer côrte, incommodam-se a horas desusadas de seu costume, quando á róda da praça, tantas voltas dão, quantas sensuras padecem.

Perdem os volantes, que a troco de quatro trapos e fitas, aturam o sol da canicula, feitos mulas de noras, na companhia dos coches, tendo por timbre: ainda que deitem as entranhas pela bocca, assadas, acaberem com valor a tarefa.

Perdem os maridos das mulheres apetitosas, porque, a troco de que ellas o vão pagar ao Limoeiro, hão-de ellas ir vêr os toiros, e, mais amantes do seu gosto, do que a commodo de seus maridos, só olham ao divertimento da praça, sem mais consideração que o mesmo appetite.

Perdem os paes que fazem a vontade ás filhas que, sem repararem no fim que se póde seguir d'esta funcção, cumprem o gosto das meninas, succeda o que succeder.

Perdem os officiaes, porque estes dias, sem que a folhinha os note, são feriados para elles e lá vão os tres tostões que lhes serviam para o governo das suas casas, fóra o gasto da mesma funcção.

Perdem todos aquelles que tem criados porque, n'estes dias, nem para a maior necessidade tem quem lhes faça um recado, porque, a troco de que os amos os ponham na rua, hão-de ir aos toiros.

Perde, finalmente, o hospital no numero dos doentes, porque o excessivo calor da banda que não se vêem os toiros á sombra, produz muita somma de enfermidades, e aqui entra, secundariamente, a perda da Misericordia na despeza que faz em levar aos cemiterios os que morrem.

Com que este preliminar de lucros e perdas, que, por maiores, aqui se advertem, fóra outras muitas que não se dizem, ou por mais occultas, ou por mais nocivas, saibam todos que temos seis dias de toiros, na Praça do Rocio, que, com toda a fadiga e pressa, se anda preparando, e com força continuando os palanques que não se acabarão sem muitas contendas dos que tem janellas e trapeiras, porque tudo se manda tapar.

Saibam mais que ha quatro cavalleiros e que estes se estão preparando de cavallos e aprestos necessarios para o bom lusimento e successo que espera.

Os carros reparando de alguma corrupção de tempo e fazendo-se empenhos para os que hão de ir dentro, feitos marmanjos seculares, em fórma de farça.

Saibam que hão de haver muitos disfarces com visos de ridicularia, sem que falte a saloia no fim e os aguadeiros no principio, tudo para maior divertimento dos curiosos e empenhados n'esta festividade.

Saibam que esta noticia é verdadeira e bem podem todos, os que quizerem vir á praça, prepararem se, cuidando no como hão de vir.

Os cavalleiros moços, que dos velhos não se trata, no seu trem, a saber: carruagem á moda, aberta por todas as partes, porque sejam vistos de um e outro lado; parelhas de mulas iguaes, lacaios bem farddados, e, sobre tudo, o volante, que é sécia das sécias, e, d'esta sorte, apenas derem as onze, corram para a praça que o primeiro que chegar, como rapaz d'escola, ganha a palmatoria.

Os pataratas casquilhos, que todo o seu trem consiste no seu ornato, já sabem que o vestido ha-de ser de brilhante, que é seda da moda, veste e canhões d'outra côr, cabelleira de José Lopes, meias já sem rolos, sapatos á hungra ou Cantanhede, conforme a seita que seguir, chapeu de felpa, de tamanho de um pires, que é a ultima moda, relogio, annel, caixa de dois tabacos, e, ás onze estejam debaixo d'aquelle palanque d'onde esperam ser mais bem vistos, porque a demora não se lhes julgue culpa, e percam, por uma hora, o trabalho, talvez, de muitos sacrilegios.

As Franças, ainda que sejam Inglesas, á proporção de seus Estados, preparem, sem perdoar á diligencia, todos aquelles enfeites que tem inventado a crueldade ambiciosa, para satisfa-

ção dos appetites indiscretos, e, depois do martyrio do brodefronte, que, á imitação da guerra, se faz a ferro e fogo, ponhamse, como figuras de tapizes, immoveis, porque o bulir da cabeça lhes não desmanche o toucado e não percam, por um descuido, o trabalho ou tormento de dois dias de papelistas, e, d'esta sórte, guardando o jantar para a noite, venham cedo para os camarotes, porque o concurso das carruagens não as desalinhem, obrigando as a se apearem mais distante do que convem ao seu melindre.

Finalmente, esta funcção não merece descuido em quem só cuida que haja d'estas funcções, e será desacerto quando não se aproveitem, porque, ainda que ha tres annos houve outra, não se regulem pelo tempo e advirtam só que esta é certa e que não sabem quando virá outra, nem se estarão com vida, e bom é aproveitar d'estes suffragios que se dedicam aos corpos, porque o cuidar d'alma, em gente que só cuida do individuo, julgase melancolía, e a extravagancia lembra-lhes, sempre: *Comedamus, & bibamus cras enim moriemini.*

ADVERTENCIA

Agora me chega á noticia o desgosto que padecem certas castas de pessoas sobre o incommodo que lhes causa serem os toiros no Rocio, e, como acho fundamento nas suppostas queixas, fico-me capacitando das mesmas queixas, para as fazer publicas, por modo de supplica á superior instancia, como, brevemente verá esta Côrte, a beneficio do prélo, e, no entanto, soffra estas quatorze regras por armação de

SONETO

Temos toiros, é certo, no Rocio,
D'onde o mastro se vê já levantado,
Sim, senhores, está todo aplanado,
Já n'elle sécia faz qulquer vádio.

Não ha maroto algum, dos de assobio,
Que o não passeie, de um té outro lado,
Já não ha um só palmo de terrado
Que não tenha arrendado o senhorio.

É funcção de bom gosto, é de grandesa;
Nem importa que venha a ser um fôro
Que lucra mais a astuta Naturesa.

Já estou vendo acabado o desafôro,
Sem remedio, uns chorarem a despesa,
Outros, lucrando, rindo-se do choro.

Disse Alguem.

FIM.»

Alêm de ser uma narração caracteristica, é menos incorrecta que as outras e é espirituosa. De tudo, o que notamos por mais apreciavel, na parte litteraria, é a periphrase: «da banda que não se vêem os toiros á sombra».

Entre a narração e o soneto, ha um mastro com uma bandeira portuguesa.

Nada mais sabemos d'estas toiradas.

*

* *

Da praça de toiros em Sacavem, tambem temos noticia nas: «Festas de Sacavem, em obsequio da Senhora Sant'Anna. Descripção d'ellas em o terceiro dia; em que foram os cavalleiros combatentes Francisco de Mattos e José Roquete. Auctor Thomaz Gallo, irmão gemeo de Thomaz Pinto, natural de Lisboa. (Lisboa. Com as licenças necessarias)». Tem uma dedicatoria em prosa: «Aos que não foram vêr as festas», nada adeanta; seguem-se umas linhas chamadas versos só pelo auctor, das quaes se deduz que tudo correu como de costume; o auctor só falla n'um carro que representava uma barca, e diz, com espirito:

«Mas que é o que lá vem? É bôa traça!
Sem duvida é váe-vem que entra na praça!
Mas que vejo? Uma barca! É grande idéa!
Remar em terra, navegar na area!»

Os regadores traziam descommunaes narizes, e o auctor diz:

«Para aplacar os vís vapores
O Pó trazem de Italia os regadores
Que elles, de seus paizes,
Vem servir a esta praça de narizes.
Tremenda coisa cada nariz era!
Muchissima naris, naris tan fiera!
Eu os não vi maiores
Nos que dos seus narizes são senhores».

Na quarta parte d'este estudo analysaremos estas composições, com mais detença.

Os cavalleiros houveram-se como de costume; quanto ao gado, diz o poetastro, referindo-se a José Roquete:

«Empregando rojões, n'esta fadiga,
Os animaes castiga;
E, não sendo novato no exercicio,
Elles, de veteranos dão indicio;
Porque, quando os buscava, elles que o viam,
Com arrojo fatal logo o investiam,
Ficando em seu arrojo
Se do duello tropheo, da ira despojo.»

Franciico de Mattos gostava mais da espada que Roquete:

«Porem, lá torna o Mattos, apressado,
Com a espada na mão! Estou pasmado!
Ora a espada recolha,
Pois já vimos que é tésto pela folha;
Mas vem a despicar o companheiro.
Um talho, ao-boi, pregou, e do primeiro,
Sem outro algum trabalho,
Totalmente o dispoz para outro talho.»

Por isto se vê que Thomaz Gallo era um homem d'espirito.

O neto esteve em perigo, o que o auctor descreve de fórma divertida, o toiro correu traz d'elle e obrigou-o a defender-se a todo o transe, servindo-se da vara; o povo ria e alguns temiam a insistencia do toiro e a cobardia do neto, até que se salvou e mereceu este commentario:

«Nem parára se o tal não promettera
A S. Marcos um neto dar de cera.»

Dos toireiros de pé, diz:

«Entretanto, os capinhas
Mettem garrochas, facas e farpinhas.»

E, depois:

«Não só fizeram sórtes, mas sortidas.»

Refere-se, o chronista, a um certo Ramon, toireiro, dizendo:

«O destro Ramon, logo,
Nas garrochas os leva a ferro e fogo».

Cahiu um palanque:

«Estas as festas são. Aqui não fallo
No que póde causar algum abalo;
Pois cahir um palanque não é caso
Que chegue e seu estrondo até o Parnaso.»

A' toirada, concorreu, espectadora, a principal nobresa.

«Mas, emquanto não chegam
Os homens de cavallo e os que navegam,
Vejamos, o que vem? Lá se descobre
Boa gente! O terreiro está mui nobre!
Que concurso lá vem dos excellentes
Grandes da Côrte, amigos e parentes:
Tavoras, Mascarenhas, Vasconcellos,
Ataides, Menezes Sousas, Mellos
Mendonças, Portugaes, Silvas, Saldanhas,
Gamas, Cunhas e os mais d'altas façanhas,
Bragança, Almeidas, Camaras famosos,
Cesar, Mirandas, Lobos generosos,
Noronhas, Telles, Costas, Alencastros
Que brilham mais que os lúcidos sandastros;
Guedes, Silveiras, Sás, Limas, San Paios,
Castello Branco, Almadas e outros raios
Que logram do sol luso a excellencia,
E os que são soberana descendencia
De Albuquerque terrivel, Castro fórte,
E outros em quem poder não teve a morte.»

A seguir, temos: «Terceiro dia de toiros no sitio de Sacavem, por obsequio á Senhora Sant'Anna, no fim do mez de setembro do anno proximo passado. No qual foram cavalleiros combatentes Francisco de Mattos Ferreira e Souto, e José Roquete, (Lisboa. Na Officina de Antonio da Silva, 1647. Com todas as licenças necessarias)» A data está escripta em letra romana, vê-se que falta um C.

Não tem prologo e é no costumado pseudo-verso.

O auctor começa por dizer que fez a chronica da primeira toirada d'este triduo e sensura Thomaz Gallo por louvar, igualmente, os dois cavalleiros, depois diz que

«Por mar, a Sacavem, fui vêr a festa,
Porque alguns me não digam que fui besta
Em ir a pé, causando, ao corpo, abalo,
Como fez meu amigo Thomaz Gallo.»

A andar a pé chamavam: andar na faca sola.

A guarda, que vem apoz o neto, traz mascaras e não sabe afastar todo o povo da praça.

O carro do barco vinha tirado por quatro frisões, tinha seis remos e, dentro, viam-se quatro partes do rundo:

«Da Devoção, tambem, com o estandarte
Vestida, outra figura, vem com arte;
Porem, com tão ruim cara que, supponho,
Não se encontra feitio mais medonho.
E' possivel! (De riso aqui me babo)
A Devoção com cara de diabo?
Ninguem a abraçará, venha outra idéa,
Porque esta Devoção é muito feia».

Representava este papel um rapaz muito feio e com muita barba.

«A figura que n'este e no outro dia,
Pela praça os papeis distribuia,
Era affeiçoada á gente
Que occupava as trincheiras do Poente,
Pois, a montes, os versos lhes deitava
E, d'elles, o mais povo, jejuava.»

E, depois:

«Seguem-se uns aguadeiros regadores
Que, da praça, senhores,
Correndo a toda mostram por bom meio
Que só vem a lograr o povo em cheio,
No vasio que ás quartas se lhes nota,
Pois, sem que de humidade lancem gota,
Se vê que, em todo o tempo que a correram,
Nem uma sêde de agua á praça deram,
Deixando-a, do calôr, na maior frágoa,
Aguando por agua.»

O neto trazia farta cabelleira, o que leva o auctor a diser:

«Com effeito, conheço que elle é homem,
E' homem e de verdade,
Que nunca neto vi de tanta idade.»

Mattos precede Roquete, na entrada, e é attacado pelo toiro das cortezias; aqui se justifica o que já vimos e verêmos: era costume largarem um toiro durante as cortezias.

«Sente, o Mattos, que o bruto em que montava
«Sem barbella se achava.»

«Prompto, o Mattos, se apeia e diligente,
Com galharda postura, animo ardente,
A pé, o toiro busca; este, vaidoso,
De ter competidor tão valoroso,
A morte, no arremesso, solicita,
Porque, o mal, transmutando-se-lhe em dita,
Lógre a felicidade
De ser trophéo de tanta heroicidade,
Mortal cahiu, depois que o cavalleiro,
Com impulso ligeiro,
Brioso, singular desembaraço,
Quando uma brecha lhe fabrica o aço
No proprio corpo, e, n'este movimento,
Sepultura lhe abriu ao bruto alento.»

José Roquete feriu uns 5 ou 6 bois, no terceiro toiro.

«O rojão lhe apontou, sim valoroso,
Porem não tão ditoso
Que, d'este desafio, na carreira
Não chegasse a perder uma estribeira.
Nota, o Mattos, o acaso descomposto,
E, a despicar o companheiro exposto,
Sáca da dextra a cortadora espada;
Move o Ethonte, em que vem, e, encaminhada
A furia, para o toiro eis que se chega,
N'elle, tão rijo o aço descarrega,
Com triumphante interesse,
Que, sem que mais um passo dar podesse,
A violencia de golpe tão pesado
Logo o prostrou, no chão, desanimado.»

Roquete matou, com o rojão, o sexto toiro.

Quanto a Mattos e aos que fallam de toiradas sem d'ellas entender, diz:

«Estás aqui, por credito da Historia,
São as acções mais dignas de memoria
Que na terceira tarde, por seu módo
Conhece, em Sacavem, o Mundo todo;
Em cujo dia, o Mattos, cavalleiro,
Na sciencia prompto, no furor ligeiro,
De oppostas ignorancias o embaraço.
Castigou nos acertos do seu braço,
Não querendo os capinhas á estribeira,
Porque mais verdadeira

A sórte concluisse,
E mais ali se visse
Que elle, sem precisar d'esta tal gente,
Os tropheus conseguia independente,
E esta a causa é só com valentia,
Porque, o Mattos, capinhas não queria,
E não, como mettido a bom lettrado,
Nesciamente arrezoa o povo errado.
Para mim não ha coisa mais galante
Do que é ouvir, na festa, um ignorante
De tudo o que é sciencia, presumido,
Dizer: *O cavalleiro vae perdido,*
O duello não foi nada,
Não faz bem em levar o boi á espada.
Pois já outro, d'ali sabindo logo,
E com todo o seu fogo
Dizer tambem: *Não sabe o cavalleiro;*
Agora é que devia, ali, ligeiro
Furar com o rojão, ao toiro, a pelle,
E não, deixando o ir, ir atraz d'elle.
Outro vir d'acolá: *Ai que é medroso*
O cavalleiro. Agora é que, animoso,
Has-de chegar te ao toiro; anda a pical o;
Chega te, não lhe fujas com o cavallo.»

Não se póde negar merecimento á descripção e á rima, ainda que a metreficação não exista. Quando tratarmos da litteratura, propriamente dita, daremos idéa, mais concludente, d'este e do que se alcunhou Thomaz Gallo.

Resta diser que tanto esta composição como a precedente se intitulam: «Silva» e que, pagando a entrada:

«Doze, de cara, dei ao palanqueiro
Pelo ajuste, e, mais caro que o primeiro,
Vi, agora, este dia.»

Depois do «Fim» lê-se:

«Achar-se-ha este papel na Rua Nova, nas lojas de Joaquim Ferreira Coelho e na de Christovam da Silva, e, tambem, na mesma officina, juntamente com outros papeis curiosos e uma Oração Academica Jocoséria, recitada em domingo gordo, por seu auctor Alexandre Antonio de Lima.»

*
* *

Depois de fallarmos das toiradas em Lisbôa, sahimos as por-

tas da cidade e fomos a Sacavem, logo iremos á Junqueira, mas, agora, vamos ao Campo Pequeno.

Antes de passar adeante é obrigação notar a coincidencia de se ter construido a praça moderna no logar onde tantas vezes se correram toiros.

Tambem devemos lembrar o que dissémos ácerca da tendencia lithurgica das toiradas, a proposito do que vae lêr-se na: «Relação do primeiro dia da festividade triumphal, que, com o divertimento de toiros, de cavallo, se faz na praça do sitio do Campo Pequeno, em obsequio da milagrosa imagem de Nossa Senhora dos Remedios, collocada na sua Ermida, em o districto do porto de mar da Villa de Coina; cujo applauso lhe dedicam e consagram seus devotos irmãos, de quem é protector o Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha de Lisboa. Anno de 1741».

Diz:

«Estará na porta da praça do Campo Pequeno uma guarda de soldados por sentinella, para obviar as entradas da gente de capote que não fôr trajada com decencia sufficiente para entrar na dita praça.

Na frente da porta principal da praça estará um throno ideado com a melhor architectura que se possa descobrir para igualar a tão magnifico applauso; n'elle se verá collocada a imagem de nossa Senhora dos Remedios, para simúlacro da reverente adoração do cavalleiro e mais pessoas que entrarem no dito festivo applauso, e irmãos seus que lhe hão-de assistir.

Pelas tres horas da tarde se dará principio ao festejo, no dia que nomear a vulgar publicação, que expressarão os carteis. Entrará, ás horas referidas, uma guarda de numero de quarenta volantes, mascarados, armados de piques, com capitão e tenente da guarda, montados em vistosos cavallos, e os mais officiaes subalternos, para que, em bem concertado destacamento, alimpem a praça de toda a qualidade de gente que n'ella estiver, e, com ella se retirarão.

Entrará, successivamente, um côro de clarins e timbales, a cavallo, e, logo, subsequentemente, uma esquadra de vinte homens, jardineiros com seus regadores nas mãos e dois cabos que os governem, e se seguirá um carro triumphante, de magnifica grandeza e notavel architectura, tirado por seis cavallos ajaezados côr de oiro, com crinas e caudas da mesma côr. Na ponta do dito carro irá um fauno ou satyro silvano, com flauta e tamboril, e, na mão, uma bandeira, com as armas da irmandade da dita Senhora.

Na entrada do carro, a uma parte, irá Apollo, armado de ar-

co e frechas, matando a serpente Python, e, em uma tarja, o seguinte distico:

São serpentes as nuvens condensadas,
E o Sol, que nos seus raios jámais erra,
Nascendo as deixa, logo, desterradas,
Por deixar sem veneno a fertil terra;
Para as serpentes são settas hervadas
Os fulgores, e Python se desterra,
Porque, nascendo Apollo, com seus raios,
Serpentes prosta e diz que são ensaios.

S. Isid., Etym., l. 14.

Da outra parte, na mesma entrada do carro, estará Apollo armado em batalha com os Cyclopes Estéropes, Brontes e Pyracmon, officiaes de Vulcano, aos quaes matou o mesmo Apollo; e levará, em tarja, o seguinte distico:

Mata o calor os ferreiros,
Os deuses os não soccorrem,
Vivendo no fogo morrem
Vendo, de Apollo, os luzeiros.

Lucrec., l. 3.

Em correspondencia d'esta perspectiva estará Apollo, em traje de pastor guardando o gado de Admeto, rei de Thessalia, depois que Jupiter o despojou do reino de Arcadia, e, em tarja, o seguinte distico:

Apollo foi maioral
Dos reis, que sendo pastores,
Sempre elle foi dos maiores.

Homer., na Iliad.

Mais adeante, á outra parte, estará Apollo abraçado com Daphne, a qual se estará convertendo em loureiro; com o seguinte distico:

Deixa essa teima amorosa
Apollo, no ardor amante,
Pois quanto mais és constante
E' Daphne mais rigorosa;
Arvore a mais portentosa,
Sempreem perpetua verdura
Ficará aos raios pura,
Porque namemoria viva,
Que só das frechas de esquiva
Se arma, sempre, a formosura.

Moya de Natural., cap. I·

D. ANTONIO DE CASTELLO BRANCO CORRÊA E CUNHA
DE VASCONCELLOS E SOUZA
3.º MARQUEZ DE BELLAS, 9.º CONDE DE POMBEIRO
15.º SENHOR DA CASA DE BELLAS
† em 6 de Junho de 1891

Da outra parte estará Apollo com arco, aljava e frechas, tirando uma setta que terá ferido a Coronis, e um corvo convertendo-se de branco em preto, por ter accusado a dita nimpha Coronis de que offendia ao seu amante Apollo, e, em tarja, o seguinte distico :

> Chocalheiro corvo, insano,
> Em negra côr transportado
> Ficarás, para teu damno,
> Que d'este golpe tyranno
> Tu fostes o mais culpado.
>
> Bocac. Geneal., deor. l. 5.

E, em outra tarja, mais o seguinte distico :

> Quem mata o bem onde anima,
> Para castigo do arrojo
> A si proprio desestima.
>
> Ovid. l. 2., Met.

Logo se seguirá o monte Parnaso, e, no principio d'elle, irá Apollo, com um grifo ao pé de si, e Mercurio dando-lhe uma lyra ; e, em uma tarja, o distico seguinte :

> Dos Hyperborios montes no producto
> De Apollo e sacrificio o grifo astuto.
>
> S. Isid., Etym., l. 12.

E, em outra tarja, o seguinte distico :

> Como a Marsias pastor Apollo admira,
> Mercurio lhe consagra a propria lyra.
>
> Ovid., Met., l. 6 e 11.

Logo, se seguirá, no mesmo monte Parnoso, Apollo, em um throno de murtas, assentado, com diadema de loiro e sceptro na mão, e, deante de si, grande quantidade de impressões de um romance heroico, hendecasyllabo, e de arte maior, que irá espalhando pelas trincheiras da dita praça; e, ao pé de si, uma lyra, e, na circumferencia, irão assentadas as nove musas que, cada qual, por si, irá espalhando diversas impressões de versos, conforme as suas propensões, e todas irão adornadas com a maior perfeição, sceptros nas mãos e diademas de louro, nas frentes.

Mais, no Helicon do Parnaso, estará assentado Cupido, atirando uma setta a Apollo, e o seguinte distico, em tarja:

Foje, Apollo, aos tiros de ouro,
Que te ultraja a divindade,
Cupido, na crueldade
Com que vinga o seu desdouro.

Moya Fil., secret. l. 2, c. 19, art. 14.

Nas costas do monte, o cavallo Pegaso, em acção de voar, dando a patada no monte, da qual, realmente, sahirá a fonte Castalia, que, correndo pelo monte abaixo, se ajuntará em um lago, onde estarão as tres sereias: Parthenope, Leucosa e Ligia, uma com flauta, outra com lyra e outra com um papel de solfa, e d'este lago sahirá a agua por varios diques que, no circulo que fizer o carro, servirão do aguar o terreiro; e, em um distico, o seguinte, em tarja:

Com as sereias, no canto,
Querem competir as musas,
No castigo de Arethusas
Ao mar servirão de encanto.

Ariet de Mirabil., audit.

Atraz d'este carro se seguirão duas danças, na fórma seguinte:

A dança mourisca, com seu imperador triumphante, em sua carroça, que todos entrarão na praça, e, dentro d'uma vistosa fortalesa, sem ser puxada ou condusida de pessoa alguma, e armada em guerra, defendendo-se da dança dos gentios que irão armados de arcos e frechas, fazendo treguas, e, depois de pelejarem, sahirão da fortalesa os mouriscos, com o seu imperador na carroça, dançarão, por uma e outra parte, no meio da praça, em modo que fique agradavel á vista de todos, e durará o tempo em que o carro andar circulando a praça.

Sahirá tudo para fóra e, logo, entrará o neto, montado em um vistoso cavallo, com dois andarilhos ás estribeiras, e, fazendo as cortezias, se porá prompto, ás ordens, as quaes executará seriamente, como merece este grande festejo

Seguir-se-lhe-ha uma azemola com dois caixões de rojões, indo cobertos com seu resposteiro, e, logo, entrarão, ás cortezias, quatro forcados com as suas insignias nas mãos, a se porão promptos, ás ordens, na porta ou entrada da dita praça; e,

atraz d'elles, irão quatro capinhas, aceadamente vestidos, para o serviço da mesma praça; os quaes, depois de fazerem as cortezias, se porão ás ordens, no logar que se lhe destinará, em fórma que não sirvam de confusão, embaraço ou divertimento do boi.

Entrará o cavalleiro, que é Luiz dos Santos Torrado, morador em Salvaterra; o qual irá acompanhado com os seus dois creados ás estribeiras, aceadamente vestidos, e com os forcados na rectaguarda.

Haverá, no decurso da tarde do primeiro dia d'este grande festejo, muitas e varias curiosidades, em fórma que agradem ao povo e não molestem.

Haverá doze bois de corpos grandes que, por serem escolhidos, se espera farão com que o povo se agrade e o cavalleiro, em suas acções, fique, na dita empresa, recebendo o gosto e estimação de todos.

Estarão promptas garrochas de fogo e se dará fim á tarde com um boi de uma grande manta de fogo.

Para o segundo e terceiro dia, sahirão novas relações, em que se dará noticia do modo com que se ha-de continuar este applauso.»

Todos os santos eram obsequiados com toiradas no Campo Pequeno; em 1 e 29 de setembro, não sabemos de que anno, festejava-se a senhora da Victoria, de Sacavem, e em 27 d'outubro, talvez d'esse mesmo anno, o famoso santo Antonio.

E' nosso dever copiar os respectivos programmas, trazendo maior luz sobre o assumpto; assim julgamos escrever bem a Historia. Quanto a nós é este o verdadeiro systema de critica: entrega-se a narração ao chronista, depois, commenta-se e deduzem-se as leis; assim temos feito sempre e assim faremos. Máus criticos julgam que o documento póde ser demais, enganam-se ou só traduzem o sentimento que teem, porque o vêem, sempre, de menos nos seus trabalhos, e, vendo-o, não o sabem apreciar.

As relações são, por conseguinte, tres:

I «Extracto das entradas que se hão de fazer no primeiro dos tres dias de festividade de nossa Senhora da Victoria de Sacavem, que se ha-de celebrar no primeiro de setembro no sitio do Campo Pequeno.

I

Será limpa a praça por 34 soldados e seus officiaes, vestidos, todos, de seda, uniformemente.

II

Seguir-se-hão, logo, os homens dos forcados, conduzindo as caixas dos rojões, sobre uma azemola, coberta com seu reposteiro de damasco, vestidos, tambem, com uniformidade.

III

Entrará, immediatamente, na praça, uma grande e vistosa gallera de mouros, completamente adornada de todos os seus petrechos e guarnecida de 11 peças de artilheria, de bronze, com toda a gente d'ella, nobremente vestida ao seu costume, distinguindo-se, na riqueza, a pessoa do seu general.

IV

Será esta, apressadamente seguida de outra de christãos, de igual artilheria e grandeza, com excesso na preciosidade dos vestidos, de que será, com differença do general, adornada toda a sua milicia.

V

Chegados a distancia proporcionada, será accommettida com os assaltos de fogo, da artilheria, pela gallera dos christãos, a embarcação dos mouros que, resistindo com igual defesa, farão entre si um agradavel e horroroso (sic) combate; até que, desenganados, os mouros, do vencimento, cederão ao valor dos christãos, sendo por estes abordados, ultimamente, aonde, sem a confusão do fumo, se fará, com os alfanges, mais lusido o combate.

VI

Retiradas, que sejam, as sobreditas galleras, será condusido, em um decente carro de triumpho, o general christão e, a seus pés, preso e rendido o general dos mouros, pelos quaes será tirado o mesmo carro, em cuja rectaguarda se verão presioneiros os mais vencidos, escoltados dos vencedores que virão, nas insignias, justificando o credito da victoria.

VII

Acabado o triumpho, seguir-se-ha um grandioso carro, em perspectiva de penhascos e mar, a cujas margens estará presa

Andromeda. para ser devorada de um monstro marinho, que se descobrirá sahindo das aguas; e, na eminencia do mesmo carro, virá, voando no Pegaso, o valoroso Perseo, adornado de todas as circumstancias proprias da fabula; do referido carro nascerão algumas fontes para aguar a praça.

VIII

Isto finalisado, seguir-se-ha o neto e, depois, o cavalleiro, custosamente vestido; e, em cada um dos seguintes dias, haverá sempre, de mais, algumas novidades agradaveis e jocoserias, de que ficará o publico inexplicavelmente satisfeito.

FIM.»

II. — No «Extracto das entradas» do ultimo dia, 29 de setembro, só se adeanta que algumas das figuras jocoserias eram anões e que essas figuras «dançarão alguns papeis metricos e graciosos». Começaria a toirada ás duas horas da tarde e correr-se-hiam 16 toiros.

III. — «Estracto das entradas que se hão-de fazer no sitio do Campo Pequeno, o primeiro dia de festividade de Santo Antonio pobre, de Sacavem. — Que se ha-de celebrar em 27 d'outubro.

I

Depois de limpa a praça, na fórma costumada, seguir-se-ha o grandioso carro da fabula de Andromeda e Perseo, de cujo monte, em que vem figurado, sahirão, repetidas vezes, voando, infinitas aves, e, ao mesmo tempo, saltando em terra, outros muitos generos de caça.

II

Preceder-lhe-ha uma vistosa dança de gaitas de folle, com seus dançadores vestidos á gallega, asseiadamente compostos, e, logo, será seguido de outra de turcos, com o seu imperador, os quaes farão, entre si, umas singulares justas de alcancias, e, depois, de alfanges e rodellas, sendo, ultimamente, servidos e acompanhados pelas figuras jocoserias que se tem visto.

III

Será contendor, n'este dia, o novo e singular cavalleiro José Soares Maduro, da villa de Samora Corrêa, e morrerão os toi-

ros que na tarde couberem, sendo, com especial diligencia, escolhidos para cabal satisfação do publico.

FIM.»

D'isto conclue-se que as toiradas que se faziam nas festas aos santos tinham a feição que ainda hoje se nota nas toiradas nos arredores de Lisbôa, a feição burlesca; eram uma synthese de divertimentos, mais ou menos grosseiros.

*
* *

Julgamos que ainda não foi notado sob um ponto de vista muito interessante o pedido mandado fazer ao pápa, em 8 de março de 1756, pelo Marquez de Pombal.

N'uma carta, datada de Belem, n'esse dia, a Antonio Freire de Andrade Encerrabodes, enviado na côrte de Roma, communica, o Marquez, a intenção em que está el-rei de tomar para patrono de Portugal S. Francisco de Borja, que tinha fama de livrar a Terra de tremer, e, por isso, fôra eleito protector de varias povoações da Europa e da America. O Marquez, com a gravidade que substitue a falta de talento e facilita a carreira a muita gente, especialmente aos ministros d'Estado, n'elle simples jogo diplomatico, porque deu sobejas provas de ser ministro d'Estado, a sério, diz, ao enviado, que alcance esta graça do pápa e que consiga a elevação do rito, de segunda, a primeira classe «com obrigação de se cantar, no dia da sua festa, em todas as egrejas em que houver obrigação de côro, a sua missa, com a devida solemnidade, para o fim de livral-os das ruinas que os terremotos costumam causar.»

N'este ponto, lembrando-se, o Marquez, de quanto custara a D. João V o *sport* piedoso, accrescentou: «e o mesmo senhor mandará offerecer, por si e pelos seus successores, e pelo seu povo, donativo na fórma costumada », que só assim se moveria sua santidade.

Mas, onde está a mais notavel passagem d'este texto é n'este ponto: «E os senados das cidades e villas em que se representam os povos hão-de assistir á dita festa nas egrejas das casas da Companhia de Jesus, aonde as houver, e, não as havendo, nas egrejas cathedraes ou principaes.»

Reduz-se tudo ao seguinte: S. Francisco de Borja foi da companhia dita de Jesus e quem lhe deu nome, os jesuitas inventaram e propagaram que esse homem era protector contra os

terremotos porque, havendo muitos na America, isso lhes convinha para captar o povo e fanatisal-o; a dominação d'esta sociedade era grandissima em Portugal e, naturalmente, lembrou este pedido; tanto que foi só o rei que o fez : «E por ser da singular devoção de Sua Magestade, esta eleição de S. Francisco de Borja, para patrono e protector contra os terremotos, não se fez, nem se podia fazer, com as formalidades prescriptas no decreto de Urbano VIII, para as eleições de patronos que se fazem pelo povo e clero.»

Logo, vem o *refrain* com que se trova na côrte de Roma: «Mas, sendo necessario alguma dispensa, n'esta materia, V. Senhoria a pedirá em nome do mesmo senhor »

Aguns annos depois, os representantes de tão milagroso padroeiro, desappareciam por um momento, tocados do mais forte tufão que, até hoje, tem soprado, era o seu Eólo o mesmo que pedia estas infantilidades em 1756.

Achámos notavel esta coincidencia, por isto levámos algum tempo a registal a, e porque vem a proposito.

Em 13 de julho de 1760 celebrava se uma toirada na Praça do Campo Pequeno no programma; lê-se : «cujo festivo applauso é dedicado áquelle famoso heroe da santidade a quem, pelo memoravel estrago da nossa Lisboa, tens obrigação de ser devoto (sic), que é o glorioso S. Francisco de Borja, advogado dos terremotos»; depois, segue no tal *verso* a que chamaremos prosa rimada; guardamos as seguintes informações :

> «Do Campo Pequeno, a praça,
> Como a de Rocio, não e.»

E, depois :

> «Já sabeis, amigos, que
> Eu, por minha agilidade,
> Tive a Praça da Piedade
> E, tambem, a da Nazareth »

Mais nada; intitula-se: «Primeira assembléa que fizeram os interessados em o festivo combate de toiros que se ha-de fazer, na Praça do Campo Pequeno, domingo, 13 do corrente mez de julho de 1760. Dada á luz por J. J. de J. R. e S. — Lisboa. Na Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno. 1760.» Com as licenças necessarias.

E um dialogo entre tres personagens, figurando uma de empresario

Segue se outro dialogo, nas mesmas circumstancias e no mesmo assumpto, intitulado : «Segunda assembléa que fizeram os interessados no festivo combate dos toiros do Campo Peque-

no, sobre as distincções dos cavalleiros e a historia que succedeu ao velho que a elles foi. Dada á luz por J. J. de S. R. e S.». (Sem indicação de typographia; deve ser a supra-citada)

Lê-se, que nos importe:

«O mais que na praça brilha,
Quando entra o cavalleiro,
É o Romão todo inteiro
Com toda a sua quadrilha.»

D'aqui se deduz que Romão era um toireiro de pé, digno de ser notado.

Estes versos-prosa ou prosa-rimada fornecem bons elementos de estudo, só n'elles encontramos a menção das praças da Nazareth e da Piedade, segundo fica apontado.

Diz a «Segunda assembléa» que os cavalleiros foram Roquete e Mattos. Mais nada importante.

Temos, agora: «Terceira assembléa que fizeram os festeiros do festivo combate de toiros do Campo Pequeno, este anno de 1760 Sobre uma idéa que offereceu um curioso para as entradas. Dada á luz por J. J. de S. R. e S. — Lisboa. Na Officina Ignacio Nogueira Xisto. Anno de 1760.—Com todas as licenças necessarias.» Só falla da Grecia e de Roma, nada adeanta alêm de nos firmar na data de 1760; o mesmo acontece com a «Quarta assembléa em que o curioso offerece o segundo conselho aos interessados, n'este anno de 1760.» etc., tudo como fica dito da precedente; teem ambas prosa e prosa-rimada, tudo detestavel e mal composto.

D'isto não tiramos conclusões, não as teria importantes; só registraremos os nomes dos cavalleiros que ainda não registámos por ordem:

Antonio Carvalho da Costa
Francisco de Mattos Ferreira Souto
José Soares Maduro
Luiz dos Santos Torrado

Finalisemos, aqui, a segunda parte que já se ia tornando um pouco maçadora, mas ficou bem illucidativa, segundo a nossa vontade.

III

os cavalleiros-toireiros dedicamos esta terceira parte que muito lhes deve interessar e, portanto, pedimos que a leiam e que executem o que ainda desconhecem, vae n'isso um melhoramento na arte de toirear e a justificação d'este nosso agradavel trabalho; que sirva, e é tudo quanto queremos.

O primeiro documento onde se aprende muito é a «Relação das insignes festas que aos felizes e reaes annos da Princesa do Brasil, Nossa Senhora, se fizeram no sitio da Junqueira» — (Sem indicação da typographia).

Não é um trabalho anonymo e feito para ganhar uma moeda de cobre, mas a noticia, quasi official, precedida das licenças do Santo Officio, do Ordinario, do Paço e com o competente imprimatur da Mesa Censoria. Estas licenças são datadas de setembro e outubro de 1738, por conseguinte vamos assistir á mais antiga toirada de que encontramos menção na Bibliotheca Volante.

A alta nobreza, por iniciativa do visconde de Villa Nova da

Cerveira e sob a direcção do duque de Cadaval, resolveu celebrar os annos da Princesa, com tres dias de festa, na Junqueira.

Por entre as louvaminhas do auctor, que dão uma perfeita idéa da epocha, sabemos o seguinte: que na construcção do amphitheatro trabalharam 345 carpinteiros, durante mais de dois mezes «mostravam, todos os palanques, bem ideadas varandas, gallerias e salas, na boa correspondencia de trincheiras sobre trincheiras e camarotes, parecendo, na apparatosa fabrica de sua architectura, magestosos palacios, singularmente edificados das frondosas producções de Flandres.

Tinha a praça 740 palmos de comprimento, e de largura 720, e nos lados da mesma fizeram 4 portas, em boa correspondencia.»

As festas foram annunciadas por cartazes impressos, afixados nos logares publicos; o auctor chama-lhes editaes.

No dia do começo das festas appareceram os camarotes adornados com magnificas armações e a tribuna real, «que estava da parte superior de Belem, armada de velludo côr de fogo, bordada e guarnecida de oiro». O rei dava a direita á rainha, seguindo-se, de um e outro lado, os principes e os infantes, D. Pedro D. Antonio e D. Manuel. N'uma varanda, á esquerda da tribuna real, estavam as damas da rainha e da princesa do Brasil; «contiguos ao regio solio» diz o louvaminheiro auctor; estavam em camarotes, á direita do rei, o cardeal da Motta, acompanhado de Antonio Guedes Pereira, secretario d'Estado, á esquerda o cardeal da Cunha «e subsequente» o cardeal patriarcha, «assistido do» nuncio e de monsenhor Saquete, seu sobrinho.

Só estes senhores mereceram a attenção do chronista que passa a descrever a entrada de Manuel de Béça, sargento maior do regimento do conde de Coculim, acompanhavam-n'o Diogo João Serpa e Joaquim Leocadio de Faria, ajudantes do mesmo regimento, vinham «com as quatro companhias de granadeiros dos dois regimentos da guarnição da Côrte, marchando em columna fez alto do meio da praça e formou em duas linhas em batalha, fazendo, a linha da vanguarda, as duas companhias do seu regimento e a linha da rectaguarda as duas companhias do regimento do monteiro-mór, e, apresentando as armas, fez as continencias militares. Mandou descansar o corpo sobre as armas e apresental-as á vanguarda, ficando firmes as duas fileiras das vanguardas de cada linha; os da batalha e rectaguarda fizeram um quarto de conversão por terços de fileiras, do centro para os lados, e marchando, a vanguarda, por ambos, ficaram formados, cada linha em uma só fileira.

A segunda linha, que a faziam as duas companhias do regi-

mento do monteiro-mór, dando meia volta á direita, fez cara para a rectaguarda, e, tocando a retirada, marchou cada linha sobre a vanguarda e rectaguarda. Chegando ás portas, fizeram alto e sahiram as companhias, pelas quatro portas da praça, deixando a todos satisfeitos, tanto a galhardia dos officiaes como a boa disciplina dos soldados.»

A isto seguiu se a entrada dos quatro guias: duque de Cadaval, marquez de Tavora, visconde de Villa Nova da Cerveira e conde de S. Miguel, que, com o seu estado e comitiva de muitos fidalgos, vinham jogar com as cannas e as alcanzias e as lanças; correu tudo como era de esperar de taes senhores e assim se passou a tarde de que não fallamos detidamente porque tratamos só de toiradas e da litteratura que lhe diz respeito. Notaremos, como é nosso costume, a coincidencia de nos apparecerem; já por duas vezes, os protagonistas da conspiração contra a vida d'el-rei; a primeira foi nas toiradas de 1752, o marquez de Gouvêa, que veiu a ser duque de Aveiro, por vencer a celebre demanda em que entraram quasi todos os que tinham sangue de Lencastre; a segunda é, n'estas festas, o marquez de Tavora, nome que ha de andar sempre ligado ao de Pombal, na tradicção do povo e no sangue, porque o Marquez teve a veleidade de ligar a sua familia á familia abolida, foi um paradoxo realisado.

Mas, vamos á toirada com que se celebrou o segundo dia e entreguemos a palavra ao auctor d'esta noticia.

«Tomaram dois dias para descansarem do generoso trabalho das escaramuças, e amanhecendo o dia oitavo de julho, que era o destinado para o combate dos toiros, foi tão grande a concorrencia de gente de Lisboa para a Junqueira, que, das quatro horas da manhã até ás mesmas da tarde, se via occupado o mar de embarcações de transporte, e a terra, em um confuso labyrintho de carruagens, e, n'esta tarde, se observaram n'aquelle largo campo e praias 3:728 carruagens de todos os generos; por mar todas as fragatas de Alfama, Caes da Pedra, Corpo Santo, Remolares e Boa Vista, que passam de 300; todas as bateiras e barcos de Cacilhas; os barcos de Moios; muitas barcas de Aldêa Galega, Coina, Moita, Amora, Mutella, Seixal, Porto Brandão, Barreiro, Lavradio, Murfasem e outras; todos os escaleres, botes, lanchas, faluas, catraios, yollas, hiates e bergantins de recreio; algumas moletas de pescar e barcos de Riba-Tejo. Todas estas embarcações, que farão o numero de 3:900, se occuparam, a maior parte do dia, na conducção de pessoas que foram a estas celebradas festas, fazendo, cada uma, não só uma viagem mas aquellas que lhes permittia o tempo; e fizeram, os patrões e arráes, tão boa conveniencia que eu ouvi di-

zer a alguns d'elles que se em cada mez tivessem um dia semelhante não queriam maior producto do seu trabalho.

Foi tão grande o concurso que, occupando-se, com aperto, o dilatado espaço de todos os palanques, trincheiras e camarotes, se exposeram muitas pessoas a todo o rigor do Sol, sobre os mesmos palanques e nos muros do forte e quintas d'aquelle sitio. E, vendo-se os palanqueiros brindados com maiores interesses, se ajustaram com algumas pessoas humildes, que, deixando-lhes os logares, os passavam com duplicada conveniencia. Houve muitas pessoas de distincção, que, indo tarde e achando se sem commodidade para verem, os obrigou a curiosidade a buscarem logar a todo o custo: resultando, d'esta innumeravel turba, multiplicados interesses aos donos dos palanques, ficando sem logar mais de doze mil pessoas.

Finalmente, conduziu a illustre fama dos quatro cavalleiros muita gente, não só de todo este reino mas, ainda, do de Castella, do qual, entre muitas pessoas particulares, vieram alguns fidalgos, como foram o marquez de Riensuela, um sobrinho e dois cavalheiros que os acompanharam, obrigados da curiosa ambição de verem toirear o duque, que, tendo noticia que estavam na estalagem do Rocio, os mandou conduzir ao seu palacio, onde, apesar de grande resistencia (por virem disfarçados), foram tratados com magnanima generosidade. Outros muitos fidalgos vieram obrigados da mesma curiosidade; porem, do cauteloso cuidado de seus disfarces fizeram infallivel motivo de nos occultarem os nomes, mas, nunca, aos famosos cavalleiros, podem negar a gloria de os arrebatar a sua fama.

Andavam os combatentes passeiando a praça em um notavel coche de columnas, aberto por deante e pelas ilhargas, a cuja fórma se dá o nome de Faetonte: tiravam por elle seis formosos cavallos cobertos com mantas de retroz côr de oiro e galhardos martinetes de plumas nas cabeças. Ia sentado na primeira cadeira o duque do Cadaval e á sua mão direita o marquez de Alegrete; ia na segunda cadeira o marquez de Tavora, e, á sua mão direita, Manuel Antonio de Sampaio e Mello, todos virados para o povo; e assim andaram até que Suas Magestades entraram para a sua real tribuna, que logo sahiram da praça, deixando em todos uma segura esperança de ser esta a tarde mais plausivel do presente seculo.

Estava, junto á porta principal, uma grande barraca ou tenda para d'onde entraram os combatentes, e, junto a ella, estavam os cavallos de todos, tão rica e curiosamente ajaesados que, na primorosa grandesa dos chaireis, ornatos e tellizes, tudo se admirava: bordados, rendas, franjas e galões de oiro e prata, de tal sórte que a formosa composição dos ador-

nos deixa a idéa sem arbitrio, para inteira comprehensão da preciosidade.

Correndo-se as cortinas, desappareceu a nuvem que servia de eclypse ao real throno do lusitano sol; appareceram as pessoas reaes, e entrou na praça o mesmo sargento maior e ajudantes que no primeiro dia, com um corpo formado das ditas quatro companhias de granadeiros dos dois regimentos da guarnição da Côrte; fazendo alto, formou em batalha sobre um e outro lado; fez as mesmas operações até mandar apresentar as armas á vanguarda; mandou perfilar de peito a espada, e marchar até palacio, onde fizeram alto, e, fazendo, os dois quartos dos lados, quartos de conversão sobre os mesmos lados, marcharam em quanto os do centro fizeram meia conversão e marcharam, sobre a rectaguarda; e, fazendo os dois quartos dos lados, novos quartos de conversão, marcharam, tambem, sobre a rectaguarda, indo, sempre, avançados os do centro; chegando, estes, á porta, fizeram alto, e os dois quartos dos lados fizeram outro quarto de conversão sobre o centro, ficando unidos á vanguarda dos do centro; formados, mandou voltar caras ao centro a todo o corpo; e, unidos, voltando á vanguarda, marcharam, por meias fileiras, da vanguarda á rectaguarda; sahindo pela mesma porta, que era só a que, n'este dia, estava aberta.

Entrou na praça o meirinho, a quem chamam, vulgarmente, neto, vestido de lustro, á cortezã e cocar de plumas no chapeu, montado em um ligeiro andaluz, a vara na mão esquerda, e, com demonstrações de cavalleiro, fez as cortezias, e, chegando perto da tribuna real, recebeu as ordens do marquez de Abrantes, camarista de Sua Magestade, que era o que estava de semana, e, por sua insinuação, mandou sahir um toiro.

Entraram na praça os quatro toireiros d'ella, a quem o povo chama capinhas ou toireiros volantes, vestidos com gibões de chamalote verde, casaquinhas, calções e capas de camellão côr de fogo, meias de seda da dita côr, sapatos e chapeus brancos. Fizeram as cortezias e ficaram na praça.

Seguiram-se os seis homens de forcado, ou monteiros de choca, vestidos de panno verde, com fortes couraças de anta, sapatos e chapeus brancos, e, fazendo, tambem, as suas cortezias, ficaram.

Com discreta ponderação advertiu o duque, como sapientissimo arbitrista das singulares direcções d'esta real festividade, que a fórma até agora observada, assim nas cortezias como nos duellos, incluía em si algumas superfluidades, que, ás vezes passavam a indecencias pouco decorosas (sic) á presença da Magestade, e com menos lustre dos cavalleiros que as exer-

ciam; e, querendo reduzir a unico acerto a feliz execução dos arbítrios, mostrando a elevada erudição do seu discurso, deu, aos cavalleiros, as presentes insinuações, que, fielmente transcriptas, são como se segue.

Ha-de entrar, o cavalleiro, pela porta do meio, com os dois toireiros, para darem os garrochões, e, em passando do meio da praça para deante, parará o cavallo, e, sem recuar, tirar o chapeu até abaixo; se el-rei estiver com o chapeu na cabeça se cobrirá o cavalleiro, sendo titular, e, se estiver descoberto, não ha-de pôr o chapeu, e, d'uma ou d'outra sórte ha-de avançar quatro passos e parar para a segunda cortezia, e, avançando outros quatro passos, parar para a terceira; acabadas as tres cortezias voltará para a mão direita, e, parando defronte das damas, fará uma cortezia de chapeu e o cavallo parado; feita, voltará sobre a mão direita, e, de passagem, fará cortezia de chapeu ao cardeal da Cunha, e, da mesma sorte, ao cardeal patriarcha e nuncio. Logo, buscará o toiro, aonde quer que estiver, e, em buscando a sórte, irá buscar o camarote em que estão as senhoras, que fica para a parte do már, da tribuna real; parará o cavallo e fará cortezia de chapeu, e, de passagem, a fará, tambem, de chapeu, ao cardeal da Motta, e poderá fazer cortezia ás mais pessoas que lhe parecer.

Os quatro cavalleiros se repartirão nos quatro quartos da praça e, de sórte, irão correndo a roda que fique, cada um, uma vez ao toiril.

Duellos para tirar pela espada:

Se cahir algum cavalleiro, os tres hão-de puxar pela espada e buscarem, logo, o toiro, e, em lhe pondo, qualquer dos tres, a espada, se lhe poderá pegar e matar o boi, e, o que cahir, deve montar logo, ou no mesmo, ou em outro cavallo, e se o fizer a tempo que os companheiros andem, ainda, com o toiro, puxará pela espada e irá a elle com os outros, e se, quando se pozer a cavallo, estiver já morto o boi está satisfeito o duello e não tem outra obrigação, e irão todos buscar o seu logar.

Duello é apanhar, o boi, o criado, quando vae acompanhando o cavalleiro, mas quando o criado, por brincar, com o boi, elle o apanhar, não tem, o cavalleiro, duello.

Duello é levar o rojão inteiro.

Duello é ferir o cavallo ou desferrar-se (sic).

Duello é perder o estribo.

Duello é quebrar-se o freio, mas, a quem quer que succeder, deve mudar de cavallo e, os mais, satisfazerem o duello.

Duello é tudo o mais que fôr descompostura feita pelo boi.

O senhor visconde deve pedir a todos os fidalgos parentes e migos d'estes quatro cavalleiros, da parte d'elles mesmos, não

queiram sahir á praça quando cahir algum, pelo grande embaraço que póde haver com uns e outros.

Montou, o duque, em um soberbo Alastor, não disse bem, em um sensivel monte, ou em uma fortalesa operante, tão dextro no engraçado floreio dos movimentos e tão obediente ao preceito de quem lh'os dirigia, que, na obediencia e na grandesa, levava muitas vantagens ao famoso Bucefalo, de Alexandre, ajaesado custosamente, e, com primorosa curiosidade, brincado de frocos, fitas, palhetas e espiguilhas de oiro e prata, com muitas rendas, franjas e galões do mesmo, entre os quaes se viam ricas joias com diamantes, rubins, esmeraldas, com outras pedras preciosas.

Entrou, o duque, na praça, vestido de finissimo castor verde, com forro, canhões e véstia de seda côr de rosa, com alamares e galões de prata; chapeu pardo, agaloado de prata e um bellissimo cocar de plumas côr de rosa, com um martinete negro no meio, guarnecido de diamantes e topazios, e um botão de uma grande esmeralda, guarnecida de diamantes brilhantes, assentado sobre um laço de fita verde; polainas brancas, com fitas côr de rosa.

Iam, junto ás estribeiras, os seus toireiros volantes, vestidos com gibões de panno berne, guarnecidos de alamares de prata, calções e casacas de velludo verde, á castelhana, com galões de prata; capas de seda, côr de fogo, guarnecidas de galões de prata; meias de seda, encarnadas, com bordados de prata; sapatos e chapeus brancos.

Fez, o duque, as cortezias, na fórma já referida, e, tomando o rojão, buscou o toiro, que, ainda que temeroso a seu valoroso braço e respeitoso á sua magestosa presença, o investiu furioso, mas, o duque, de sórte lhe soube castigar o atrevimento, que, mettendo-lhe o rojão, debaixo dos preceitos da regra, o pôz em desesperada fugida. E o duque sahiu da praça para mudar de cavallo.

Montado em um bizarro Nicteu, adornado de preciosidades, entrou o marquez de Tavora, vestido com casaca de gorgorão amarello, com alamares de prata, véstia de gorgorão branco, guarnecida de ponta de Hespanha e renda de prata, calção de velludo negro, polainas brancas, com fitas amarellas, chapeu negro, com galão de prata e cocar de plumas brancas, com um martinete negro, guarnecido de topazios e diamantes brilhantes, prezilha e botão das mesmas pedras.

Iam no logar costumado os dois capinhas, vestidos com gibões de setim côr de oiro, com alamares de prata, casaquinhas de velludo da mesma côr, guarnecidas com uma barra de velludo azul e agaloadas de prata, calções de velludo negro,

D. LUIZ MANOEL DE TAVORA, 4.º CONDE DE ATALAYA
† em 1706

com galão de prata, capas de chamalote azul, com galão de oiro, meias azues, com quadrados de oiro, chapeus negros, com galões de prata, plumas azues e côr de oiro e sapatos brancos.

Fez, o marquez, as cortezias e buscou o toiro que, atemorisado da antecedente ferida, se retirou, attento ou cobarde, por não morrer atrevido; e o marquez sahiu da praça para mudar de ginete, como é costume.

Em um alentado Piróes entrou montado o marquez de Alegrete, vestido de acamurçado castor, prodigamente guarnecido de prata, forro e véstia de seda verde, com alamares e renda de prata, polainas brancas, com fitas de tella verde, chapeu negro, com cocar de plumas brancas, martinete verde, prezilha e botão de diamantes brilhantes.

Os capinhas vestidos com gibões e calções de anta, guarnecidos de velludo azul, com galões de prata, capas de barbarisco, forradas de nobreza azul, guarnecidas de prata, chapeus negros com galão da mesma, meias azues, com quadrados de oiro, e sapatos brancos.

Fez, o marquez de Alegrete, as cortezias e buscou o toiro que, picado da passada cobardia, quiz, em um dos volantes, tomar satisfação do aggravo, porem, o marquez, com valoroso acordo, ainda que o boi o não investiu direito, lhe metteu o rojão, com tanta valentia que, conhecendo o bruto, pelo peso do golpe, a heroicidade do braço, se retirou advertido, por não duplicar o estrago, e o marquez sahiu da praça.

Sobre um bem formado Bavieca entrou Manuel Antonio de Sampaio e Mello, vestido com casaca e calção de panno azul, guarnecido de galões de oiro, véstia de setim branco, bordada de oiro e matizes, polainas brancas, com fitas azues, chapeu negro, com galão de oiro, cocar de plumas brancas e azues, com seu botão e prezilha de diamantes brilhantes.

Os toireiros vestidos com gibões de panno azul com alamares de oiro, casaquinhas e calções de velludo amarello, guarnecidas com uma barra de velludo azul e galões de prata, capas de nobresa azul, com galões de prata, meias de seda da mesma côr, com quadrados de prata, chapeus negros, com galões da mesma e sapatos brancos.

Observando a fórma dos antecedentes cavalleiros, fez Manuel Antonio, tambem, as cortezias e, tomando rojão, buscou o toiro, porem este, que já gostava mal o amargoso fructo de sua audacia, usou d'aquella circunstancia a que os fracos chamam prudencia, e, sem fazer caso do desafio dos capinhas, buscou outro caminho, e, encontrando o marquez d'Alegrete, lembrando-se da impiedade com que o tinha ferido, entrou no projecto

de se vingar do aggravo ou de morrer na peleja. Envestiu furioso e o marquez, com animo destemido, lhe pregou o garrochão, com tanta violencia, que, querendo o boi fugir da morte, já o não poude fazer porque, a poucos passos, cahiu com o peso do golpe, vomitando a alma pela bocca da ferida.

Entraram, logo, na praça, dois lacaios alegremente vestidos de galacé de algodão, com labyrinthos de diversas côres e seis mulas castelhanas, com largas mantas do mesmo galacé, curiosamente fabricadas, guiadas por dois sotas cocheiros, vestidos da mesma droga e, com alegre divertimento, levaram de rastos o morto e agarrochado bruto. E, por este modo, se conduziram os mais que lhes succederam nas sórtes.

Já n'este tempo se achavam na praça os famosos campeões ulysseos, venturosa emulação dos nobres e antigos romanos; mandou, o meirinho, sahir um toiro que o duque esperava, pouco distante do toiril, porem elle, que, ao sahir poz logo os olhos do receio na sua grandesa, e, temendo que aquelle invencivel braço fosse o indubitavel despojo da sua ferocidade, passou de largo, como amante de si mesmo; cahiu, ao marquez de Tavora, um estribo que ia mal posto, foram todos ao boi, á espada, mas, presumindo elle da sua ligeireza o melhor seguro, correu algumas vezes a praça sem que lhe podessem chegar, até que, tomando-lhe a volta o marquez d'Alegrete, foi o primeiro que tingiu o valoroso ferro no sangue d'aquelle azevichado bruto, e, apanhando-o o duque, com a ponta da espada, lhe deu tão grande golpe sobre o espinhaço que, logo, pela ferida, sahiram, ao boi, as entranhas, e, cahindo nas mãos da morte, se desenganou que a ligeireza dos pés lhe não serviu para a conservação da vida.

Os toiros que não buscavam os cavalleiros, ou que, buscados d'elles, lhes fugiam, mandavam aos toireiros da praça os corressem á espada, o que faziam, na fórma seguinte: vinha, um d'elles, com a espada na mão direita e a capa em ambas, e, chamando o toiro, quando este o envestia, largando, da mão direita, a capa, lhe mettia a espada, repetindo esta acção algumas vezes, até o acabar de matar; porem, indo o toireiro repetir em um boi a sua sórte de espada lh'a metteu no cacho do pescoço, e, como o boi o investiu mais furioso, lhe foi preciso largar a espada para evitar o proprio damno, na violencia do encontro; para tirar a espada, quiz pegar no bruto, este, julgando-se victorioso de ter desarmado o inimigo, vendo-o sem armas, o tomou sobre as suas, e, lançando-o ao ar, lhe causara a ultima ruina a não ser, dos companheiros, soccorrido; animado com o soccorro se metteu, segunda vez, no combate, ganhando, á força de braço, a sua mesma espada, mas, como

tinha levado alguns encontros duros, sahiu tão mal tratado da lucta, que ficou quasi decepado das mãos.

D'esta sórte mataram, os volantes, alguns toiros que talvez, porque respeitavam os cavalleiros, se não atreviam chegar-lhe aos cavallos. Tòdos os bois mostravam excessiva inclinação aos capinhas, pela cuidadosa diligencia com que os buscavam, mas, elles, a esta fineza, correspondiam ingratos, porque lhe fugiam, demasiadamente temerosos.

Chegou o neto ao toiril e mandou sahir um toiro, esperava-o Manuel Antonio de Sampaio, com valorosa ousadia, porem, ao sahir, buscou, logo, a trincheira, da outra parte, e não viu o cavalleiro; na furia da carreira a que a desesperada braveza o conduzia, encontrou o marquez de Tavora, com tanta brevidade que, ainda no seu grande cuidado, veio a ficar impossivel toda a prevenção, e dando-lhe, com impetuosa violencia, um repentino encontro no cavallo, se assustou, este, do não esperado successo, e, accendido nas chamas da sua colera, se levantou tão alto que, a não ser, o marquez, o mais forçoso genetario, o percipitara, o acaso, a provar o perigo na distancia, porem, com a sua invencivel fortaleza, de tal sórte soube remediar a força do impulso que, conservando-se seguro, não perdeu mais que o chapeu, porque, na grande elevação do bruto, lh'o arrebatou o vento; levantou-lh'o um creado, e, pondo-o, o marquez, na cabeça, tirou a espada e se foi ao toiro, que, vendo-se accommettido da valorosa bizarria d'aquelle heroe, lhe furtou a volta, e, buscando-o pela quadra do cavallo, dando-lhe repetidos encontros, sem que se podesse valer, se lhe metteu debaixo, e, levantando-o, muitas vezes, ao ar, lhe frustrou todo o cuidado da defensa, fazendo, n'esta acção, o valor e a destreza, repetidos milagres, e, tornando a firmar o corpo, fez um nunca visto prodigio em que uniu a naturesa e arte de um dos melhores cavalleiros d'este seculo. Largou, o toiro, o cavallo do marquez de Tavora e, emquanto, este, se uniu á sélla, para puchar pela espada, buscou, o toiro, a Manuel Antonio de Sampaio e Mello, pela esquerda, e lhe deu, com furiosa violencia, tal encontro no cavallo que perdeu uma estribeira e viéra a terra a não ser, como pratico nos exercicios do combate, o mais seguro cavalleiro. Tinha tão ardiloso instincto, o bravo toiro, que, investindo, fortissimamente, os cavalleiros, nunca os buscava senão pelas espaldas, ou pela esquerda. Com galhardo brio se foi a elle o marquez d'Alegrete, mas, o bruto, com sagaz manha, investindo-o de salto, fez que, errando o marquez o golpe, se lhe mettesse debaixo do cavallo, e, atirando com elle, muitas vezes, pelos ares, perdendo uma estribeira e a sélla, indo já precipitado, sem que,

para evitar este perigo, se podesse valer do seu admiravel acordo, lhe pegaram no ar, obviando o infallivel damno da quéda. Era a praça uma renhida campanha, e o bruto, com ferocidades de leão e ligeirezas de tigre, buscava, dos combatentes, o estrago, e, veloz, se eximia do perigo.

Não consentiu, o valoroso animo do duque, que ficasse sem castigo o demasiado atrevimento do toiro, e, querendo, de uma vez, satisfazer-se do aggravo recebido na descompostura dos companheiros, o buscou com resolução destemida, e vendo que lhe fugia para escapar da morte, obrigado da propria impaciencia, debruçando-se sobre a cabeça do cavallo, lhe deu tão grande golpe que ficaram julgando, os circunstantes, se a espada topasse o boi de geito o dividira. Vinham, ao mesmo tempo, velocissimamente, os outros cavalleiros, e sobejariam, ao toiro, os perigos, se o duque, n'aquelle golpe, não chegara ao maior de todos.

Sahiu da praça o marquez de Tavora, e, conhecendo este valoroso Pescára portuguez, que ia mortalmente ferido o seu leal Mantuano se apeou, com muita destreza, e, apenas poz os pés em terra, cahiu o cavallo morto.

Pozeram na praça oito talhas semelhantes ás da India, na pintura, e oito meios corpos, tudo de barro crú, mas pintado com muito primor da arte; os braços dos meios corpos, em natural acção de chamarem os toiros, que, vendo-os, corriam a elles e os despedaçavam furiosos; de uns fugiam pombos, d'outros coelhos, que, perseguidos dos capinhas e d'outras pessoas que andavam na praça, servia de agradavel divertimento a todos.

Andava um toiro, na praça, e, como n'este tempo estavam fóra d'ella os quatro cavalleiros, mandou, o marquez d'Abrantes, ao neto lhe fosse fazer sórtes; elle, com desembaraço, buscou o bruto que o investiu feroz e, fazendo, da vara, rojão, virou, tão dextro o cavallo, que lh'a assentou no melhor logar da sórte; repetiu, esta acção, segunda e terceira vez, com geral applauso e igual fortuna.

Entrou Manuel Antonio de Sampaio e Mello, e, assim que o boi o viu na praça, se foi ao cavalleiro, com feresa, mas prevenindo-se com acordo, virou sobre o boi e lhe metteu o rojão no logar do jugo, de que ficou tão furioso que, despresando a sórte, com que, segunda vez o buscava, virou as costas á fortuna buscando com desesperação o ultimo percipicio, d'onde suppunha o seu unico remedio; encontrou-se com o marquez de Tavora e, vendo que este principe, em logar de o soccorrer, como a ferido, o buscava para lhe dobrar o damno, assim que o tocou do ferro, fugiu, ligeiro, do golpe, pagando com grosseira

ingratidão, a generosa vontade com que o marquez o queria pôr seguro, mas a fortuna que, guiando os atrevidos, ás vezes, castiga os ingratos, o conduziu, furibundo, a investir o duque que, buscando-o, destemido, lhe empregou o garrochão, com tanta valentia, que o boi, trémulo e arrependido da indecorosa acção que tinha obrado, como quem pedia perdão do atrevimento, ajoelhou reverente e cahiu desalentado, quiz levantar-se para repetir o cortejo, mas como, pelas portas da ferida, lhe iam sahindo os alentos, dobrando-se-lhe o desmaio, prostrou a já rendida feresa, aos pés do seu vencedor, offerecendo-lhe a vida, como nobre despojo de seu valoroso braço.

Foram sahindo outros, emquanto durou o dia, em cujo tempo não couberam mais que vinte, e, em todos, mostraram, os insignes cavalleiros, o seu resoluto e valoroso animo, igualando-se, notavelmente, no exforço e na sciencia, ainda que o não poderam conseguir na fortuna, que, para alguns, se mostrou mais favoravel; porem, o que depende dos acasos da sórte não póde desluzir o mérito da grandeza nem escurecer os claros luzimentos da heroicidade.

Finalisou o dia porque se ausentou o sol (sic), supposto que por estar assistido de brilhantes astros, aquelle artificial firmamento, compunha uma luminosa esphera de resplendores. Acabou-se o combate e os combatentes, fazendo as cortezias, pela mesma fórma que na entrada, sahiram da praça, e apeando-se, foram beijar a mão a Suas Magestades e Altezas, e, nas suas reaes pessoas, acharam generosa e affavel gratidão.»

Assim ficou memoravel, na Junqueira, o dia 8 de julho de 1738.

No dia 12 d'esse mez repetiram-se as festas do dia 5 e assim terminou a «plausivel festividade aos felices e reaes annos da Princesa do Brasil, Nossa Senhora», em que ficaram muito bem descompostos alguns cavalleiros, entre elles o marquez de Tavora que já se ensaiava para o drama que representou pouco adeante da Junqueira, n'este dia cahiu-lhe o chapéu, no outro cahiu-lhe a cabeça; faz lembrar a scena, não provada, da pedrinha atirada pelo principe D. João, depois D. João II, na praia de Santos, em Lisboa.

*

* *

Ainda que escripta espirituosamente, dá nos bons elementos de estudo a seguinte:

«Arte de toirear á brida» que o auctor, depois de um pro-

logo a que chama: «Noticia preventa ou argumento da obra; mais claro motivo que obrigou ao auctor a compôr a Arte de Toirear», dedica a Apollo do Terreiro do Paço, dizendo: «Comtigo fallo, ó Apollo impedernido, que para todos te mostras, sempre, duro como um seixo; não te busco como os antigos, para te tomar as aguas e curar te da retenção de ourinas, que padeces ha tantos annos, nem do achaque de pedra que experimentas por naturesa e com tanta falta de exercicio que não sei como és vivo. Venho buscar-te tão desinteressado que de ti não espero nem uma pinga d'agua e só te procuro para que, como Mecenas, defendas a Arte de Toirear á Brida, que te dedico e te offereço; se contra ella se levantarem as pedras da rua e se duvidas applicar a tua protecção por ser obra em prosa, sabe que eu tambem sou poeta do jogo das pedradas e, se não, vista faz fé»

A «Noticia preventa» é um modelo de graça e servir-nos-ha n'outra parte d'este estudo; aqui, só aproveitâmos o final: «compuz uma Arte de Toirear á Brida, que v. ms. agora verão, e logo assentei em offerecel-a a quem me não dissesse palavra, e, por isso, a dediquei ao Apollo do Terreiro do Paço, na fórma seguinte.» e segue a dedicatoria já transcripta.

Diz a «Arte de toirear á brida»:

«A eleição do cavallo é a primeira recommendação dos auctores, o de Troia era melhor para os palanques que para a praça, o Pegaso não era máu, porque é funcção em que são bons os cavallos com azas, porem, como os poetas que o costumam montar tem dado suas quedas e a muitos tem quebrado a cabeça, que fará aos cavalleiros que não tem de poetas mais que o cabedal, o da sege de fr. Pedro de Sá já não ha fumos d'elle e o em que se retirou da batalha de Guadalete o ultimo rei dos godos tambem não serve por estar costumado a desgraças; o Bucephalo, em que montava Alexandre, era mui fogoso; os dos festeiros, para nada prestam, e, assim, n'este caso, dissera eu, que, depois de tudo o mais preparado, se fosse para casa, *isto não é preceito da arte, é conselho que eu lhe dou, como, tambem, se tiver medo dos toiros, não vá toirear, para o que, tambem, não ha regras, porque isto não se aprende.*

Mas, se quizer levar a sua ávante e toirear a todo o risco, saiba que o cavallo ha-de ser alto e não bojudo; não me canso em lhe dizer que ha-de ser vivo, *porque já se sabe que não ha-de ser morto;* deve, tambem, ser prompto, se bem que, para isto, basta qualquer praça da palha, que está prompta para tudo; não sigo a opinião de serem máus para toirear os cavallos costumados a fazer curvetas, antes entrando a fazer upas, vem em tom de festa; não cuide muito em que estenda a perna que,

para isso, tem bom remedio: pregue-lhe as esporas com bem força, que elle as estenderá.

Não deve ficar em silencio o comprimento dos rojões, a que os auctores dão sete palmos, é pouco, *eu dou lhe quatorze e ainda me parece que fica perto, o cavalleiro, do toiro,* se bem que a distancia não tem regra certa, porque, o ser mais ou menos, é conforme o medo de cada um; que o ferro ha-de ser bem tirado, convenho, nem elle, antes de se tirar, se póde pôr nos rojões; em quanto ao serem estes conduzidos, para a praça, em azemula, com reposteiro, não me metto n'isso, porque toca á gloria accidental do procurador das festas.

Sobre a entrada do cavalleiro, ha duas opiniões, uma que affirma, deve entrar, estando toiro na praça, que é o tempo em que todos fogem d'ella; outra, que basta entrar antes de sahir o toiro, porque fará as cortezias com mais socego, *esta sigo eu, porque é a mais segura;* mas, caso que o tente o diabo a fazer a entrada, estando o toiro na praça, vá, sempre, com o olho n'elle e, se lhe ficar para a parte das costas, para d'onde os cavalleiros não tem olho que não seja falto de vista e, tambem, os que o não são, dirá ao creado, que ha-de ir da parte direita, com o rojão: *olha, se vem o toiro,* e se elle disser: *elle ahi vem,* deixe as cortezias e vá-se ao toiro, mas, tanto que executar a sórte, torne a buscar o seu posto e continue as cortezias, nas quaes, se o cavallo não quizer recuar, não teime com elle, porque nenhum homem deve fazer força em tornar para traz; tambem lhe advirto que ha-de deixar as cortezias e ir-se ao toiro se lhe tomar nas pontas algum creado seu, e ainda outra qualquer pessoa, ainda que lhe não seja nada, porque primeiro está o seu brio que tudo; porem, n'isto, algumas vezes se póde fazer desentendido.

N'estas entradas, os que escreveram com mais miudeza, recommendam que entre airoso, mas eu lhe digo *que se o não fôr naturalmente não se contrafaça, que é trabalhar debalde;* tambem dizem que ha-de entrar alegre; não obrigo a tanto, que será coisa dura ir contente se tiver alguma coisa que lhe dê pena, ainda que, n'este caso, alguns auctores dizem que não vá toirear não sendo promessa, porque á palavra não se falta, e concluirá as cortezias, que fará rasgadas, com o chapéu, até á coxa da perna, com a cópa para fóra, que val o mesmo *que dizer: com ella para cima;* porque, se lhe deitarem algum papel de dôces, dos camarotes, fica-lhe mais facil apanhal-o n'ella.

Antes de fazer as cortezias, *já se sabe* que não ha-de tirar o chapéu, ainda que seja ao seu maior amigo, parem, feitas as primeiras, póde continuar as que quizer, que é muito senhor da sua vontade, *mas advirto lhe* que, feitas as cortezias, deve

voltar sobre a mão direita e ir-se ao toiro, e, se este não quizer investir, dê graças a Deus e vá mudar de cavallo.

No modo de empunhar o rojão e apontal-o, querem que seja levando-o alto, porque, investindo o toiro, melhor é descel-o que levantal-o para ferir, que leva dois tempos; concordam em que se não dê chuçada, com o garrochão, mas apontal-o entre as pontas do boi, mais inclinado para a parte direita, porque, investindo, melhor se crava n'elle; porem, eu disséra *que, investindo o toiro, carregasse o rojão, com ambas as mãos, quanto podesse, e leve o diabo o toiro;* tambem se não cance em apontar á nuca, porque as sórtes da espadua são mais certas, e, ainda, metter-lhe o rojão pelas tripas, que é ferida perigosa, e o que ali se pretende é matar o toiro.

Já se sabe que o cavalleiro ha-de buscar o toiro, porque, se o não fizer assim, estará um em uma parte e outro em outra e nada se fará, e, resoluto a buscar o toiro, que não tem outro remedio, ha-de ser de tres posturas:

A primeira de cara á cara, levando, o cavallo, a passo apercebido, e, tanto que o toiro investir, metter-lhe o rojão e matal-o, e, executada esta ferida mortal, escusa arrimar a perna ao cavallo, para quebrar sórte ao boi que já está estirado, e, assim, não tem mais que fazer o cavalleiro, porque o enterro do toiro corre por conta do neto.

N'esta mesma postura, póde buscar o toiro, a meia redea, ao mesmo tempo em que o toiro parte, levando o cavallo justo e acompanhado da perna direita, para o carregar á parte esquerda, livrando-lhe o corpo do fio do encontro, e, passando elle, quebral o sobre a mão direita, e sahirá limpamente, porque, para o boi revolvêr contra o cavalleiro, naturalmente o faz, com mais dilação, sobre a mão direita, do que sobre a esquerda, como mostra a experiencia.

A segunda postura é buscar o toiro, ao estribo, e deve ir a passo, levando o cavallo apercebido, e, tanto que o toiro partir, em chegando aos meios de proporção, pondo lhe o rojão entre as pontas, arrimando a perna ao cavallo, para a parte de traz, para desviar a anca e quebrar sobre o toiro; e repare que, se não acertar estas medidas, ou errar nas contas, tudo ha-de pagar, e mais o cavallo.

Tambem, para esta postura, se busca o toiro, girando em galope sobre a mão direita, apertando as voltas, até arremetter, e se lhe faz a sórte com mais segurança, porque indo o cavallo no galope, com mais facilidade livra o corpo do encontro, mas vá, sempre, com o sentido no toiro, que estas são peores que as de Andreza e n'ellas deu, a muitos, a agua pela barba.

A terceira postura é de anca revolta, e eu só a admittira de-

pois do cavalleiro andar enfadado, o que, quasi sempre, lhe succede, porque, toirear toda uma tarde de verão, passa de divertimento; executa-se com rojão mais comprido, esperando o toiro, com a anca para elle e o cavalleiro com o corpo voltado sobre o lado direito, e, tanto que o toiro investe, prega-lhe o rojão e safa; n'este retirar, aconselham os professores, que seja de tal sórte que não pareça que foge, o que é difficil de executar, porque o retirar e fugir parece-se muito uma coisa com outra e, quanto a mim, são palavras sinonymas.

Agora entram as politicas mais finas e regras universaes que deve praticar o cavalleiro, em toda a tarde.

Primeiramente, se, esperando o toiro, sahirem dois, e ambos forem bravos, póde valer-se de adjutorio do neto, ou encorporar-se com os homens dos forcados, ainda que seja um Hercules, e, *se um fôr bravo e outro fugir, corra atraz do que foge e fuja do que imveste, que a eleição é sua.*

A segunda, que é totalmente nova, consiste em que, todas as vezes que lhe cahir o chairel ou se despregar de alguma parte ou lhe cahir das clinas do cavallo algum laço da fita, por mal seguro ou lhe succeder outra coisa semelhante em que o toiro não teve culpa, mace os ossos aos creados e não tem que ir á espada, ao toiro, que n'isso está innocente. Já se sabe que ha-de tirar a espada por cima do braço das redeas, e não a tire a medo, mas veja não se corte, e vá-se como um raio ao toiro e dê-lhe rijo, arrimando-se a elle com o lado direito, e, tanto que o partir pelo meio, não embainhe a espada sem noticia certa do seu fallecimento, em que não mostrará sentimento nem gosto, fique indifferente.

Em todos os referidos casos, anda o cavalleiro com os pés no ár e pernas iguaes, que o toirear não é para aleijados, e faça muito por andar oiro fio, que estas occasiões são as em que um homem se vê em balanças, e, para contrapeso, escute o que deve obrar, pondo os pés em terra ou barro, porque em calçadas não se toirea, e, como se não pódem referir todos os casos, apontarei os principaes para se governar por elles, mas assente que está obrigado a pôr-se á pata, todas as vezes que não poder buscar o toiro a cavallo, v. g.: matando lhe o cavallo ou ferindo-lh'o de sórte que não fique capaz de o buscar ou tambem se, querendo ir para o toiro, o cavallo dér em ter entendimento, o que os outros chamam asnejar, e não querendo, n'estes termos, seguir a opinião do cavallo, que é a mais segura, não tem mais remedio que pôr pé em terra e metter mão aos arames e ir-se ao toiro, cara á cara, e não vá ao modo de quem vae ao gallo, mas pendure se de cêia, e, tanto que o toiro o accommetter, não o espere de ilharga, modo de que as

pontadas são mais perigosas, mas, peito a peito, e quando o boi se fizer para o levar, então ha de desviar o pé direito, com o corpo, sobre o esquerdo, deixando cahir, no mesmo movimento, a espada, sobre o pescoço do toiro, que lh'o cortará cercio, apartando-lhe a cabeça, do corpo, porque, então, fica seguro; porem, se esta execução lhe não sahir á medida do desejo e levar o seu boléusinho, não se desconsole, que isto tem succedido a muita gente boa, e se, algum dos amigos que lhe acudir, colher da mesma fructa, console-se com elle, pela regra *solotium est miseris, etc.:* tambem, quebrando-lhe todas as silhas, tem a mesma obrigação, mas chame, primeiro, pelos creados que o tirem ao collo, com sentido, porque não dê alguma queda; fuja, quanto poder, de buscar o toiro, ficando-lhe á ilharga, da parte esquerda, ou por detraz palanque, se se quer livrar de intalações.

Na economia que ha-de guardar, no mais decurso da tarde, não ha regra certa, o começar tarde é o melhor meio de acabar mais depressa, mude de cavallo, se o tiver, todas as vezes que o entender em sua consciencia, que necessita d'elle, mas se o toiro fôr bravo e se achar na praça, sempre a sahida é suspeitosa, porque a desculpa de ser máu o cavallo, vem em má occasião; diga, antes, que lhe querem pôr garróchas de fogo, mas, sahindo para fóra, dilate-se quanto quizer, porque mette mais saudades e livra-se de muitas amofinações.

Quando fizer alguma sórte boa, que tirarem pelos lenços, corresponda tirando o seu chapéu, mas não se ria, e se errar a sórte e tirarem pelos lenços, não está obrigado a tirar o chapéu, porque, então, o applauso é logração. Não lhe aconselho uso do sorvete para refrigerio, se padecer fraquezas de estomago, póde tomar uma colher de confeitos se fôr sujeito a flatos, e se tiver boa saude não faça remedios, e, acabadas as ultimas cortezias, vá-se para casa que é o fim de tudo, e tambem eu aqui me despeço do auditorio. *Acabou se.*»

E, para terminar as transcripções d'este genero, aqui vae a: «Nova invectiva para, na festa dos toiros, se ajuntar dinheiro a pouco custo; e consiste em pedir uma nova postura, ao Senado, em que sejam condemnadas em pena pecuniaria as pessoas seguintes:

Todo o que disser, quando entrar o cavalleiro: bom cavalleiro ou bom cavallo; sem saber o que diz.

Todo o que disser: boa sórte; quando o cavalleiro metter, ao toiro, o rojão, pela espadua.

Todo o que disser: bem mettida; e saltar, logo, fóra a chôpa.

Todo o que disser, do boi que foge de cavalleiro, que é matreiro.

Todo que assobiar ao neto.

Todo que fizer algazarra e atirar com cascas de melancia aos baetas que passarem pela praça.

Todo que mijar em camarote d'onde estiverem, por baixo, homens de cabelleira.

Todo o que pagar mais por vêr á trincheira em que dér sol, podendo vêr á sombra com menos custo; estes condemnados para não serem tolos.

Todo que vir a festa de camarote, por cécia, e fôr para casa e ficar sem ceia.

Todo que usar de sorvete, tendo vindo para os toiros em jejum; este condemnado para mor (sic: por amôr, por môr) das cólicas.

Todo o que comprar dôces aos rapazes, deixando os filhos em casa, morrendo de fome.

Todo que alugar sége a mulher dama, para ir vêr os toiros, e elle fôr á pata.

Toda a regateira que rogar pragas ao neto, com animo vingativo, o que, em dia de toiros, é muito mal feito.

Os mais absolutos (sic) »

O sic marca os maiores erros de graphia, nem os emendamos, porque facilmente se traduzem, este ultimo deve ser notado: «absolutos» por «absoltos» ou «absolvidos».

E eis quanto, ácerca de toiradas, encontrámos mais notavel na Bibliotheca Volante, e vem documentar as conclusões já tiradas, n'outro logar.

*
* *

São justos todos os louvores que se tributem ao, d'ora avante, famoso collector, fr. Mathias da Conceição; para lhe testemunharmos apreço aqui transcrevemos, antes de continuar a utilisação da sua obra, os seguintes documentos que encontrámos, com outros pergaminhos e alguns documentos escriptos em papel, na Bibliotheca Real do Paço de Mafra:

«Dom Jozé por Graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além Mar, em Africa, Senhor de Guiné e da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc. Faço saber que tendo consideração aos merecimentos, letras e conhecido zelo do serviço de Deus e Meu, que concorrem no Mestre *Frey Mathias da Conceição*, da Ordem de Sancta Maria da Arrabida: Hey por bem nomeallo Deputado Ordinario da Real Meza Censoria: Pelo que Mando ao Bispo de Beja, Presidente da dita Real Meza, meta em Posse do dito cargo de Deputado Ordinario, ao dito *Frey Mathias da Conceição*, e o deixe d'elle uzar, e com elle haverá o ordenado proes e per-

calços que direitamente lhe pretencerem; e a todos os Meus Menistros, Justiças e Officiaes della, e mais Pessoas destes Meus Reynos, e Senhorios de Portugal, cumprão, e guardem esta Minha Carta, como nella se contem, de que pagou de novos direitos cento, e vinte mil reis, que forão carregados ao Meu Thezoureiro delles João Valentim Cauper, no livro quinto da sua receita a folhas trinta e sete, e registado no livro trinta do registo geral a folhas cento, e noventa, e quatro, e jurará em Minha Chancellaria em como bem e verdadeiramente exercitará o dito cargo. Dada em Salvaterra de Magos aos vinte e quatro de Janeiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos setenta e seis. — El-Rey (Com rubrica e guarda) — Bispo de Beja. — Carta, por que Vossa Magestade ha por bem fazer mercê ao Mestre *Frey Mathias da Conceição* da Ordem de Sancta Maria da Arrabida, do lugar de Deputado Ordinario da Real Meza Censoria: Na forma acima declarada.—Para Vossa Magestade vêr.—Felis Jozé Leal a fez escrever.—Jozé Gregorio Leal Arnaut a fez»

Na pagina seguinte lê-se: «Por Decreto de Sua Magestade de 12 de Janeiro de 1776.=Fica assentada esta carta nos Livros das Mercês — Dom Sebastião Maldonado, gratis. = Eu lhe dei o juramento. Lisboa 3 de janeiro de 1776 — Antonio Jozeph de Affonseca Lemos = Antonio Jozeph de Affonseca Lemos, gratis=Pagou onze mil e duzentos reis e aos officiaes nada por quitarem. Lisboa o 1.º de Fevereiro de 1776. — Dom Sebastião Maldonado, gratis.=Registada na Chancellaria Mór da Corte e Reino no Livro de Officios e mercês a fl. 5. Lisboa o 1.º de Fevereiro de 1776 — Jeronimo José Corrêa de Moura»

O outro documento, que prova a consideração, crescente, que tributavam ao frade, é este:

«Por quanto o Mestre *Fr. Mathias da Conceição* contheudo na Carta retro por ella se vê ser Deputado Ordinario da Real Meza Censoria, que pela Minha Carta de Lei de vinte e hum de Junho deste prezente anno, ordenando e estabelecendo a geral formalidade das incumbencias da mesma Meza, Mando que ella se ficasse denominando Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros, ficando aquelles dos Antigos Deputados que fossem por Mim nomeados para esta nova Meza, consarvados pela mesma Carta e sem precizão de novo juramento para a continuação do seu novo exercicio. E tendo consideração ao bem que me tem servido no logar de Deputado da Real Meza Censoria o Mestre *Fr. Mathias da Conceição* da Provincia dos Menores Reformados de Santa Maria da Arrabida: Hey por bem nomealo Deputado da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros: To-

mando logo posse do seu respectivo lugar, e entrando no exercicio delle por vertude deste Real Decreto, e sem dependencia de tirar nova Carta E attendendo a que já prestou juramento perante o Chanceller Mór do Reino, e a que tambem já pagou novos Direitos pelo lugar que até agora occupou: Hey por bem outro sim que sirva debaixo do primeiro juramento que prestou e que não pague novos Direitos alguns do Ordenando, que daqui em diante houver de receber. A Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros o tenha assim entendido, e nesta conformidade faça pôr na Carta que já tem o referido Deputado a necessaria e competente Apostilla. Villa das Caldas em vinte de Junho de mil settecentos e outenta e sette. Para cumprimento delle Hey por bem que o sobredito Mestre *Fr. Mathias da Conceição* vença o ordenado annual de seis centos mil reis, que Fui Servido constituir aos mesmos Deputados, o qual principiará a vencer desde o dia nove de Julho do prezente anno em diante, dia em que entrou na posse do dito Emprego, com o qual gozará de todas as honras, privilegios, liberdades, e exempções que lhe competirem E Mando ao Presidente e Deputados da referida Meza lhe mandem fazer o competente assentamento, e hir na respectiva Folha, para lhe ser pago o seu Ordenado como por esta Apostilla se lhe declara, a qual quero que valha como carta passada em Meu Real Nome, posto que o seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação encontrario: Sendo porem registado nos Livos do registo da Chancellaria e Mercês, e nos da Secretaria da mesma Real Meza, e posta a verba necessaria á margem do registo do Decreto d'esta Mercê. Lisboa em vinte e outo de Setembro de mil settecentos e outenta e sette.—A Rainha (Com rubrica e guarda)—D. M. Principal Abranches P.= Apostilla porque V. Magestade ha por bem nomear o Mestre *Fr. Mathias da Conceição* dos Menores Reformados de Santa Maria da Arrabida Deputado da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros, de que tomou já posse do seu respectivo Lugar e entrou no Exercicio delle por vertude do Real Decreto de vinte de Junho do prezente anno, para o servir debaixo do primeiro juramento que prestou para o Lugar de Deputado da Real Meza Censoria, sem que pague novos Direitos alguns pelo accrescentamento do ordenado, que daqui em diante houver de receber como acima se declara.—Para V. Magestade Vêr. — Felix Jozé Leal Arnaut a fez escrever. — Jozé Thomaz de Aquino Barradas a fez »

Segue se: «Por decreto de S. Magestade de 20 de Junho e 7 de Setembro de 1787. = Fica assentada esta Apostilla nos Livros das mercês e pagou quatro mil réis.—Pedro Caetano Pinto

de Moraes Sarmento, gratis=Jozé Ricalde Pereira de Castro, gratis=Não pagou direitos de Chancellaria na conformidade desta Appostilla e aos Officiaes nada por quitarem. Lisboa 30 de outubro de 1787 — Como Vedor—Antonio Jozé de Moura, gratis. = Registada na Chancellaria Mór da Corte e Reino, no livro de Officios e Mercês a fl. 302 v., Lisboa 31 de Outubro de 1787—Jeronimo José Corrêa de Moura, nada.»

E, ainda: «A' margem do Registo do Decreto, pelo qual se lavrou esta Apostilla, fica posta a Verba necessaria. Nossa Senhora da Ajuda 3 de Dezembro de 1787.—Domingos Xavier de Andrade.»

Tudo isto está em quatro folhas de pergaminho, cosidas com torçal vermelho; tem pendente, n'uma fita de melania da côr do torçal, o sello d'el-rei D. José, gravado em papel.

Feita esta justiça á memoria e á obra de fr. Mathias passemos adeante.

*
* *

Fóra da Bibliotheca Volante não faltam subsidios para se fallar de toiradas nos seus traços particulares, ha muitas relações interessantes das festas que se celebravam em honra da familia real; desde o seculo XVII que as toiradas substituiam os autos de fé ou se realisavam a par d'estes actos, e nas mesmas praças; é, portanto, superfluo mencionar, passo a passo, o que as descripções d'essas festas nos dizem, basta estabelecer estes diversos planos, descrevendo toiradas reaes, municipaes e particulares, comparando as toiradas em Hespanha com as toiradas em Portugal, finalmente, delineando o quadro, nos seus traços geraes.

Entendemos, porem, que se tornava necessario, para que os generos a que alludimos se conheçam por completo, ir buscar a uma collecção intitulada *Opusculos Varios*, tambem existente na Bibliotheca Real do Paço de Mafra, o que se diz ácerca d'uma toirada na cidade d'Angra, no opusculo «Jubilos festivos, epanaphora angrarense. Na qual se relatam as reaes festas que, com obsequioso culto e generosa fidelidade, fizeram os cavalleiros da muito nobre e sempre leal cidade de Angra, da ilha Terceira de Jesus Christo, pela restaurada saude da preciosa vida da fidelissima magestade do nosso augusto soberano, o senhor D. José I, rei de Portugal, nosso senhor, escripta por um socio dos mesmos reaes obsequios e natural da mesma cidade.—Lisboa, na officina de José Filippe — Com as licenças necessarias — Anno de 1760.»

Vamos assistir a uma toirada nos Açores :

«Na tarde do dia 15 do mesmo mez (Junho de 1759), se tornou a vêr na mesma praça igual numero de pessoas que na primeira, para applaudirem o torneio dos toiros que se haviam correr a cavallo, via-se o mesmo ornato, porem de mais uma grande numerosidade de magnificos palanques em que a grandesa generosa ostentou o bizarro e o custoso; tinham os olhos o mesmo emprego que nem por ser repetido era desagradavel o lindo de tanta variedade de objectos. Limite-se, pois, o desvanecimento soberbo da Roma antiga com o apparatoso assombro de seus amphitheatros pasmosos que o de que refiro o magnifico lhe excede no excellente e no admiravel.

Eram os cavalleiros, que haviam tornear, já aqui nomeados: o primeiro, João Pereira de Lacerda, sargento-mór da cidade, e o segundo, Francisco Pereira de Lacerda, seu irmão, capitão de infanteria, tão insignes na cavallaria e arte de toirear que pódem ser exemplo aos mesmos inventores de tão nobres exercicios; tão bizarros, tão dextros e tão fortes cavalleiros, que poseram na corrente do Lethes as memorias dos Magriços e dos Abranches.

Feitas as primeiras cerimonias, para este acto, sahiu o primeiro cavalleiro, com verdades de Narciso e gladiador bizarro; vestia de branco e verde, com bordaduras tão ricas como excellentes; montava um generoso cavallo ricamente ajaezado e tão lindo como cortez, porque levou, n'esta entrada, tão dextro o manejo das cortezias como, a mão que o governava, primores. Acompanhavam-n'o dezaseis capinhas e varios creados da estribeira, todos tão aceados, como requeria o primoroso capricho de seu amo, que sahiu a mudar de cavallo, attrahindo tanto a si a attenção dos circumstantes que passara a excesso, a não lhes suspender, o seu extase, a entrada do segundo cavalleiro, a quem se continuou a attenção com igual respeito.

Vinha este vestido de branco e encarnado e nada inferior nas bizarrias, ao primeiro, pois só faltava, para igualal-o, a precedencia nos annos; montava em um cavallo tão generoso como soberbo e tão ricamente ajaezado como grave no mais cortez exercicio, emfim, governado pela mão do mais insigne cavalleiro; deu a sua entrada com iguaes primores, e, tambem, acompanhado de desasseis capinhas, não entrando n'este numero os creados da estribeira, nada inferiores e tão aceados como os primeiros; acabada esta cerimonia politica, sahiu a mudar de cavallo e, entrando junto com o primeiro cavalleiro, tomou cada qual o seu logar.

Posto cada um ao seu lado da praça, ou no seu castello, sahiu, ao som de varios instrumentos, o primeiro toiro; era grande o

bruto, porem, maior do que elle a sua bravosidade; correu se ou torneou-se fazendo n'elle, ambos os cavalleiros, lindas sortes até que, cançado, por ferido, se fez signal para segundo.

Veio este, inculcando no semblante a ferocidade e, como creado á lei da natureza, sem mais respeito do que o que aprendera das incultas brenhas, emfim animal indomito; deu-se tanto a perseguir o segundo cavalleiro e este a empregar bem empregados garrochões, que o bruto, por mui sangrado, mais feroz, tomando campo, de bem longe, pareceu um raio que contra o cavalleiro se despedia, o qual tão socegado o esperava com uma choupa, como se não contendera com uma féra. D'este encontro, magoado o cavallo, poz ao cavalleiro, em perigo, pois pareceu queria seguir ao Pegaso, mas livrou se, sem o minimo desaire, tão dextro com valoroso e, posto a pé, com a espada na mão, seguiu o seu offensor e lhe deu alcance com tão forte cutilada, que se lhe quebrou a espada e, indo, porem, com a que lhe ficára, a repetir segunda, já não descarregou o golpe, porque o primeiro cavalleiro lh'o tinha dado, de sórte que não foi necessaria a diligencia dos capinhas nem dos cavalleiros todos que, a este tempo, se desciam ao duello, pois, por bem cortado dos dois golpes, já o tinha rendido a seus pés.

Sahiu, finalmente, o bruto despojo, da praça, quando, pareceu, tinha entrado para seu algôz e appareceram os cavalleiros, em differentes cavallos, que vinham a continuar o seu torneio; correram-se muitos e morreram quasi todos, porque nenhum dos brutos, ainda que não sem igual fereza e valentia, pôde aturar mãos tão pesadas, pois não eram precisos segundos onde chegavam os primeiros golpes Emfim, lindas sórtes, admiraveis destrezas e regio festejo.»

Aqui está como a nobresa d'Angra celebrou, entre festejos d'outro genero, o que estava no espirito da epocha ser um acontecimento *plausivel.*

Não tem dansas nem carros, este typo de toiradas, é mais cavalheiresco e menos burlesco, copía as toiradas reaes em Portugal.

Vamos mais alêm, ao Brasil. No mesmo volume d'*Opusculos Varios,* lê-se na «Epanafora festiva ou relação summaria das festas com que na cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil, se celebrou o feliz nascimento do serenissimo principe da Beira, nosso senhor. — Lisboa, na officina de Miguel Rodrigues, impressor do eminentissimo cardeal Patriarcha.— 1763.— Com as licenças necessarias.»

«Começaram, depois, os espectaculos, e teve primeiro logar o dos toiros, esse barbaro resto dos amphitheatros romanos que as nações de Hespanha religiosamente conservam para desempenho nas suas maiores festas.

A simetria do curro, a disposição e atavio dos palanques e apparato da acção, tudo era soberbo. Doce melodia de cantilenas e o acordado effeito de tanto instrumento musico, formaram o alegre preludio de uma scena tragica; porem, indo-se á manobra principal, como por creação do paiz, são mansos os bois, apesar da arte dos cavalleiros e da perseguição dos capinhas, em funcção de toiros não se verão toiros; continuaram-se, com tudo, por mais dias, interpolladamente, e certo que a magestosa pompa de que se serviam bastava a encher com gosto o divertimento de muitas tardes.»

Nos outros dias jogava-se a argolinha, mais divertido que as toiradas que não se acclimaram, por esse tempo, na America portuguesa.

Ficam, assim, estabelecidos os parallellos e feita a critica das diversas fórmas que as toiradas tomaram entre os portuguezes; a quem fizer a historia d'este genero de divertimento compete a relação minuciosa, para a qual lhe servirá, naturalmente, o que aqui fica escripto e muito bons elementos a que já nos referimos.

IV

Convem notar aqui, a respeito de toiradas, o que informam, durante cinco seculos, algumas chronicas e documentos que não conteem lei.

Diz Rodrigo Mendes da Silva, no seu *Catalogo Real* (Madrid 1656), a fl. 49 «No anno de 1100 começaram a correr-se toiros nas festas publicas, em Hespanha».

Nas Inquirições de 1258 encontra se o seguinte, (Liv. III de Inquirições de D. Affonso III, fl. 127 v.) citado por Herculano (Vol. III, pag. 376, nota 1) e por Gama Barros (Tom. I, pag. 425, nota 5), transcripto, annotado e enviado para este trabalho, a nosso pedido, por Pedro A. d'Azevedo, a quem muito o agradecemos:

«Martinus Gonsalui prelatus de Almacaue (Almacave é proximo ou, antes, dentro de Lamego), dixit quod de isto campo in quo modo sunt iste Almonie (almoinhas) solebat dominus Rex Sancius auus istius Regis mactare suos tauros et currere caballos et ambulare et ludere».

Este documento demonstra que el-rei D. Sancho I era um bom cultor dos divertimentos a que D. João I chamava *manhas*, no seu *Livro de Montaria*, segundo o costume do seu tempo, e hoje se chama *sport*. No campo das almoinhas, corria a cavallo, passeava, jogava e toireava; no fim do seculo XII, principio do seculo XIII, segundo o depoimento de Martinho Gonçalves, feito uns cincoenta annos depois, de grande valor para apreciar o

caracter de Sancho I e interessante na historia das toiradas, porque fixa o que é conhecido ácerca d'este genero de divertimento na Peninsula, depois do dominio arabe.

Nas mesmas Inquirições, feitas no julgado do Boiro, (Apud *Port. Mon. Hist.*, Inquisitiones, vol. I pag. 421) encontra-se mencionado, em Santiago de Villela, um «Casal dos Touros».

Nos festejos que, em 1451, se fizeram em Lisboa, a proposito do casamento de D. Leonor, irmã d'el-rei D. Affonso V, com o imperador Frederico (Ruy de Pina, *Chronica de D. Affonso V*, nos Ineditos, cap. CXXXI, in fine) «depois das justas houve toiros».

Nas, já citadas, festas d'Evora, em 1490, celebrando o casamento do principe D. Affonso com D. Isabel, filha dos reis da Hespanha unida, as primeiras festas imponentes de que falla a Historia, em Portugal (Ruy de Pina, *Chronica de D. João II*, nos Inéditos, cap. XLVII) «houve na praça da cidade e ante os paços d'el-rei, per muitas vezes, muitos toiros». Fallando d'isto diz Garcia de Resende (*Chronica de D. João II*, cap. CXXIV) «houve na praça da cidade e no terreiro dos paços, muitas vezes, muitos toiros, com muitos galantes a elles». Vê-se bem que um copiou o que outro disse; o processo de fazer chronicas semelhava-se muito ao processo moderno de fazer jornaes. E' tal a exactidão que não se póde argumentar com a producção simultanea das mesmas imagens em cérebros differentes.

As constituições da Guarda, feitas em 1500, referem (Gama Barros, tom. I, pag. 528) que eram vulgares as toiradas e que costumavam correr toiros nos adros das egrejas «garrochando-os ou alanceando-os »

No *Corpo Chronologico* (Part. I, m. 9, n.º 33) encontra-se um documento citado (*Revista de Engenheria Militar*, 6.º anno, n.º 10, pag. 471, nota 4), transcripto e enviado para este trabalho, a nosso pedido, por Pedro A. d'Azevedo, a quem o agradecemos muito:

«Senhor temos vomtade de fazer na Ribeira desta çidade hũua picota dalgũua culuna de marmore que seja muyto bõoa porque de paao cada dous annos á mester hũua nova e he cousa que nõ avullta nada e cada tormenta ou correr de touros he desmanchada.»

Este documento, datado de 12 de julho de 1510, demonstra que já nos fins do seculo XV, pelo menos, se corriam toiros no Terreiro, ao depois chamado, do Paço.

As constituições de Lisboa, feitas em 1536 referem (Gama Barros, tom. I, pag. 528, nota 4) o mesmo que fica dito ácerca das constituições da Guarda.

Prohibidas as toiradas, em 1 de novembro de 1567, por Pio V,

el-rei D. Sebastião, despreza, justamente, este entremettimento da egreja nos velhos costumes nacionaes: «De Evora, e acompanhado do Infante D. Duarte, Duque de Aveiro, do Alferes mór, de Christovam de Tavora, D. João de Castro e D. Francisco de Portugal, primogenito do Conde de Vimioso, sahiu El-Rei a vêr os principaes logares do Alemtejo e do Algarve, no dia 2 de janeiro de 1573, todos a cavallo; e foram, n'aquelle dia, a Viana, no outro foram a Béja, aonde, no domingo 4 do mesmo janeiro, correram toiros, já com as pontas cortadas, o que até'li não usavam; e estes foram os primeiros que se correram em Portugal, depois da prohibição do glorioso Pontifice S. Pio V, porque o successor, Gregorio XIII, tornou a permittil-os á instancia d'ElRei; mas, com duas condições: a primeira, a das pontas cortadas; a outra, que só os correriam na presença d'El-Rei; ao depois, no governo de Castella, se facilitou a barbaridade ao estado que vêmos, devendo ser desterrada do Mundo, para sempre.»

Assim diz fr. Manuel dos Santos (*Historia Sebastica*, pag. 279) que, certamente, approvava as torturas e as queimas feitas pela Santa Inquisição, em nome do Deus representado por esses mesmos papas.

A concessão de Gregorio XIII foi feita em 25 d'agosto de 1575, e em 24 de junho d'esse anno: «Para divertir os pensamentos d'ElRei D. Sebastião, totalmente occupados na jornada de Africa, inventou, a cidade de Lisboa, umas festas em o Terreiro do Palacio da Rainha D. Catharina, situado junto do convento de Xabregas. Aplainado o campo e entulhada de lenha e terra, aquella parte que levava o Tejo, se edificaram, com primorosa architectura, palanques de tres sobrados, cobertos de preciosas sedas. Deputou-se para tão festivo espectaculo o dia 24 de junho, dedicado ao culto do precursor de Christo, ao qual assistiram a Rainha D. Catharina, a Infanta D Maria e todos os tribunaes, distribuidos conforme as suas graduações.

Começou por um jogo de canas, composto dos principaes cavalheiros, vestidos, uns como africanos, e outros como europeus, e montados todos sobre soberbos cavallos preciosamente ajaezados. Entre todos se distinguiam ElRei e o Senhor D. Antonio, filho do Serenissimo Infante D. Luiz, mantenedores d'este fingido combate, em que felizmente se praticaram as investidas e retiradas de uma verdadeira batalha.

Sahiu ElRei, acompanhado do Senhor D. Antonio e o Duque de Aveiro, a proseguir segundo combate com os toiros, e, posto que eram ferozes, tal era a agilidade e destreza com que lhe fazia as sórtes qne mereceu acclamações de todos os espectadores, muito mais plausiveis com o armonico estrondo de diver-

sos instrumentos que occupavam a circumferencia da praça.» (Diogo Barbosa Machado, *Memorias para a historia d'elrei D. Sebastião*, tomo IV, pag. 8 e 9).

Assim se demonstra que a revogação da bulla de Pio V significa, apenas, uma das costumadas fórmas da politica vaticana: conceder o que não é possivel prohibir; d'aqui, assignala o triumpho memoravel d'esta maneira de divertimento, tão apreciada que levava os chefes d'Estado a rasgarem, pessoalmente essas bullas, desprezando as excommunhões n'esse tempo consideradas.

A *Relation de la cour de Portugal sous D. Pedre II. A present regnant. Avec des remarques sur les intérêts de cette couronne par rapport aux autres souverains; et l'histoire des plus considerables traitez, qu'elle ait faits avec eux. — Traduite de l'anglois.* «(Amsterdam, chez Thomas Lombrail marchand libraire, dans le Beurs-straat 1702)», tom. I, pag. 9-13, refere que este rei constumava, no seu paço d'Alcantara, divertir-se, «frequentes vezes, no seu exercicio favorito que é correr a cavallo, com a lança, o toiro; fazendo isto com destreza e acerto admiraveis. Não se contenta com expôr-se, a cavallo, contra um animal furioso, attaca-o, muitas vezes, a pé.» Havia trincheiras falsas para onde o rei saltava; ás vezes, era colhido pelo toiro e, então, todos os assistentes lhe acudiam. «Vê-se, n'estes recontros, a primeira nobresa, apressada, em volta do toiro, agarrando-o, cada um, por onde póde, pelos cornos, pelo cachaço, pelo rabo.» Foi a rainha quem o apartou d'estes exercicios, tomando tal interesse que «quando sabia que o rei se exercitava n'uma tal coisa, mettia-se, immediatamente, no coche e corria a Alcantara; logo acabava o divertimento.»

O rei assistia ás toiradas publicas. «E' um antigo uso, sempre observado, dár a Camara de Lisboa, ao povo, o divertimento da corrida dos toiros, em honra de Santo Antonio, filho e padroeiro da cidade, ou em signal de gratidão pelo nascimento d'um infante ou d'uma infanta; motivo ou pretexto que o rei fornece, desde certo tempo, quasi todos os annos.» Estas corridas rendiam muito dinheiro do custo das trincheiras que se construiam em volta do Terreiro do Paço. «Para o rei ha um camarote, fóra d'uma das janellas do paço, onde está sentado durante o espectaculo, com a rainha e os principesinhos; tendo, junto de si, um gentil-homem que recebe as suas ordens e que as transmitte por outra janella, para dirigir o cavalleiro e a respeito do que se deve fazer com os toiros. Ainda que o rei esteja sentado durante todo o espectaculo, affeiçoa-se-lhe tanto, que, aquelles que estão por debaixo d'elle, o ouvem, algumas vezes, applaudir o cavalleiro, quando deu algum golpe

certeiro; e o que sahe com honra, do combate, é recebido por Sua Magestade, no dia seguinte, da fórma mais gentil e captivante, e póde contar com as suas mercês.»

O povo lamentava-se de que o rei cançava os toiros em Alcantara, sob pretexto de os experimentar, de maneira que poucos podiam defrontar o cavalleiro, na praça. Tambem, o rei costumava mandar recolher os toiros mais bravos para se divertir, em Alcantara, com elles; isto era motivo de descontentamento popular.

Além d'isto, notâmos por interessante lêr o que, a respeito das toiradas dadas na segunda metade do seculo XIX, em Portugal, está publicado na revista *Les Matinées Espagnoles* e no livro *Portugal — Recordações do anno de 1842,* pelo Principe Lichnowsky.

E', sempre, conveniente, em estudos d'esta naturesa, estabelecer estes marcos milliarios que limitam no espirito a evolução d'um costume.

*

* *

As citações e os documentos que conteem lei, ácerca das toiadas, deduzem-se d'esta maneira:

Sob o titulo: «Qui feriere bove aut bacca» estatue-se, nos «Costnmes e foros de Alfaiates» (1158-1230), apud *Port. Mon. Hist.*, Leges et Consuetudines, vol. I, pag. 810:

«Toto homine qui ferire bove aut baca aut alio ganado alieno pectet IIII morabitinos si firmare potuerit firmare (*sic*), sin autem iuret cum IIII^or^ et el V^o^: si lo matare dê lo duplado si potuerit firmare, sin autem iuret cum IIII et el V.»

Tem uma importancia parcial.

Fallando dos anniversarios da familia real diz o auctor da *Description de la ville de Lisbonne où l'on traite de la cour de Portugal, de la langue portugaise et des moeurs des habitans; du gouvernement, des revenus du roi, et de ses forces par mer et par terre; des colonies portugaises et du commerce de cette capitale.* «(A Paris, chez Pierre Prault, Quay de Gesvres, au Paradis. 1730. Avec approbation et privilege du Roy.)» a pg. 87-88:

«N'outro tempo celebravam-se estas festas com toiradas, que duravam muitos dias, mas foram supprimidas, nos fins do ultimo reinado, pela auctoridade da rainha.

O rei D. Pedro, seu marido, tinha uma força extraordinaria e tomava por divertimento, n'estas occasiões, ir agarrar um toiro pelos cornos e deital-o ao chão; por isto, a rainha, temendo, com razão, que lhe acontecesse alguma desgraça, tanto fez

que obteve d'elle a prohibição d'estas toiradas; e, agora contentam-se com dal-as quando nascem principes e princesas.»

O amôr da rainha deu, naturalmente, causa a estas providencias de D. Pedro II:

Em Lisboa, 14 de sembro de 1676, ordenou, el-rei D. Pedro II, ao senado da camara d'esta cidade e a todas as auctoridades do Reino que não permittissem corridas de toiros com pontas inteiras; (Collecção dos decretos e cartas, appensa ás Ordenações, pag. 470). Em Lisboa, 28 d'agosto de 1684, mandou, o mesmo rei, proceder contra as auctoridades de Santarem, Aldêa Galega e Loures, que consentiram corridas de toiros sem as pontas cortadas; (Ibidem). Em Lisboa, 24 de fevereiro de 1686, é renovada esta ordem pondo-se penas aos infractores; (Collecção das leis extravagantes, ibidem, pag. 373). Em Lisboa, 20 de setembro de 1691, mandou o mesmo rei publicar, outra vez, a mesma ordem, palavra por palavra, accrescentando-a da fórma que se vae vêr, em italico:

«Dom Pedro por graça de Deus, etc. Faço saber aos que esta minha lei virem que sendo-me presente que em muitas partes d'estes meus reinos e senhorios se correm toiros em algumas festas e sendo a introducção d'esta celebridade permittida em occasiões de gosto, tem mostrado a experiencia que de se não cortarem as pontas aos toiros succedem muitos ferimentos e mortes inopinadas, tanto em prejuiso do bem publico e serviço de Deus e do meu e ainda contra o mesmo fim para que se introduziram as ditas festas; e querendo atalhar os riscos que d'aqui se seguem por não servirem atégora de sufficiente remedio as ordens que sobre este particular mandei passar, por se experimentarem, cada dia, os mesmos damnos; desejando eu evital-os por todos os meios possiveis e que as taes festas que, n'estes meus reinos e senhorios, por costume antigo se introduziram em demonstração de alegria e para divertimento publico dos povos, não sejam motivo para experimentarem meus vassallos em semelhantes occasiões o menor prejuiso; Hei por bem e mando que, d'aqui em deante, em qualquer parte d'estes meus reinos e senhorios, nenhumas pessoas de qualquer qualidade e preeminencia que sejam, consintam nem mandem correr toiros, sem primeiro lhes mandarem serrar as pontas em fórma conveniente que se conheça não possam fazer damno algum; *e, correndo-se os mesmos toiros no anno seguinte, se lhes tornarão a cortar as pontas de novo, sem embargo de se lhes haverem cortado no anno antecedente; e tantas vezes se correrem os mesmos toiros, lhes serão sempre cortadas as pontas, na mesma occasião que se quizerem correr;* e as pessoas que assim o não fizerem, sendo nobres, pagarão, pela primeira vez, cem cruzados e pela segun-

da e mais vezes, a mesma pena em dobro; e não sendo pessoa nobre pagará, pela primeira vez, cincoenta cruzados da cadêa, onde estará quinze dias; e pela segunda e mais vezes terá a mesma pena em dobro» etc. (Ibidem).

D. Pedro II ainda renovou estas ordens, em 1698.

Fernandes Thomaz, *Repertorio*, tom. II, pag. 381, e Sousa, *Esboço*, tom. II, pag. sem numero, referem-se a uma carta regia, de 26 d'agosto de 1767, declarando ao bispo de Coimbra «que lhe não competia prohibir a corrida de toiros, nem, por esse motivo, impedir uma festa votiva da camara de Abiul.»; segundo a redacção do ultimo auctor citado.

Esta reprehensão, dada pelo famoso Marquez de Pombal ao bispo de Coimbra e conde d'Arganil, mostra claramente que o Marquez considerava as toiradas intrinsecas na sentimentalidade portuguesa e que julgava impossivel prohibil-as; assignalando bem o seu altissimo talento e contrariando as asserções romanticas, ao depois feitas a seu respeito, a proposito de corridas de toiros.

Os fins revoltosos do seculo XVIII e os principios reaccionarios do seculo XIX restringiram as corridas de toiros; a policia perseguia os toireiros, segundo se vê nas informações da Intendencia, e D. João VI, em aviso de 7 de julho de 1809, prohibia que se fizessem toiradas sem sua especial licença; era talvez dictado pelos frades de Mafra.

As toiradas, depois de triumpharem do governo de Roma, triumpharam do governo de Portugal, e este foi de muito maior alcance; aqui estão os documentos:

«Considerando que as corridas de Touros são um divertimento barbaro e improprio de Nações civilisadas, e bem assim que semelhantes espectaculos servem unicamente para habituar os homens ao crime e á ferocidade; e Desejando Eu remover todas as causas que podem impedir ou retardar o aperfeiçoamento moral da Nação Portugueza: Hei por bem Decretar que d'ora em diante, fiquem prohibidas em todo o Reino as corridas de Touros. O Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido e faça executar. Palacio das Necessidades, em dezenove de Setembro de mil oitocentos trinta e seis. = Rainha. = *Manuel da Silva Passos.*»

(*Diario do Governo*, n.º 223, de 1836).

Tal era a rasão de ser d'este ukase, tão mal dissimulado na explicação de supprimir «um divertimento barbaro e improprio de nações civilisadas», quando ainda existia a pena de morte e a escravatura nas colonias portuguesas, verdadeiro incentivo «para habituar os homens ao crime e á ferocidade», que só vigorou no outomno, no inverno e na primavera, durante o tempo

em que não ha toiradas; no *Diario do Governo*, n.º 153, de 1837, lê-se, na primeira columna:

«Dona Maria por Graça de Deus, e pela Constituição da Monarchia, Rainha de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem Mar, em Africa etc. Faço saber a todos os Meus Subditos que as Côrtes Decretaram, e Eu Sanccionei a Lei seguinte:

As Côrtes Geraes, Extraordinarias, e Constituintes da Nação Portugueza Decretam provisoriamente o seguinte:

Artigo unico. Fica revogado o Decreto de dezenove de Setembro do anno proximo passado e todas as mais Leis que prohibem as corridas de touros, salvos os Regulamentos Policiaes a que ficam sujeitas, como qualquer outro Espectaculo Publico.

Portanto, Mando ás Authoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e executem tão inteiramente como nella se contêm. O Secretario d'Estado dos Negocios do Reino a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palacio das Necessidades, em trinta de Junho de mil oitocentos trinta e sete. = A Rainha com Rubrica e Guarda. = *Antonio Dias de Oliveira.*

Carta de Lei, pela qual Vossa Magestade Tendo Sanccionado o Decreto das Côrtes Geraes, Extraordinarias e Constituintes da Nação Portugueza de vinte e sete de junho de mil oitocentos trinta e sete, que provisoriamente revoga o Decreto de dezenove de Setembro de mil oitocentos trinta e seis, e todas as mais Leis que prohibem as corridas de touros, É Servida Mandar executar o mesmo Decreto. = Para Vossa Magestade vêr. = *João Antonio Ferreira de Passos* a fez.»

Em 21 d'agosto de 1837, quasi dois meses depois de ser assignada a carta de lei que desfazia o decreto pouco antes publicado e restabelecia as toiradas, assignava a Rainha, no Paço das Necessidades, outra carta de lei, subscripta por Julio Gomes da Silva Sanches, estabelecendo:

«Artigo 1.º As corridas de toiros que tiverem logar em Lisboa, e que não forem gratuitas, sómente poderão ser dadas pela Casa Pia da mesma Cidade.

Art. 2.º Em qualquer outra terra do Reino, onde o referido espectaculo produzir algum rendimento liquido, será este applicado em beneficio das Misericordias, ou de qualquer outro Estabelecimento Pio do respectivo Concelho.

Art. 3.º Fica revogada toda a Legislação em contrario.»

(*Diario do Governo*, n.º 198, de 1837).

Em 28 d'agosto de 1855 foi prohibido, aos officiaes e soldados, que toireassem.

A'cerca da conducção dos toiros, até á praça, são notaveis duas portarias e um edital.

Diz assim a primeira portaria, publicada no *Diario do Governo* n.º 116, de 1845:

«Terceira Direcção.=Primeira Repartição.=Constando que frequentemente se tem conduzido de dia, pela estrada de Loures, Lumiar e Campo Grande, até á Capital, varias manadas de touros, e que no seu transito tem occasionado differentes prejuisos e males, atropellando e attacando as pessoas que transitam pela mesma estrada; e sendo necessario obviar a semelhante abuso, do qual podem resultar mui graves consequencias: Manda Sua Magestade a Rainha, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, que o Governador Civil do Districto de Lisboa, dê, immediatamente, as mais terminantes ordens, para que a conducção das referidas manadas pelos indicados sitios, ou por quaesquer outros dos suburbios da Cidade, só tenha logar durante a noute, como era a antiga pratica, e com as cautellas que são do estylo; procedendo, em caso de desobediencia, contra os contraventores d'esta Real Ordem, e fazendo-os autoar e relaxar ao Poder Judicial a fim de serem punidos como de direito fôr, e de responderem pelos damnos que a mesma desobediencia motivar. Paço de Belem, em 17 de Maio de 1845. =*José Bernardo da Silva Cabral.*»

Diz o seguinte a segunda portaria, publicada no *Diario do Governo*, n.º 171, de 1857:

«3.ª Direcção. — 1.ª Repartição. = Constando n'este Ministerio, que, por occasião da vinda do gado bravo para as corridas na praça do Campo de Santa Anna, se praticam toda a sorte de tropelias, não só por parte dos curiosos que vão esperal-o, mas por muitos individuos nas ruas do transito, a fim de se extraviarem os bois da manada, e se disseminarem isolados pela capital, com o que se ha dado logar a muitos sinistros, e a pôr em risco a vida de pessoas, que desprevenidas se recolhem a suas casas, como aconteceu com a manada que ultimamente foi conduzida á dita praça, de que proveiu não só o risco de vida de um soldado de cavallaria da guarda municipal, mas prejuizo para a Fazenda publica, com a morte do cavallo que elle montava, e que um dos bois extraviado estripou; chegando a impudencia e excesso dos provocadores de semelhante desordem, a ponto de lançarem bombas ao gado, e até a fazerem rastilhos de polvora com fogo de estallo nas ruas e nas estradas; e devendo acabar por uma vez tão reprovado e nocivo brinquedo, de que podem resultar mui graves consequencias: Manda Sua Magestade El-Rei que o Governador civil do districto de Lisboa, pelo que respeita aos factos acontecidos quando veiu o gado bravo para a ultima corrida na indicada praça, faça proceder ás mais minuciosas e exactas averiguações poli-

ciaes, para se descobrirem os culpados e serem autúados e relaxados ao Poder judicial, para os punir conforme o direito; e pelo que toca ao futuro, que faça rondar incessantemente por escoltas de cabos de policia, nas noites em que tiver de entrar alguma manada para as ditas corridas, todas as ruas do transito desde as portas da cidade até á mencionada praça, pelo espaço de tempo rasoavel e necessario até ser recolhida; não consentindo ajuntamentos n'ellas, e menos ainda provocações, de qualquer natureza que sejam, para espantar os bois; apprehendendo os mesmos cabos em flagrante os que contravierem esta Real Ordem, ou dando parte ao Administrador do respectivo bairro, quando os não possam apprehender, a fim de os autuarem e relaxarem ao Poder judicial para os effeitos devidos. Paço, em 21 de Julho de 1857. = *Marquez de Loulé.*»

Por uma coincidencia das que sempre se estão vendo, sahiu do paço, onde está a Bibliotheca Volante, em 1860, o seguinte decreto que se encontra no *Diario de Lisboa* n.º 200, d'esse anno:

«Direcção Geral de Administração Civil — 3.ª Repartição — 1.ª Secção — «Attendendo ao merecimento e mais partes que concorrem na pessoa de *Antonio Cabral de Sá Nogueira*, antigo deputado da nação portugueza: hei por bem nomea-lo para o cargo de governador civil do districto de Lisboa, vago pela exoneração concedida, por decreto d'esta data, ao conde de Paraty

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço de Mafra, em 1 de setembro de 1860 = Rei. = Marquez de Loulé.»

Este governador civil assignalou a sua gerencia com o edital acima referido, (*Diario de Lisboa*, n.º 111, de 1861) importante para a pragmatica da conducção do gado até á praça; convem transcrevel o, tambem, por extenso:

«Governo Civil do Districto de Lisboa — Edital -- *Antonio Cabral de Sá Nogueira*, governador civil do districto de Lisboa.--Tendo-se repetido com frequencia o caso de ficarem maltratados os viandantes inoffensivos pelos touros que se tresmalham durante a conducção do gado bravo, destinado para as corridas na praça do campo de Santa Anna, provindo quasi sempre estes desastres da concorrencia de individuos estranhos, que costumam ir ao encontro do gado, e acompanha-lo no seu transito; e sendo de necessidade prevenir que se renovem taes occorrencias, prejudiciaes á segurança publica, e incompativeis com a boa policia; usando das attribuições que me confere o artigo 227.º § 1.º do codigo administrativo, determino o seguinte:

1.º E' prohibido a quaesquer individuos, estranhos á conducção do gado, acompanharem este desde a ponte de Friellas até á entrada na praça.

2.º Os que contravierem esta disposição serão presos, e conduzidos á auctoridade administrativa, para serem depois de autoados entregues ao poder judicial, e ahi processados correccionalmente, como desobedientes aos mandados da auctoridade.

E para que chegue ao conhecimento de todos, e se não allegue ignorancia, mandei publicar o presente, que será affixado nos logares do costume.

Lisboa, 16 de maio de 1861. = O governador civil, *Antonio Cabral de Sá Nogueira* »

Tendo, assim, merecido um logar n'este estudo, deixou o governo (*Diario de Lisboa*, n.º 147, de 1861), precedendo este decreto:

«Direcção Geral de Administração Civil — 3.ª Repartição — 1.ª Secção. — Attendendo ao que me representou *Antonio Cabral de Sá Nogueira,* deputado ás côrtes: hei por bem conceder-lhe a exoneração que me pediu do cargo de governador civil do districto de Lisboa, para que fôra nomeado por decreto de 1 de setembro de 1860, e cujas funcções desempenhou com intelligencia e zêlo.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 4 de julho de 1861. = Rei. = Marquez de Loulé.»

Depois do Marquez de Pombal, que, já fica demonstrado, favoreceu as corridas de toiros, reconhecendo-as o melhor divertimento da Peninsula, ligaram o seu nome á legislação ácerca das toiradas:

Antonio Cabral de Sá Nogueira
Antonio Dias d'Oliveira
José Bernardo da Silva Cabral
Manuel da Silva Passos
Marquez de Loulé

V

DISSEMOS no começo d'este estudo ácêrca das toiradas, no seu melhor desenvolvimento, antes de chegarem a constituir uma arte definida, como succede actualmente, que os divertimentos servem de documento para se avaliar a civilisação de um povo; apresentámos varios argumentos, a proposito, e deixámos para agora o melhor de todos que intimamente se refere aos nossos costumes, é este:

— Em Portugal, onde não existe a pena de morte, as toiradas são um divertimento em que não ha morte.

Em Hespanha, onde existe a pena de morte, as toiradas são um divertimento em que morrem toiros e cavallos.

Assim, deu-se um phenomeno social digno da maior attenção: as toiradas desenvolveram-se em Hespanha, Portugal recebeu-as d'esse paiz e não as soube imitar; confundindo-as com a Santa Inquisição e com os cultos lithurgicos, apaixonou-se por ellas e sacrificou-lhe a sua melhor nobresa e a propria realesa; depois, veiu a Revolução, acordou do lethargo em que a dominação filippina o tinha sepultado e, só, o Marquez de Pombal, não poude arrancal-o; reviveu o genero antigo, dispertou a nacionalidade, quasi perdida e caractarisou-se nas toiradas, dando-lhe a fórma que hoje teem, fórma que nunca devem perder que é um crime anti-patriotico alterar; fórma que significa a nobresa do caracter portuguez, a delicadesa do sentir nacional.

Este paiz que já não tem originalidade no theatro, tendo a tido como nenhum outro, que perdeu a noção das artes, em que foi primoroso, que não respeita as instituições governativas, porque as não sabe manter com a propria força que essas instituições lhe garantem; este paiz foi o mais poderoso e é, hoje, o mais desgraçado, exactamente por esta causa, e não tem um povo que mantenha intactas as conquistas quasi sobre-naturaes dos antigos portuguezes; este paiz encontra-se original no seu melhor divertimento: as toiradas. Honra lhe seja, e por muito tempo as conserve *á portuguesa*, demonstrando que, ao menos na fórma de se divertir, sabe conservar intactos os seus nobres instinctos.

Já não nos succedeu tão bem com a litteratura. A litteratura portuguesa decahiu muito nos ultimos tempos; teve um grande periodo de decadencia, desde a queda da nossa authonomia, em Alcacer-Kibir, até á Revolução, subiu muito com Herculano e com alguns que lhe seguiram as pisadas, e veio decahindo até mergulhar nos pantanos do realismo onde se envenenam com enthusiasmo, todas as classes d'estas sociedades decadentes; os mestres d'essa escola são, quasi todos, homens de talento que pretendem tornar-se originaes sem se importar com a critica futura, põem de parte as concepções geneaes, que dominam a obra de Victor Hugo, e vão buscar aquillo que a todos se esconde, porque é a parte miseravel d'esta existencia; crê, em fundar escola e crear adeptos, melhor diriamos: fundamentar a corrupção; felizmente, já caminharam o que tinham a transpôr, só lhes resta voltar ou desapparecer. A licção que a veneranda Academia Francesa deu a Zola é uma gloria para a França, que ha-de desculpar os escandalos politicos e financeiros, aos olhos dos que vierem em melhores tempos.

A Allemanha, a Inglaterra e todos os paizes que estão isentos do sangue latino livraram-se d'essa litteratura.

Nos povos reflectidos, Ibsen teve a verdadeira comprehensão do problema social e soube crear uma fórma litteraria semelhante á de Victor Hugo, porque tende a melhorar a sociedade; a esses, sim, a esses é que a sociedade deve o seu culto e não aos que se comprasem em trazer á luz o que se fez para as trevas, e d'isso não tiram proveito para que melhore, antes a arruinariam se a escola triumphasse.

Todo o homem que trabalha por uma idéa justa é um homem benemerito, ainda que seja imperfeito na fórma, como foi Victor Hugo; todo o homem que se prende na fórma e não tem idéa, ou a tem injusta, é um homem inutil ou perigoso.

A idéa caracterisa o genio; o genio é o saber dispôr ao serviço d'uma idéa todas as forças, todos os conhecimentos.

Camões poetou como muitos poetas; mas porque se distinguiu? Porque poz tudo o que sabia, todo o seu organismo artistico, ao dispôr d'uma idéa, e essa idéa chama-se: patriotismo.

Cervantes escreveu novellas com muito bons escriptores, e foi um genio porque poz todas as suas energias, tudo quanto sabia, ao dispôr d'uma idéa: ridicularisar a sociedade hespanhola.

Tolstoï, hoje, na Russia é um genio, porque sabe sacrificar-se, porque morre por uma idéa: a liberdade.

Spencer é um genio, porque soube pôr tudo, quanto tinha, ao serviço d'uma idéa: a educação dos seus compatriotas.

Genios foram Gallileu, Copernico, Newton e tantos outros que viveram só para a sua idéa.

Entre nós, fallando da litteratura moderna, quanto se immortalisariam muitos homens de talento que se teem abandonado a suppostos symbolos da arte, produzindo erradas explicações da psychologia, ou adoptando as theorias de Zola que se adaptam perfeitamente ao feitio degenerado da raça portugueza e, por isso, merecem grande applauso nos meios que se julgam intellectuaes; é grande o desserviço que estes homens prestam, a critica futura o apreciará.

Ainda, em Portugal, se poderia levantar a litteratura, com o predominio d'uma idéa justa, que, elevando a intelligencia a outras regiões, esclarecesse o povo e o encaminhasse a um ideal, a um pharol que o salvasse do naufragio em que se esmagarão os descendentes d'esses homens, outr'ora dominadores do Oceano e da maior parte do Mundo por elles mesmos descoberto. A esperança é o melhor estimulo da vida, tenhamos esperança que tal succeda.

*

* *

Ao lado das toiradas, formou-se uma litteratura morbida, como devia ser a que luctasse entre a Inquisição, os jesuitas e o poder absoluto; o dever de bem historiar obriga-nos a deixar n'este estudo uma comprehensão perfeita do que ella fosse.

Já, nos Paizes Baixos, na Allemanha, na Inglaterra e na França, se imprimia maravilhosamente, e ainda, entre nós, a arte typographica estava atrasadissima, melhorando, um pouco, nas officinas dos allemães que vinham estabelecer-se em Portugal; um livro impresso em Portugal conhece-se pelo máu acabamento em relação aos que se imprimiram, ao mesmo tempo, no extrangeiro, especialmente na Flandres. Não admira que, por isto, os folhetos de 8 paginas, uma folha, que se publica-

D. PEDRO II, REI DE PORTUGAL

vam com noticias esquisitas ou verdadeiras, á guisa de jornaes d'hoje, tivessem a acceitação que assegurava lucro aos seus auctores.

Ainda hoje se falla na *litteratura de cordel*, era esta que absorvia as attenções dos que se dedicavam só a saber noticias, como succede com os modernos leitores de jornaes.

As obras de D. Antonio Caetano de Sousa e as *Memorias* da Academia Real da Historia eram pesadas para o vulgo, como, tambem, hoje succede com as obras eruditas d'outros auctores e com as referidas *Memorias*, porque o espirito moderno e o espirito antigo são os mesmos, com leve differença: a melhor comprehensão dos direitos do Homem, que uma classe, formada á guisa da antiga nobresa, tentava ainda reprimir, como se a Humanidade parasse ante os interesses das classes privilegiadas.

O que, d'essa litteratura, encontrâmos coliigido nas collecções da Bibliotheca Real do Paço de Mafra, é d'alto valor para a Historia do seculo XVII e XVIII, refere-se a todas as manifestações da vida nacional e tem, como já dissémos, o valor de manuscripto, porque, lá o diz o seu collector, appareciam e desappareciam com a maior rapidez.

Havendo, na referida bibliotheca, notaveis incunabulos, varios livros illuminados e cêrca de 30:000 volumes, alguns dos quaes raros e rarissimos, nós collocâmos no primeiro logar esta collecção de *folhetos de cordel,* porque nos dá informações dignas do apreço em que temos as que vão n'este trabalho, devido a fr. Mathias da Conceição.

Não é, porem, este o logar em que vem a proposito descrever a riquesa de tal repositorio, só devemos fallar, agora do que, n'este estudo, nos interessa.

*

* *

Quando el-rei D. João II festejou, em Evora, o casamento de seu filho que suppunha herdeiro do throno, com a infanta D. Isabel, determinou que se fizessem umas justas em que entraram os primeiros fidalgos do reino, não faltando el-rei. Os cortejos para as justas formavam-se com os cavalleiros e carros, á maneira que já vimos nas toiradas de 1752 e 1755; todos os cavalleiros traziam emprezas que são bem conhecidas; «El-rei levava por cimeira uns liames de nau, pela rainha D. Leonor, sua mulher, cheios de pedraria ; e dizia a letra:

Estes liam de maneira
Que jámais pode quebrar
Quem com elles navegar.»

Só este lemma immortalisava um cavalleiro, todos os outros os traziam, como se póde vêr no cap. CXXVII da *Chronica dos valorosos e insignes feitos d'el-rei D. João II*, etc.

Quando, em 1581, se celebraram os desposorios do duque de Joyeuse com Margarida de Lorena, n'um dos bailes, que se realisou em outubro d'esse anno, a rainha e as princesas figuravam de naiades e de nereidas e os gentis-homens de tritões. Ao fim do baile, as damas offereceram aos tritões medalhas d'oiro, a cada um a sua, com emblemas gravados e divisas escriptas.

A medalha que a rainha offereceu ao rei, tinha gravado um delphim que nadava em ondas, e, no reverso, este lemma:

Delphinum delphinum rependat.

Em portuguez:

Dou-vos um delphim, esperando que me deis outro.

Na medalha que a duquesa de Nevers deu ao duque de Guise, via-se gravado um cavallo marinho, e

Adversus semper in hostem.

Ou:

Sempre contra o inimigo.

Madame d'Archant, offereceu ao duque de Joyeuse, uma medalha que tinha gravado um ramo de coral, sahindo ao lume d'agua, e a divisa:

Eadem natura remansit.

Traduzido:

Muda em vão, é sempre o mesmo.

E ainda houve outros de menos espirito, como se póde vêr, alêm d'outros sitios, na «Encyclopédie Methodique», no volume que trata da dansa, pag. 325.

Os lemmas e as divisas foram muito usados desde a mais alta antiguidade, e tiveram, sempre, muito interesse na expressão do amôr.

Nas toiradas, que vimos, os lemmas eram recitados, o que lhes dava mais realce, attendendo á humildade de quem os trazia.

Dos versos que distribuiam dos carros, e dos que se faziam para serem vendidos pelos cegos, pouco ha que dizer, alêm de que eram pessimos, ou, melhor, não eram versos; vamos vêr.

N'uma «Nova relação, intitulada: Modos com que os caixeiros furtam aos seus amos e os filhos a seus paes e os estudantes enganam as mães e dos officiaes que hão-de entrar a vêr os toiros, com alguns applausos ás franças que os forem vêr», lê-se:

«Cegos que d'isto viveis,
já que os não podeis vêr,

> fartae-vos, só em vender
> a candonga dos papeis;
> vendei-os todos a dez reis» etc.

Outro, mette-se a fazer *verso solto,* que, bem feito, não se póde acclimar á nossa lingua, quanto mais isto:

> «Amigo, sabeis que vae
> cá pela nossa Lisboa
> muito bacalhau de vento
> e muita mosca por corda».

E' de pasmar o arrojo; acaba com uma decima, segundo lhe chama o auctor, em hespanhol, porque o titulo começa: «Nova relação, verdadeira noticia que um curioso da cidade de Lisbôa mandou a outro de Sevilha, em que lhe dá conta das festas de toiros» etc.

Só val que se transcreva o titulo a «Petição que fazem as lavandeiras ao congresso das danças». Outra: «Novas cantigas das danças para cantarem todas as secias que a ellas vão.» Outra: «Banquete das danças que para a sua das regateiras fravicou (sic) a mestra Brazia Martins» etc. Outra: «Nova relação das supplicas que ao Supremo e Illustre Senado faz o P.e Julião, por bocca das frialeiras» etc.

E, agora, que já démos uma idéa do genero dos titulos, vamos escolher alguma composição que tenha interesse.

N'um «Mappa curioso das vistosas entradas e danças que hão-de preceder aos combates de toiros» lê-se:

> «Em segredo, o cavalleiro
> se guarda, porque se note
> que ha-de ser D. Quixote
> ou Sancho, seu escudeiro.
> Se andante ou aventureiro
> ha-de ser, ainda se enleia
> de alguma suprema idéa;
> e eu julgo, pela tardança,
> que ha-de vir D. Sancho Pança
> a merecer Dulcinéa.»

Nota-se esta approximação da obra de Cervantes, em outras composições.

O genero diagolado é vulgar, formando uma especie de scena popular, como se usa em Lisbôa no entrudo. Simulam-se scenas de desespero por não ir aos toiros, por se ser victima de quem vae, etc. Estes titulos dizem tudo:

«Nova relação da disputa que teve Gaspar Mendes, aprendiz de sapateiro, com seu mestre Godinho Henriques, e sua mulher Joanna Sigurelha, sobre o ir vêr os toiros.»

«Vozes do pranto com que uma mulher se queixa do marido porque lhe vendeu o manto e a saia, para ir com a sua amiga vêr os toiros. — Dialogo em que fallam a mulher e o marido.»

«Insultos do apetite com que uma mulher, desesperada, vendeu uma colcha que seu marido tinha em grande estimação, para ir vêr os toiros de um camarote.»

Censurando os auctores d'estes folhetos, appareceram outros que se intitulavam, por ex. : «Relação contra todas as relações que tem sahido impressas, depois que se fez publica a festividade de toiros. E elogios encomiasticos a todos os seus auctores — Sylva das Sylvas » Esta, começa :

«Ora vae diligente, amigo cego».

E vae criticando os outros folhetos, mas sem espirito nem arte. Depois, veem uns embargos a estes aggravos e embargos aos embargos; emfim, a exploração é grande e tem acceitação, pelo que se vê.

As franças, ou mulheres perdidas do «bairro do Mocambo», entram em altercações com os que assistem á toirada, com cartas em prosa e o costumado verso. Referem-se a isto muitas camposições, entre ellas : «Queixas de um casquilho contra as franças que, mijando no camarote, lhe deitaram a perder um chapéu de Pelusa e um vestido de Melania.»

Este titulo, só de per si, caracterisa o genero. Depois, vem a resposta que assombraria Bocage, não pela correcção do verso mas de nojo ou realismo.

Ainda ha outro genero, é o que simula dialogos com as estatuas: «Relação das perguntas que fez um pateta saloio, ás tres figuras que estão em cima da porta do Açougue Real, que são um carneiro, um boi e um porco ; em que lhe pedia lhe contasse o que succedera na segunda tarde de toiros, na praça do Terreiro do Paço de Lisboa.» Esta «Relação» mereceu as honras d'uma gravura muito mal feita e allusiva ao titulo. Começa:

«Pergunta

O saloio. — Conta-me, amigo carneiro,
O que dizes da função ?
R. Carneiro. — Digo que o toiro de fogo
Fez ir muita gente ao chão.»

A rima em *ão* é o forte d'estes poetas, n'isto se diz tudo.

Em prosa: uma «Carta que o carneiro e porco, que estão sobre o portico do Açougue, mandaram aos bois do toiril, ques-

tionando os seus esforços e as suas prosapias e a resposta que os toiros deram.»

Entabolou-se uma correspondencia, entre o Apollo do Terreiro do Paço e o Neptuno do Rocio, ácerca das toiradas que se faziam alternadamente, n'uma e n'outra praça, como vimos.

Foi assumpto muito explorado, mas sem espirito.

Tambem apparece uma «Nova carta que manda o Arco dos Pregos, com a resposta que recebe do Arco das Mentiras, em tantos de tal mez, de tal era, traduzida de grego no idioma portuguez» etc.

Vem, depois, as relações, em verso-prosa, das toiradas, sempre muito mal feitas e sem uma linha que se possa copiar, dizendo-se ser bôa.

Na «Relação jocoseria do que succedeu a terceira tarde de toiros, do Terreiro do Paço, na dança das couveiras, que, largando algumas aves, entre estas foi um passarinho a pôr-se na cabeça de uma senhora que estava em um camarote, junto ao marquez de Gouvêa.» Ha versos menos maus, transcrevemos, aqui, as tres decimas do fim :

«Este o motivo, leitor,
que me obrigou a contar
este assumpto singular
que foi de todo o primor,
e para melhor te expôr
o fundo do caso, agora,
foi que, lá, n'essa mesma hora,
que as regateiras bailaram,
muitos passaros largaram
que fugiram sem demora.

Um vi, por mais atrevido
que, sem que o bem reconheça,
lá se foi pôr na cabeça
de um sol mais raro e luzido ;
uns dizem, fôra detido,
outros, que se fôra embora ;
folguei de vêr n'esta hora,
tambem gostou toda a gente,
vêr o passaro, contente,
na cabeça da senhora.

Dizem, para lá fugiu,
muito alegre e mui contente,
para ali estar, juntamente,
com uma pôpa que ali viu,
tambem na flôr insistiu,
com todo o brio e primor,

porque, sem muito rigor,
com grande modo e carinho,
quem levasse o passarinho
levasse, tambem, a flôr.»

No original, lê-se :

«Outros, que se forão embora»

O plural é erro manifesto, por isso o emendamos.

A febre dos nomes raros para titulos, chegou a isto : «Cometa de fogo, ou finomeno (sic) terrestre, no infeliz successo com que se queimou e reduziu a cinzas o artificioso carro de fogo, na tarde de quatro de setembro e segunda do combate de toiros » Outro titulo, curioso: «Queixas do povo contra os ratos, pelo sacrilego atrevimento com que, na noite de 18 do presente mez, roeram os carros triumphantes, deixando em confusa desesperação os curiosos espectadores da taurifera festividade.»

Ficamos sabendo, por este titulo, que a actual *tauromachia*, era, n'esse tempo, *tauriferia*.

Na «Nova relação da festa de toiros, preços dos palanques» etc., lê-se :

«Custa o vêr matar um toiro
N'este Terreiro ou Rocio,
De qualquer logar sombrio
Mui pouco, moeda d'oiro,
Custa por mais certo agoiro
A trincheira do logar,
Tanto dinheiro, sem par,
Que pasma, hoje, o Mundo inteiro
Que homem dê tanto dinheiro
Para um toiro o esmagar.
Custa, o logar derradeiro,
Das cadeirinhas sombrias,
Qualquer, em qualquer dos dias,
A metade do dinheiro,
Mas quem não fôr lisongeiro
Dirá, hoje, em caso tal,
Vendo este preço fatal,
Que todo o que aqui se atreve
E' bem que em cadeira o leve
A vêr os toiros do Hospital.
Custa, de casa, uma vara,
Cinco moedas, não mais,
E são estas casas taes.
No Mundo, a coisa mais cara ;
Qualquer França, feita arara

Ou papagaio, ha-de estar
Ali, certa, ha-de ficar
De mil guapos assistida,
E, se estiver divertida,
Da bolça lhe ha-de custar.
Custa, da banda do mar,
A trincheira, dois mil réis,
Aonde sempre estareis
Bagas d'agua a destilar,
Custa a quem longe ficar
Lá mettido entre pontões
Feitos da vista, papões;
Finalmente, pois o vi,
Custa um assento, d'aqui,
Pouco: dezaseis tostões.
Custa, da banda fronteira,
Donde a porta está formada,
Por ser do sol esquentada,
Quartinho o estar á trincheira,
Lá na taboa redadeira
Que, de todo, não é má,
Qualquer que ali ficar vá,
Sem muita força ou desvio,
Se, acaso, quiser ter brio,
oito tostões pagará
Custa, por vêr os toirinhos,
E vêr tão bôas funções,
Não menos que oito tostões,
Trincheira dos passarinhos.
Os logares mais mesquinhos
Em que, ali, qualquer se assenta,
Se, acaso, alguem vêr intenta
Ou pertende ali ficar
Tenha, por certo, pagar
Quatro centos e oitenta.»

Esta noticia dos preços é muito interessante; explica-se a carestia, pela raridade das toiradas.

Corrobora a opinião d'outros narradores das toiradas, a que nos referimos, este titulo: «Novas alegrias do povo de Lisbôa. Contentamento universal da quarta tarde de toiros. Coral poetico e hislorico (sic) contra a hipicondria (sic) das festividades antecedentes.»

Deve lêr-se «historico».

As toiradas foram pessimas. Isto é corroborado por uma «Curiosa relação das graças e desgraças que dão as mulheres aos maridos, filhas aos paes, creadas ás amas, pela mercê de as deixarem ir vêr os toiros» etc., que, figurando uma creada a fallar com a ama, diz:

«CREADA : Senhora, fui vêr os toiros,
pouco a festa me agradou,
quem taes novilhos comprou,
bem merecia uns estoiros ;
pretos, raiados e loiros,
todos mansos pareciam ;
varias pessoas diziam,
d'aquellas que lá estiveram,
que para curro não eram,
só para carro serviam.»

E, um aprendiz de sapateiro, diz ao mestre :

«Sómente, um cego me disse .
não vira coisa ruim.»

A que figura de creada, diz, ainda :

«Do carro, não contarei,
mas direi, sómente, aqui,
aquillo que n'elle vi,
tudo o que n'elle notei,•
só na fama reparei,
que um mestre de França fez,
eu a vi por uma vez,
e julguei, com segurança,
que, se tinba o bom de França,
tambem tinba o mal francez.»

Confirma, tambem, o que já notamos n'outro logar. Isto refere-se, especialmente, ás toiradas de 1752.

Thomaz Gallo e Thomaz Pinto, com Thomaz Frango, formam um grupo de narradores, com graça e rima facil, ainda que não metrifiquem. Na «Nova e curiosa relação anti-primeira das memoraveis festas de toiros, carro triumphante, e noticia dos cavalleiros que hão-de toirear no Terreiro do Paço, escripta por Thomaz Frango, irmão gemeo de Thomaz Pinto, creadinho de vossa mercê» lê-se, no principio :

«N'uma tarde do quente e forte agosto
estava eu descansado e de recosto,
lá, n'um valle de flores muito bellas,
a quem (sic) todo este povo chama chellas,
entre os myrtos de Venus, assistido
das amadas lembranças de Cupido,
que, de amor, entre puras esquivanças
ficam, sempre, por magua, as esperanças.»

E, por aqui, vae caminhando, na esteira do lyrismo desconhecido dos outros fabricantes de narrações.

Arrastando-se no mesmo assumpto, apparece uma «Nova relação das rezingas que teve uma moça com uma velha sobre a (sic) vêr a funcção dos toiros na Praça do Rocio.»

Diz a moça: «eu não lhe hei de gastar senão o aluguel do camarote e umas roupas com que hei-de fazer a minha sécia». Sécia era o mesmo que tola; adjectivara-se e dizia-se: sécia ecclesiastico, sécia namorado, sécia fidalgo, sécia jarreta, sécia jacobeu, sécia lettrado; etc.; como se dissesse: fraquesa ou toleima de, querer semelhar-se a.

Na Bibliotheca Volante encontramos um folheto de 29 paginas, impresso em 1746, intitulado: «Diffinição da sécia», (25-8-22) merecia ser publicado na integra. O assumpto d'este estudo, não nos permitte que nos alarguemos ácerca do que se lhe refere muito indirectamente.

Manuscriptas, encontramos algumas composições, de pouca importancia, são decimas aos mesteres, que dançam na praça, e ao neto; um dialogo entre um extrangeiro e um «filho da Côrte»; petições de varias pessoas, aos chefes de familia, para irem vêr os toiros e «Protestos de 4 bairros da Cidade para não faltarem aos toiros.» Fallam o Bairro Alto, Cotovia, Mocambo, Alfama, Bairro de Santa Catharina; um requerimento das sécias aos seus amantes, para que estes as levem a vêr os toiros, e resposta.

Tudo isto transcreveriamos se lhe encontrassemos algum merecimento, mas é, sempre o mesmo *refrain*, sempre a mesma falta de espirito, sempre a exploração dos dez ou vinte réis.

Tambem apparecem «Lettras para minuete»; o genero é este:

«PRIMEIRA DAMA

Ai, minha mana,
estou perdida,
é triste vida
não ter real.
Vejo que ha toiros,
como sabemos,
se os não vêmos
ficamos mal.
Ser França pobre
é tyrannia,
nem francesia
póde brilhar.
Que, se deseja
mostrar franquesa,
sua pobresa
ha-de mostrar.» etc.

Restam-n'os, ainda, dois generos, um é elogioso, outro burlesco.

Do primeiro, encontramos: «Collecções dos versos que, no segundo triduo da festividade de toiros, lançou, pelo Terreiro, o carro a que chamavam Olimpo. — Primeira collecção em que se lêem todos os versos do primeiro dia, 18 de setembro. — Compostos por João Chrisostomo de Faria Cordeiro de Vasconcellos de Sá (Lisbôa. Anno do Senhor de 1752)». Este genero offerece novidade, ainda não o conhecemos, portanto, vamos estudal-o.

E', como dissémos, elogioso, elogioso só á pessoa do Rei, e ao Senado, pelo menos nas peças que conhecemos.

Começa por este:

«SONETO ACROSTICO

J Á, no tempo primeiro, em outra idade,
O Egypto em um Joseph o amparo teve,
S Abio, prudente, o regio solio obteve,
E M estranho zenith deu claridade.»

P Orém de vós; com singular vontade,
H Oje Lysia confessa a acção que deve
P Orque augmentos adquire no mais breve
R Espeitando, em vós, sacra magestade.

I Nda é pouco o que diz a nobre Fama
M Uita gloria divulga ao Orbe inteiro,
E Mais tem que dizer que quanto acclama.

I Sto será principio verdadeiro,
R Uina não terá na regia rama
O Reyno que alcançou Joseph Primeiro.»

Não é um modelo, mas não está de todo mau e fecha bem.

Segue-se um epigramma e uma mensagem de Jupiter e Juno, levada por Mercurio, ao Rei, ao Senado e ao Povo; estas composições são peores que os lemmas que ouvimos aos que bailavam.

«Ao Senado da Camara» existe um soneto que é feito a el-rei, isto é: offerecido a um e feito ao outro, o que succede muitas vezes; transcreveremos, finalmente, o

«EPIGRAMMA

Ao consulado romano,
Que nos circos presidia,
Hoje imita, n'este dia,
O Senado lusitano.
O festejo soberano

Não se imita facilmente,
Pois não verão promptamente
De Lisboa os moradores,
Tão prudentes vereadores
Tão maduro presidente.»

E, diz : «Fim da primeira collecção.»

Do genero burlesco encontramos: «Nova relação das peças e moveis que se empenharam por diversas pessoas para irem vêr os toiros, e de outras que, para o mesmo effeito, se venderam. Obra curiosa e fielmente recolhida das mais famosas palestras da Côrte, por um veterano sebastianista. d'ella apaixonado por novidades, que, para que os curiosos se divirtam, lh'as offerece, aqui, embrulhadas n'esta folha de papel. — Por Italus Graecus. Criado, já se sabe, de quem serve. (Calahorra : En la Impression de los Libros vieios.)»

Inventa, o auctor, que varias pessoas, que designa por officios, empenham aquillo a que mais querem ; serve só para dár uma idéa precisa do enthusiasmo pelas toiradas.

Tambem existe, d'este genero, uma «Relação verdadeira de todas as perdas, roubos e achados que houve e se fizeram nos primeiros tres dias de toiros, desde 28 de agosto, até 11 de setembro.»; começa :

«PERDAS

Manuel de Mello Cesar de Menezes Carro de Roxas Moniz e Alto, conde de Lerida, marquez de Gadanha e duque de Unhate, senhor de Pantana, alcaide mór de Funfia, commendador de Vasa Barris e cavalleiro professo na Ordem Xisxisbea: Perdeu um habito que estava avaliado em cem mil contos ; quem o achasse, e o quizer restituir, dará de alviçaras a commenda de Val de Cabrestos e uma arte de contar patranhas, para sacar dinheiro a tolos».

Como se vê, a redacção é contraria ao sentido : falta um «a» entre «contos» e «quem».

O auctor quer, evidentemente, referir-se a uma pessoa das casas S. Lourenço e Sabugosa, ligadas n'esse tempo; é allusão sem graça e, naturalmente, significando algum despeito. Algumas das que se seguem devem estar, mais ou menos, nas mesmas circumstancias; merecem um estudo especial ; leia-se, por ex. :

«Anacleto Paschoal da Silveira, casquilho rafado, perdeu um relogio de areia, com suas cadeias de canotilho de malva e um annel de madre perola, com seus brilhantes de azeviche, e, no meio, uma preciosa pedra lipis (sic) ; promette de alviçaras toda areia do mesmo relogio e uma arte de fazer calotes á casquilha».

Deve ser «toda a areia.»

«Desiderio Fagundes Lamprêa, homem de negocio, perdeu um maço de lettras de cambio que tinha para dar a risco; promette de alviçaras uns burzeguins feitos de ponta de veado, á sebastianista, e um cabaz de sorvas da sua quinta do Caes dos Moiros.»

As listas dos roubos e achados, são igualmente faltas de interesse.

E eis tudo quanto encontrámos (24-8-9 = 24-8-15 = 24-12-7 = 55-7 21 = 55-8-4 = 55-8-11), ácerca de toiradas, na Bibliotheca Volante que se encontra na Bibliotheca Real do Paço de Mafra.

*

* *

Fallámos de toiradas e de litteratura. Primeiro, estabelecemos parallelo entre as fórmas de toirear em Portugal e em Hespanha; depois, estudámos as toiradas em Portugal e a litteratura humilde que, em volta d'ellas, se formou, julgando encontrar um ponto de apoio, que achava n'outros generos.

Só nos resta esperar que este trabalho sirva para radicar, ainda mais, o sentimento da nossa autonomia nacional, e firmar os caracteres de um povo que ainda tem uma fórma propria de se divertir, assignalando as tradições da sua nobresa, nas toiradas.

NOTA

Os retratos, com as respectivas indicações, as vinhetas e as lettras iniciaes, que se encontram n'este trabalho, são independentes do texto; constituem a collaboração do dr. Henrique Anachoreta, a quem o offerecemos.

Só as gravuras das paginas 65 e 129 foram por nós indicadas; a primeira, no livro *Beschryving van Spanjen en Portugal*, by Pieter van der Aa (Leyden, 1707); tambem se encontra no tomo I de *La Galerie Agreable du Monde*, editada pelo mesmo livreiro, no mesmo logar; a segunda, no livro *Relation de la cour de Portugal sous D. Pedre II*, citado a pag. 118 d'este trabalho.

Antes de se subordinar á capital E, começava assim, a primeira parte: — A índole dos povos revela-se, especialmente, na maneira como se divertem.

Antes de se subordinar á capital A, começava assim, a segunda parte: — Tres annos depois.

Evitando a exposição geral, das erratas, pela facil percepção das alterações typographicas, aqui notaremos que: na 11.ª linha, de pag. 2, lê-se a palavra «tradições» com um «c» a mais; na pag. 7, na pag. 19, na pag. 20 e na pag 30 falta a palavra «de» entre as palavras «M.me» e «B****»; na pag. 16, in fine, depois de «logo», e antes de «Entretanto», deve lêr-se: «Dois outros ficaram mortalmente feridos, e quatro cavallos mortos ou feridos de morte.»; na 25.ª linha, de pag. 22, deve lêr-se um «b» inicial, e não um «h», na ultima palavra; na 16.ª linha, de pag. 28, deve lêr-se: «accentuada»; na linha 20.ª, de pag. 30, depois de «Senhor», não devem lêr-se aspas; na linha seguinte, está um «c» em vez d'um «e», na palavra «mez»; na 1.ª linha, de pag. 58, depois de fechar parenthesis, devem estar aspas; ibidem na 26.ª linha, de pag. 61; na linha 41.ª, de pag. 113, faltam dois pontos, depois das aspas; na linha 7.ª, de pag. 115, depois de «49», devem lêr-se dois pontos; na linha 42.ª de pag. 116, devem lêr-se dois pontos, depois de «1536»; na linha 8.ª, de pag. 118, deve lêr-se uma virgula, in fine; na linha 19.ª, de pag. 119, falta o «r» inicial; na linha 34.ª, d'essa pag., falta um «a» na palavra «pag.», e na linha 38.ª não deve haver lettra italica; na linha 25.ª, de pag. 126, depois de «perdida», deve lêr-se uma virgula, e um «e», em vez d'um «a», na palavra «caracterisou-se»; na linha 26.ª, d'essa pag., depois de «perder», deve lêr-se uma virgula; na 1.ª linha de pag. 127, deve lêr se: «tendo-a»; nas linhas 15.ª e 16.ª, d'essa pag.: «autonomia»; na linha 19.ª: uma virgula antes de «com»; e na linha 25.ª: «crêem»; ná linha 27.ª, de pag. 128, deve lêr-se: «descoberta».

Na rasão indicada, está o motivo porque não apontamos outras alterações.

Estando já impressas sete folhas d'este livro, fallámos d'elle, em 26 de dezembro de 1902, ao nosso amigo Conde de Sabugosa; dizendo-lhe qual o titulo adoptado, logo o Conde nos mostrou a *Revista de Portugal*, numero do 1.º de julho de 1889 e numero seguinte, onde publicou dois artigos interessantissimos, intitulados da mesma fórma. A bondade do Conde perdoou-nos o que se poderia sem estudo de causa, classificar de plagiato.

PREÇO 300 RÉIS